

Refletindo sobre a Prática Pedagógica em Educação de  
Infância e 1.º Ciclo do Ensino Básico: o contributo da  
Expressão Dramática para a criação de contextos de  
Escrita Criativa numa turma do 4.º ano

Relatório de Mestrado

Bárbara Janice Correia Santos

Trabalho realizado sob a orientação de:

Professora Doutora Maria de São Pedro Santos Silva Lopes

Leiria, abril de 2014

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA



## INTERVENIENTES NA PES

Professora Sónia Cristina Lopes Correia – Professora Supervisora de Creche, no 1.º semestre do 1.º ano.

Professora Doutora Marina Victória Valvez Faria Rodrigues – Professora Supervisora de Jardim de Infância, no 1.º semestre do 1.º ano.



*Sonho que agora te tornas real,  
Ser Educadora e Professora  
É possível afinal.*

*Longos anos de formação  
De sacrifício e motivação  
De esperança guardada na mão.*

*O sacrífico não foi em vão,  
Com muito apoio, amor e dedicação  
Frutos agora virão.*

*A vocês devo o que hoje sou,  
Se por vezes tive receios e medos  
Tudo se dissipou.*

*Tornei-me na mulher que hoje sou  
Fruto do vosso amor que perdurou  
Hoje sou quem sou  
E o meu grande sonho já vingou.*

*Bárbara Santos*



## AGRADECIMENTOS

Agradeço neste Relatório de Mestrado a todos aqueles que neste estiveram envolvidos e que para ele contribuíram, de forma direta ou indireta, apoiando e ajudando na realização do mesmo.

Agradeço aos meus familiares que, com muito amor e carinho, sempre me apoiaram ao longo de todo este tempo. Em especial à minha mãe, que todos os dias se esforça para que eu seja bem-sucedida na vida, para que esta me sorria, apoiando-me incondicionalmente em tudo aquilo que faço e a quem devo hoje aquilo que sou.

Ao meu pai, que sempre me mostrou o quanto é importante lutar pelos nossos ideais, e que em momentos de fraqueza me ajudou a levantar a cabeça e continuar.

À minha irmã, que durante todo este período me acolheu na sua casa, me apoiou nos momentos difíceis por que fomos passando, que tantas vezes me deu o seu colo para deitar a minha cabeça e adormecer com carinho.

Aos meus avós, tios, prima, cunhados, sogra e amigos que me apoiaram e me mostraram sempre que era possível.

Ao meu namorado, por o imenso amor, carinho, compreensão e paciência que sempre teve comigo nos momentos difíceis, acabando muitas vezes por não receber a atenção merecida. Agradeço-lhe por ser tão companheiro e por esperar por mim há tantos anos.

À minha amiga Cristelle que durante todo este mestrado me apoiou e ajudou, tanto na minha integração nesta nova instituição como ao longo de todo o mestrado e principalmente na elaboração deste relatório de mestrado, mostrando-se inteiramente disponível para me ajudar e apoiar em todas as dúvidas que foram surgindo, tendo sempre um tempo para mim e uma palavra amiga a dizer.

À Professora Doutora Maria de São Pedro Santos Silva Lopes, pela inteira disponibilidade que sempre demonstrou, pelo carinho com que sempre me acolheu, bem como pela dedicação demonstrada para que

este relatório de mestrado fosse conseguido, pois em momentos de pressão e de receios teve sempre uma palavra amiga para dizer e um excelente sentido de organização que me ajudou na minha formação.

Agradeço às minhas professoras, Sónia Correia e Marina Rodrigues, que me ajudaram a organizar todo o meu tempo, a estipular tarefas, a questionar as minhas ações e a compreender a minha Prática Pedagógica em contexto de Educação de Infância.

Agradeço também às duas Educadoras que acompanharam a minha Prática Pedagógica, Micaela e Sara, que me ajudaram a perceber um pouco mais o que é o papel de uma Educadora de Infância.

À professora Clara que me mostrou o fascínio daquele que é o 1.º Ciclo, com qual nunca tinha contactado, mostrando-se verdadeiramente disponível para me ajudar nas minhas dúvidas, mostrando-me por vezes onde errava e o que deveria fazer para melhorar, ajudando-me desta forma a crescer.

À professora Alda, pela excelente receptividade, confiança depositada e inteira disponibilidade em todas as situações, deixando-me inteiramente à vontade para experimentar, errar e aprender.

A todas as crianças que se cruzaram no meu caminho, que me mostraram como a profissão de Educadora de Infância e de Professora são tão bonitas e tão gratificantes, dando-me animo e alento mesmo nos dias em que parecia que o mundo tinha desmoronado, e onde um pequeno sorriso ou abraço me faziam “ganhar” o dia.

## RESUMO

O presente relatório surge no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Este contempla quatro práticas pedagógicas distintas, sendo elas a Creche, Jardim-de-Infância, 2.º e 4.º ano do Ensino Básico.

O relatório apresentado encontra-se dividido em duas partes. A Parte I correspondente à Dimensão Reflexiva, onde estão implícitos os quatro contextos anteriormente mencionados, evidenciando, de forma fundamentada e crítica, as aprendizagens realizadas, dificuldades sentidas e receios.

A Parte II diz respeito à Componente Investigativa, sendo que também esta se encontra organizada em diversas partes. A primeira parte corresponde ao enquadramento teórico, respeitante aos temas que fundamentam toda a dimensão investigativa. A segunda parte diz respeito à dimensão investigativa, onde é apresentada a questão de investigação à qual tentei dar resposta: *Qual o contributo da Expressão Dramática para a criação de contextos de escrita criativa?* A investigação apresentada contempla experiências relacionadas com a Expressão Dramática e a Escrita Criativa de vários géneros textuais, onde foram recolhidos e interpretados diversos dados que permitiram chegar a conclusões acerca do presente estudo. Os resultados apresentados mostram-nos o quanto a Expressão Dramática ao ser trabalhada de forma interligada com as restantes áreas de conteúdo, neste caso concreto com a escrita, contribui para a criação de contextos ficcionais que situam e contextualizam as atividades de escrita para as crianças, nos seus diversos géneros textuais.

### **Palavras-chave**

Escrita Criativa, Expressão Dramática, Jogo Dramático, Trabalho de Grupo.



## ABSTRACT

This report comes as part of the Masters in Preschool Education and Teaching 1. ° Cycle of basic education. This includes four distinct pedagogical practices, these being of Nursery, Garden - of - Childhood, 2.° and 4.° Grade of basic education.

The report is divided into parts. Part I corresponding to the Reflexive Dimension, which are implicit in the four aforementioned contexts: apprenticeships undertaken, difficulties encountered and initial fears.

Part II is related to the investigative component, and this is also organized in several parts. The first part corresponds to the theoretical framework relating to the themes that underlie all investigative dimension. The second part concerns the investigative dimension, where the research question to which I tried to answer is presented: What is the contribution of Dramatic Expression for creating contexts for creative writing? The research includes experiences related to Creative Writing and Dramatic Expression of various textual genres. The results show us how Dramatic Expression, when worked interconnected with other content areas, with writing in this particular case, contributes to the creation of fictional contexts that situate and contextualize the writing activities for children in its various textual genres.

### **Keywords**

Creative Writing, Dramatic Expression, Dramatic Play, Working Group.



# ÍNDICE GERAL

Intervenientes na PES.....	iii
Agradecimentos.....	vii
Resumo.....	ix
Abstract.....	xi
Índice de Anexos.....	xvii
Índice de Figuras.....	xix
Índice de Tabelas.....	xxi
Índice de Quadros.....	xxi
Introdução Geral.....	1
<b>Parte I – Dimensão Reflexiva.....</b>	<b>3</b>
Introdução.....	3
1. A minha Prática Pedagógica em Creche.....	5
1.1. O que é o contexto de Creche.....	5
1.2. Expetativas e Receios acerca da prática pedagógica de Creche.....	6
1.3. Organização do espaço sala e rotinas diárias.....	8
1.4. Relação estabelecida com a comunidade educativa.....	10
1.5. Dificuldades sentidas durante a prática pedagógica em Creche.....	11
1.6. Aprendizagens realizadas ao longo desta etapa.....	13
2. A minha Prática Pedagógica em Jardim de Infância.....	16
2.1. O que é o contexto de Jardim de Infância.....	17
2.2. Expetativas e Receios acerca da prática pedagógica em Jardim de Infância.....	18
2.3. Organização do espaço sala e rotinas diárias.....	19
2.4. Relação estabelecida com a comunidade educativa.....	20
2.5. Dificuldades sentidas durante a prática pedagógica em Jardim de Infância.....	21
2.6. Aprendizagens realizadas ao longo desta etapa.....	24
3. Balanço final sobre a Prática Pedagógica em Educação de Infância.....	25

4.	A minha Prática Pedagógica em 1.º Ciclo .....	26
4.1.	Receios acerca da prática pedagógica em 1.º Ciclo com uma turma de 2.º ano de escolaridade.....	27
4.1.1.	Relação estabelecida com a comunidade educativa.....	28
4.1.2.	Dificuldades sentidas, erros cometidos e superação dos mesmos .....	29
4.1.3.	Importância de planificar e suas potencialidades .....	31
4.1.4.	A Expressão Dramática e o seu contributo para uma melhor aprendizagem das crianças da turma de 2.º ano de escolaridade.....	33
4.1.5.	Aprendizagens realizadas ao longo desta etapa.....	35
4.2.	Receios acerca da prática pedagógica em 1.º Ciclo com uma turma de 4.º ano de escolaridade.....	36
4.2.1.	Relação estabelecida com a comunidade educativa.....	37
4.2.2.	Dificuldades sentidas, erros cometidos e superação dos mesmos .....	38
4.2.3.	A Expressão dramática e o seu contributo para uma melhor aprendizagem das crianças da turma de 4.º ano de escolaridade.....	40
4.2.4.	Aprendizagens realizadas ao longo desta etapa.....	43
5.	Balanco final sobre a Prática Pedagógica em 1.º Ciclo do Ensino Básico .....	43
	<b>Parte II – Componente Investigativa .....</b>	<b>45</b>
	Introdução.....	45
	1. Apresentação do estudo .....	47
	Capítulo I - Enquadramento teórico .....	49
	1. Artes na Educação .....	49
	2. O que é a Expressão Dramática.....	53
	2.1. Jogos Exploratórios e Dramáticos .....	55
	2.2. O Papel do Professor na Expressão Dramática .....	57
	2.3. Orientações Programáticas para a Expressão Dramática no 1.º Ciclo.....	59

3. Orientações Programáticas e Metas curriculares para a Escrita no 4.º ano de escolaridade .....	61
4. Escrita Criativa e a Expressão Dramática.....	64
Capítulo II - Metodologia de Investigação .....	69
1. Questão de investigação e objetivos específicos .....	69
2. Opções metodológicas .....	69
3. Instrumentos de Recolha de Dados .....	72
3.1. Observação direta e participante .....	72
3.2. Diário de Bordo e Videogravação .....	73
3.3. Documentos escritos dos alunos .....	74
4. Contexto do Estudo .....	75
4.1. Caraterização dos participantes .....	75
5. Descrição do Estudo .....	76
Capítulo III – Apresentação e Discussão dos Resultados.....	81
1. Análise e interpretação dos dados .....	81
2. Discussão dos resultados .....	90
Conclusões.....	93
1. Conclusões do Estudo.....	93
2. Limitações da investigação e recomendações .....	95
Conclusão do relatório.....	97
Referências Bibliográficas.....	99



## ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo I – Reflexão 1 de Creche.....	2
Anexo II – Reflexão 1 de Jardim-de-Infância .....	4
Anexo III – Reflexão 3 de Jardim-de-Infância.....	6
Anexo IV – Reflexão 4 de Jardim-de-Infância.....	8
Anexo V – Reflexão 10 de 1.º Ciclo I.....	10
Anexo VI – Reflexão 4 de 1.º Ciclo I.....	12
Anexo VII – Reflexão 12 de 1.º Ciclo I.....	15
Anexo VIII – Reflexão 1 de 1.º Ciclo II.....	17
Anexo IX – Reflexão 5 de 1.º Ciclo II .....	21
Anexo X – Reflexão 9 de 1.º Ciclo II.....	24
Anexo XI – Diário de bordo dia 07 de outubro de 2013 .....	27
Anexo XII – Guião da entrevista criada pelos alunos .....	30
Anexo XIII – Diário de bordo dias 14 e 15 de outubro de 2013 .....	31
Anexo XIV – Notícias escritas pelos alunos .....	36
Anexo XV – Diário de bordo dia 21 de outubro de 2013.....	37
Anexo XVI – Textos criados pelos alunos sobre os animais em vias de extinção.....	39
Anexo XVII - Diário de bordo dia 28 de outubro de 2013 .....	42
Anexo XVIII – Ata escrita pelos alunos.....	43
Anexo XIX - Diário de bordo dia 05 de novembro de 2013 .....	45
Anexo XX – Diário de bordo dia 18 de novembro de 2013.....	47
Anexo XXI – Registo das histórias criadas e improvisadas pelos alunos sobre o “Adamastor” .....	49
Anexo XXII – Diário de bordo dias 25 e 26 de novembro de 2013, 02 de dezembro de 2013 e 06 de janeiro de 2014.....	50
Anexo XXIII – Histórias finais escritas pelos alunos sobre a Formação de Portugal....	52
Anexo XXIV – Diário de bordo dia 13 de janeiro de 2014.....	54
Anexo XXV – Reflexões individuais dos alunos sobre o projeto de Teatro de Sombras .....	56



## ÍNDICE DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - As crianças a observar a tartaruga .....	14
<b>Figura 2</b> - As crianças a pegarem na tartaruga .....	14
<b>Figura 3</b> - Crianças a colocar cola na folha com o auxílio de um pincel .....	14
<b>Figura 4</b> - Crianças a colarem o algodão .....	14



## ÍNDICE DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - How drama helps address some common problems with writing.....	67
--	----

## ÍNDICE DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Guião de entrevista - 07 de outubro de 2013 .....	81
<b>Quadro 2</b> - Notícia - 14 e 15 de outubro de 2013.....	83
<b>Quadro 3</b> - Pautas musicais com palavras simples e complexas e texto dos animais em vias de extinção - 21 e 22 de outubro de 2013 .....	84
<b>Quadro 4</b> - Atas - 28 de outubro de 2013 .....	85
<b>Quadro 5</b> - Banda desenhada sobre a Reconquista Cristã e o Condado Portucalense - 05 de novembro de 2013 .....	86
<b>Quadro 6</b> - Registo das histórias improvisadas sobre o gigante Adamastor - 18 e 19 de novembro de 2013 .....	87
<b>Quadro 7</b> - Histórias criadas pelos alunos para o projeto sobre a Formação de Portugal - de 25 de novembro de 2013 a 07 de janeiro de 2014 .....	88
<b>Quadro 8</b> - Reflexão sobre o projeto de Teatro de Sombras – 13 de janeiro de 2014 ..	89
<b>Quadro 9</b> - Registo das histórias representadas em Teatro de Sombras - 14 de janeiro de 2014 .....	90



## INTRODUÇÃO GERAL

O Relatório da minha Prática Pedagógica surge no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico que decorreu na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais – Instituto Politécnico de Leiria.

Neste relatório estão implícitas duas partes distintas, uma Dimensão Reflexiva referente à Prática Pedagógica em contexto de Creche (Setembro de 2012/Outubro de 2012) e em contexto de Jardim de Infância (Outubro de 2012/Janeiro de 2013) e ainda uma Dimensão Reflexiva referente à Prática Pedagógica em contexto de 1º Ciclo do Ensino Básico (Fevereiro de 2013/Janeiro de 2014). A segunda parte corresponde à componente investigativa que contempla um estudo realizado em contexto de 1.º Ciclo do Ensino Básico com uma turma de 4.º ano de escolaridade, composta por 17 crianças com idades compreendidas entre os 8 e os 11 anos de idade.

Na primeira parte é apresentada a dimensão reflexiva correspondente às quatro práticas pedagógicas decorrentes ao longo de todo o mestrado, sendo elas a Creche, Jardim de Infância, 2.º e 4.º ano do Ensino Básico. Em cada contexto são abordados alguns pontos fundamentais do decorrer destas práticas, sendo eles uma breve definição do contexto em que foi realizada a prática pedagógica, a relação estabelecida com a comunidade educativa, as dúvidas e receios existentes, bem como as aprendizagens realizadas. Para tal, ao longo de todo o tempo, foram sendo realizadas várias pesquisas acerca de situações que iam ocorrendo, de forma a ser possível fundamentar situações verificadas e que ajudaram no desenvolvimento de competências por parte das crianças.

A segunda parte é referente à componente investigativa, onde é desenvolvido um estudo sobre o contributo da Expressão Dramática para a criação de contextos de escrita criativa de vários géneros textuais, referente à questão de investigação: *Qual o contributo da Expressão Dramática para a criação de contextos de escrita criativa?* Ao longo de várias semanas foram realizadas experiências envolvendo jogos exploratórios e jogos dramáticos, bem como experiências de escrita criativa sob a forma de vários géneros textuais, sendo pretendido verificar de que forma a Expressão Dramática seria potenciadora da escrita destes géneros textuais.

Ainda neste relatório estão contemplados diversos anexos, tais como, diário de bordo realizado semanalmente ao longo do estudo, sendo este escrito com recurso não só a observações realizadas como também à transcrição de partes de algumas videogravações nos momentos de jogo exploratório e dramático, tendo sido estes os instrumentos que permitiram a recolha e análise dos dados aqui apresentados. Também a recolha dos documentos escritos pelos próprios alunos, foi uma mais-valia para o retirar de conclusões acerca do estudo, sendo estes devidamente organizados, analisados e interpretados.

Para finalizar, este relatório contempla uma conclusão geral do relatório, abarcando as duas dimensões nele constante, a dimensão reflexiva e a componente investigativa, que dão um parecer geral sobre o que foram todas estas práticas pedagógicas e o que com elas aprendi.

# PARTE I – DIMENSÃO REFLEXIVA

## Introdução

Querer ser Educadora de Infância surgiu de um primeiro contato com crianças aquando da integração num curso de Assistente de Ação Educativa. Esse mesmo curso despoletou em mim uma enorme vontade de apoiar as crianças no seu desenvolvimento e aprendizagem, sendo eu parte integrante do mesmo e das suas respetivas aprendizagens. Até então nunca tinha pensado em ser Educadora, mas aquele ano mudou para sempre a minha vida. Após a realização deste curso seguiu-se a Licenciatura em Educação Básica e posteriormente o Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

A Licenciatura em Educação Básica possibilitou-me a aquisição de muitos conhecimentos científicos sobre o agir docente, a orgânica das escolas/instituições, sobre o desenvolvimento e aprendizagem das crianças ao longo da sua vida. Mas o Mestrado possibilitou-me aquilo que é para mim a parte mais importante na formação de uma Educadora de Infância e Professora de 1º Ciclo: a Prática Pedagógica.

A frequência neste mestrado veio ajudar-me a desenvolver diversas competências no âmbito da educação bem como aprofundar os saberes adquiridos, enriquecendo um conjunto de conceções anteriores. Ao longo destes anos de formação foram vários os focos de reflexão que tive em consideração na minha ação educativa, sendo que serão esses os que irão corresponder aos referentes que mencionarei ao longo desta dimensão reflexiva.

Esta primeira parte do relatório de mestrado corresponde, então, à dimensão reflexiva da prática pedagógica, sendo que a mesma teve lugar em contextos distintos.

O primeiro e o segundo contextos proporcionaram-me um contato com a realidade da Educação de Infância que contempla a Creche e Jardim de Infância. Seguiu-se o 1.º Ciclo onde se incluem duas experiências distintas, a primeira com uma turma de 2.º ano de escolaridade e a segunda com uma turma de 4.º ano. Em cada um dos contextos procurei evidenciar as aprendizagens mais significativas deste percurso, as aprendizagens são os referentes desta reflexão que se segue.



## **1. A minha Prática Pedagógica em Creche**

A Prática Pedagógica em Creche decorreu ao longo de cinco semanas numa instituição privada, do concelho de Leiria. Esta prática teve lugar durante o 1.º semestre do mestrado, com crianças de 2 anos de idade, sendo o grupo constituído por 18 crianças, 11 do sexo feminino e 7 do sexo masculino. Existia uma criança com necessidades educativas especiais mas tratava-se de um grupo bastante homogéneo em relação à idade e aos interesses.

Ao longo destas semanas de Prática Pedagógica realizei duas reflexões sobre as aprendizagens que estava a fazer neste contexto que, posteriormente, me permitiram elaborar uma reflexão crítica e fundamentada acerca de todo o trabalho desenvolvido. Desta forma, para a presente reflexão escolhi os seguintes referentes: o que é o contexto de Creche, expectativas e receios acerca da prática pedagógica de Creche, organização do espaço e rotinas diárias, relação estabelecida com a comunidade educativa, dificuldades sentidas durante toda a prática pedagógica em Creche e aprendizagens realizadas ao longo desta etapa

### ***1.1. O que é o contexto de Creche***

A Creche, de acordo com o que se encontra estabelecido no Artigo 3.º da Portaria n.º 262/2011 de 31 de Agosto “é um equipamento de natureza socioeducativa, vocacionado para o apoio à família e à criança, destinado a acolher crianças até aos 3 anos de idade, durante o período correspondente ao impedimento dos pais ou de quem exerça as responsabilidades parentais.”

Desta forma, a Creche é um estabelecimento educativo para as crianças entre os 0-3 anos e assume um papel fulcral no apoio às famílias na sua gestão da vida familiar com a profissional. Oferece às crianças momentos de sociabilização com a comunidade educativa bem como de desenvolvimento pessoal baseado num projeto pedagógico elaborado de acordo com cada criança onde esta é vista como um ser único (Portaria n.º 262/2011 de 31 de Agosto).

Mas, Gabriela Portugal (1998) acrescenta ainda que as Creches são “uma realidade e uma necessidade para milhares de famílias.” (p. 14) sendo que “surgem como um meio

de cobrir as necessidades das famílias que, frequentemente por razões económicas, não podem de outro modo realizar a educação das suas crianças” (p. 123-124).

A partir da minha experiência no contexto, para mim, a Creche é ainda um local de relação, de troca de afetos, criação de vínculos, laços afetivos que se constroem com os vários intervenientes da comunidade educativa. São estes vínculos que oferecem à criança estabilidade emocional, confiança, bem-estar psicológico, bem como lhes conferem segurança num espaço que lhes é desconhecido, sendo que todos podem contribuir para novas explorações, novas aprendizagens que são fundamentais para o desenvolvimento da criança.

Segundo Vieira (1998, p. 24) «Quando o aluno entra na escola é visto como um “boneco de cartão” que não tem conhecimento.» Contudo, em contexto de creche esta visão educativa não tem sentido. Em contextos de creche as crianças sabem, são competentes, têm ideias feitas sobre a realidade que as envolvem, e por isto, desta forma, cabe ao Educador respeitar e valorizar os conhecimentos que as crianças já trazem consigo, aproveitando as características individuais de cada uma e as suas vivências para a construção de novas aprendizagens.

O contexto de Creche deverá não só privilegiar as características individuais das crianças mas também o brincar, a experimentação, como fortes meios de aprendizagem para a criança, ao invés de se centrar numa metodologia de ensino escolarizada.

No contexto que tive a oportunidade de vivenciar, era muito notória a importância que tanto Educadora como Auxiliares davam à troca de vínculos afetivos, à relação que estabeleciam com as crianças, tanto em brincadeiras livres como em atividades orientadas e rotinas diárias. Era no dia-a-dia que podia observar, em cada momento, a confiança que estas depositam em nós como se fossemos o seu pilar, o seu porto seguro para ir mais além.

## ***1.2. Expetativas e Receios acerca da prática pedagógica de Creche***

A Creche desde sempre foi o contexto onde me imaginei inserida. De algumas vivências anteriores neste contexto surgiu a vontade de querer ser Educadora de Infância, até então nunca me havia surgido. Frequentei durante 1 ano um curso de Assistente de Ação Educativa, tendo realizado prática pedagógica em Creche durante seis semanas, e

foram estas seis semanas de contato com crianças desde 1 aos 3 anos de idade que despoletaram em mim este gosto por seguir a área da educação.

Até entrada neste mestrado, o único contexto com que havia realizado prática pedagógica foi o de Creche, sendo que Jardim de Infância e 1º Ciclo foram contextos totalmente desconhecidos por mim neste processo.

Ao chegar a esta nova cidade, vinda de uma realidade distinta, senti algum receio de como seria que tudo funcionava, pois antes havia estado numa universidade e agora iria frequentar o mestrado num politécnico, sendo que muitas vezes me questioneei sobre que diferenças existiriam. Logo de início percebi que no politécnico as coisas eram muito mais práticas, o que me deixou muito feliz, visto considerar que nós apesar de aprendermos muito com os conteúdos teóricos aprendemos muito mais quando os colocamos em ação, quando estes se tornam reais e isso deixou-me muito feliz mas, também, com muitos receios.

E agora o que vai acontecer? Que colegas irei encontrar? Será que me vão inserir no seu grupo? Como serão os docentes? Como funcionará o mestrado? Onde será que vou realizar a primeira prática pedagógica e quem será o meu colega de prática? Estes foram os meus primeiros receios. Fui bem acolhida, os docentes foram simpáticos e os colegas também contudo, todos se conheciam e na altura de se juntarem em grupos de prática fiquei de fora sendo que iniciei a prática pedagógica em Creche sozinha. Porém, após a primeira semana passei a ter colega de prática, sendo que também esta vinha de uma outra universidade e não nos conhecíamos.

O local de prática pedagógica onde iria ficar durante 15 semanas deixou-me muito feliz, pois apesar de não conhecer já tinha ouvido falar no mesmo anteriormente. Também o facto de iniciar esta prática em contexto de Creche me tranquilizou um pouco, pois era o contexto que melhor conhecia e no qual iria permanecer durante 5 semanas.

Quando cheguei à instituição no primeiro dia ia invadida de receios, medo de como iria ser recebida pelas crianças, pela Educadora da sala, pelas auxiliares, bem como por toda a comunidade educativa. Receio de como deveria agir e interagir com as mesmas, de como me deveria movimentar naquele que era o espaço daquela comunidade educativa e ao qual eu até àquele dia não pertencia. Bem, e os trabalhos que terei que realizar?

Como vou fazer a observação? Em que aspetos me devo focar? Nesta altura, senti receio de não fazer as coisas de forma correta e de não recolher os dados de que necessitava, pois não sabia quais as metodologias utilizadas pelas restantes colegas de mestrado, sendo que não possuía as mesmas bases e os conhecimentos que estas. Neste novo local de formação não conhecia professores, colegas, metodologias de trabalho, métodos de observação e recolha de dados, modelos de planificação e de reflexão. “E agora o que faço?”, pensei. Nesta altura decidi recorrer aos conhecimentos prévios que tinha, utilizei os materiais que possuía do curso de Assistente de Ação Educativa bem como da Licenciatura realizada na Universidade do Minho e ainda realizei algumas pesquisas. Quanto às reflexões utilizei como suporte o documento entregue no lançamento da Prática Pedagógica no qual havia referência às reflexões. Parti do conhecimento que trazia para procurar novos saberes, para desenvolver as minhas competências neste contexto. Sabia que iria aprender muitas coisas e vivia com esta expectativa.

Outros receios relacionados com este contexto foram sobre como seria esta Creche, questionando-me se o facto de ser uma instituição privada iria ser muito diferente da IPSS onde havia estado anteriormente, como seriam as crianças, de que faixa etária seriam, como me iriam receber, como seriam as suas rotinas diárias.

No primeiro dia fui bastante bem recebida por toda a comunidade educativa, as crianças vieram ter comigo e integraram-me de uma forma muito boa nas suas brincadeiras e na sua rotina diária. Também a Educadora da sala se mostrou muito disponível colocando-me plenamente à vontade para questionar tudo o que necessitasse não só em relação à sala mas a toda a instituição, sendo que nesse mesmo dia me mostrou todo o espaço da mesma. Com o passar dos dias os meus receios foram-se dissipando e comecei a sentir que a cada momento fazia mais parte daquele espaço.

### ***1.3. Organização do espaço sala e rotinas diárias***

Quando cheguei à sala no primeiro dia verifiquei que a organização do espaço era bastante semelhante àquele que já conhecia. A sala estava organizada por áreas, sendo que as diversas brincadeiras eram centradas em cada área específica, o espaço era amplo e o mobiliário era baixo de forma a corresponder às necessidades das crianças no qual se podiam movimentar livremente, explorando tudo ao seu ritmo e de acordo com os seus interesses o que consequentemente também acabava por permitir uma fácil gestão

da sala e do grupo de crianças por parte da Educadora e da Auxiliar. O espaço estava organizado e equipado de acordo com as necessidades das crianças de modo a lhes proporcionar conforto e bem-estar e criando oportunidades às crianças de se desenvolverem e de serem crianças. Tal era bastante visível ao entrar nesta sala, sendo que as crianças brincavam livremente num espaço que não oferecia perigo, onde tanto podiam interagir com os pares em brincadeiras mais coletivas, por exemplo na área da casinha, ou então estar num local mais calmo, a folhear um livro, na área da biblioteca. Existiam ainda outros espaços comuns a esta sala mas que também eram utilizados por outras crianças, sendo estes o espaço exterior, o refeitório e a casa de banho, onde tudo estava adaptado e pensado para as crianças e suas necessidades.

Era nestes espaços que se dava o desenrolar das rotinas diárias, sendo que muito do tempo que as crianças passam na Creche é preenchido por rotinas diárias, rotinas essas que passam por diversos momentos de higiene, de alimentação e de sesta, que preenchem grande parte do dia, sendo que também existem outras rotinas como o acolhimento, os momentos de atividades orientadas, individuais ou em grupo e ainda a exploração livre da sala e do espaço exterior em que as crianças realizam brincadeiras livres. Aprendi que todos estes momentos distintos tinham como base as necessidades e interesses das crianças e de cada criança em particular, onde a singularidade era respeitada. Eram desta forma então criados momentos de exploração livre, do espaço, dos materiais disponíveis, daquilo que com eles podiam fazer, momentos de socialização com o grupo de pares e com os adultos intervenientes, se assim o desejassem. Durante estas rotinas eram também trocados afetos entre adulto e crianças bem como entre as próprias crianças.

As rotinas diárias em crianças destas idades, no meu caso específico crianças com idades compreendidas entre os 24 e os 36 meses, são fundamentais e ocupam grande parte do seu dia, sendo que com elas as crianças aprendem muitas coisas e vão evoluindo enquanto seres humanos autónomos, que se vão tornando mais confiantes e seguros de dia para dia. Sendo que Post e Hohmann (2007, p. 195) defendem que

Quando o dia avança seguindo um percurso conhecido, as crianças podem sinalizar as suas necessidades individuais de alimentação, sono, higiene, mudar a fralda ou ir à casa de banho e, depois de participarem nestas rotinas de cuidados, podem juntar-se de novo ao decurso dos acontecimentos que interromperam.

A forma como este grupo de crianças estava já integrado nestas rotinas deixou-me bastante surpresa, pois não esperava que crianças tão pequenas já conseguissem ter noção de como decorria o seu dia-a-dia naquela instituição, naquele espaço. Para além disto, compreendi que cada momento de rotina, seja alimentação, seja higiene ou tempos de exploração livre é um tempo essencial para a aprendizagem das crianças. Compreendi que todos esses momentos têm intencionalidade educativa por parte dos educadores de infância e são pensados ao detalhe.

#### ***1.4. Relação estabelecida com a comunidade educativa***

Desde o primeiro dia, quando entrei na Creche e tive contato com as crianças que fiquei fascinada com as mesmas e com este contexto e mais uma vez tive a certeza que era este o caminho que queria seguir.

Quando cheguei ao contexto de Creche fui muito bem acolhida desde o primeiro momento por toda a comunidade educativa que desde logo se mostraram bastante disponíveis para tudo o que necessitasse, colocando-me à vontade para colocar qualquer questão e também para visitar a instituição e utilizar tudo o que estava ao dispor na mesma.

O acolhimento por parte das crianças foi muito bom, e ajudaram-me a superar os meus receios. Tal como pode ler-se na primeira reflexão de Creche:

(...) neste primeiro contato, as crianças perguntaram-me o meu nome, o que eu estava ali a fazer, se ia ficar muitos dias com eles e se teríamos muito tempo para brincar. A receção foi muito calorosa, houve crianças que vieram ter comigo logo com perguntas, e outras que preferiram ficar a observar tentando descobrir quem eu era. Foi então nesta sala, e com este grupo de crianças, que iniciei a minha observação mais atenta, disfrutando plenamente cada dia que tenho passado na presença destas, vivenciando novas experiências e gozando-as inteiramente com elas.” (R1 – creche, ver anexo I)

Também na sala foram muitos os momentos de troca de afetos entre adultos e crianças, que vivenciei e nos quais muitas vezes estive incluída, momentos esses em que existiam abraços, carinhos, reforço positivo quando as crianças alcançavam uma nova conquista, como por exemplo, conseguir fazer um puzzle completo, ou quando nos momentos de acolhimento as crianças tinham dificuldade em se separar dos seus familiares sendo arrançadas estratégias para que as crianças ficassem na sala sem chorar e indo tornando desta forma o momento de separação mais fácil. A relação estabelecida com as crianças é essencial para a aprendizagem das mesmas. Não são mimos por mimos mas mimos pela aprendizagem.

As relações que fui estabelecendo com cada criança foram evoluindo com o passar dos dias, sendo que foram vários os fatores que para isso contribuíram. Através de atividades de grande grupo e, também, individuais ou de pequeno grupo fui comunicando com as crianças e alcançando aos poucos a sua confiança. De dia para dia foram comunicando mais comigo, foram percebendo que estava ali inteiramente para elas e começaram progressivamente a pedir-me ajuda quando não conseguiam fazer alguma coisa, como encaixar algumas peças de lego ou construir a pista para os carros, ajuda para ir à casa de banho, para comer, para ser também eu alguém que participava nas suas brincadeiras. Desta forma, foram também ganhando confiança no que faziam exploravam e desenvolviam-se cada vez mais através das suas ações. Segundo Post e Hohmann, (2007, p. 13)

Nos programas High-Scope para bebés e crianças pequenas, os carinhos, os cuidados e as primeiras aprendizagens fluem da aprendizagem ativa por parte da criança e das relações de confiança com os que lhe prestam cuidados. O apoio para esta realidade é dado pelo trabalho em equipa dos adultos responsáveis pela sua educação, num ambiente envolvente com programas e rotinas centradas na criança.

E foi esta perspectiva que sempre tive das relações que se estabelecem com as crianças, relações essas que são potenciadoras de evolução no desenvolvimento ativo das crianças, sendo que sempre tive a preocupação de ao longo dos dias falar com as crianças com uma linguagem adequada, que fosse perceptível para elas, sempre as escutei, apoiei-as em tudo o que faziam e dava-lhes sempre um reforço positivo. Os vínculos que se foram estabelecendo foram aumentando e no final das cinco semanas foi muito complicado conseguir “deixar” aquela sala e aquelas crianças quando tanto ainda havia para vivenciar.

### ***1.5. Dificuldades sentidas durante a prática pedagógica em Creche***

Quando cheguei à sala de Creche, logo no primeiro dia, no horário do almoço, deparei-me logo com uma dificuldade que me deixou um pouco embaraçada e sem saber o que fazer. Como estas crianças ainda eram muito pequenas existiam algumas que ainda não conseguiam comer sozinhas, e assim, durante o almoço a educadora e a auxiliar ajudavam estas crianças. Nesse dia também eu quis ajudar as crianças mas essa tarefa não foi propriamente fácil com algumas crianças. Após a reflexão conjunta percebi que era normal, pois não me conheciam, eu era uma pessoa estranha para o grupo. Com o passar dos dias esta dificuldade foi completamente ultrapassada e as crianças começaram a confiar em mim contudo, ao mesmo tempo, para além de eu superar esta

dificuldade as crianças começaram a evoluir e quase já não necessitavam de ajuda do adulto para comer.

Uma outra dificuldade por que passei foi o conseguir cativar as crianças em todas as propostas educativas, sendo que nem em todas o consegui, pois existiram propostas em que a forma como as implementava levava a que passado algum tempo as crianças começassem a dispersar o que levava a que por vezes entrasse em pânico e ficava sem saber o que fazer, que estratégias deveria utilizar. Contudo, com o passar dos dias fui conseguindo gerir melhor o tempo que as atividades demoravam, a forma como as abordava também foi modificando, pois apercebi-me que se as coisas surgissem com alguma novidade (uma magia, surpresa, espanto...) as crianças ficavam mais entusiasmadas com as mesmas. Para além disso, também percebi que estas atividades não poderiam ser muito prolongadas.

Quando estamos com crianças tão pequenas como as de Creche, em que a sua faixa etária, no meu caso específico, eram crianças com 2-3 anos, é fundamental a comunicação verbal e a não-verbal, ressaltando-se a não-verbal visto que o nosso corpo possui uma linguagem muito mais representativa daquilo que queremos transmitir do que as palavras que possamos verbalizar. Esta foi mais umas das grandes dificuldades por que passei mas foi também um dos aspectos que fui tentando melhorar, pois como sou uma pessoa um pouco tímida e fechada torna-se para mim difícil expressar-me corporalmente, e sei que ainda preciso de trabalhar muito, pois a expressividade é fundamental quando trabalhamos com crianças. Tenho que aprender a soltar-me mais e a interagir mais e mais com as crianças para que estas se sintam bem comigo, se sintam seguras e que saibam que podem contar comigo para tudo enquanto estão fora do seu meio familiar e, principalmente, que percebam o quanto elas são importantes e fundamentais na minha vida. Deixei de aprender por não arriscar mais. A expressividade é desta forma um dos aspectos que deverei melhorar e trabalhar durante a minha atuação com crianças, para que através da mesma as crianças me percebam melhor e até acabem por desfrutar mais das atividades propostas.

Devido à minha forma de ser, muitas vezes retrai-me em relação aquilo que gostava de fazer acabando por me fechar e não questionar a Educadora Cooperante, tendo receio de me “intrometer” demasiado no trabalho da mesma, naquele que é o seu espaço e local

de trabalho, tornando-se complicado colocar ideias que tinha em prática por não querer “passar por cima” de nada nem de ninguém pois sei, e compreendo, que as Educadoras possuem o seu projeto de sala e as suas ideias, querendo cumpri-lo. Contudo, sei que sempre fui colocada à vontade para questionar tudo o que quisesse, mas devido à minha forma de ser e de pensar acabei por não o fazer e me prejudicar a mim mesma

### ***1.6. Aprendizagens realizadas ao longo desta etapa***

Com o decorrer destas cinco semanas em contexto de Creche foram várias as aprendizagens que fui fazendo relativamente a esta faixa etária, à forma como se desenvolvem e como aprendem.

Através das observações que fui fazendo ao longo de todos estes dias, tanto durante os momentos de atividade orientada como de atividades livres e até momentos de higiene e de alimentação, aprendi que para as crianças a curiosidade é o maior estímulo e alicerce para as atividades que desenvolvem e também para o seu desenvolvimento e aprendizagem. As crianças aprendem por elas próprias, ou seja, aprendem através das suas experiências, de tentativa e erro, das brincadeiras que elas próprias criam, das observações que fazem, mas não só, estas também aprendem através de estímulos a que são sujeitas, sendo que neste caso será o educador que tem um papel fundamental nos estímulos que proporciona à criança, nas atividades que lhe proporciona. Aprendi que as atividades deverão ter em conta cada criança, de uma forma individual, devendo o educador ter sempre presente que cada criança é um ser único com as suas capacidades e dificuldades. A criança também se desenvolve de acordo com os objetos que são colocados ao seu dispor na sala e das atividades que nesta são propostas, sendo que nesta sala sempre verifiquei que nunca era tirado às crianças o desafio da iniciativa própria, sendo-lhes sempre dado o espaço necessário para poderem explorar e aprender por si próprias.

Ao longo desta prática pedagógica, foram algumas as propostas que levei para o grupo. Nestas propostas educativas existiram as que correram muito bem e nas quais era visível o entusiasmo e envolvimento das crianças. Por exemplo, quando levei para a sala uma tartaruga, a comida para a mesma e o aquário onde esta iria ficar, as crianças ficaram delirantes com aquele novo animal e todos queriam pegar-lhe e dar-lhe de comida. Combinamos que todos iriam ter oportunidade de a segurar bem como de lhe dar

comida, e todos os dias não só no horário que combinamos para tratar da tartaruga como durante todo o dia as crianças pediam para observar a tartaruga (Figura 1) e para a agarrar (Figura 2) e sempre que alguma criança pedia as outras rapidamente se juntavam para disfrutar daquele momento.



**Figura 1** - As crianças a observar a tartaruga



**Figura 2** - As crianças a pegarem na tartaruga

Mas também existiram atividades que correram menos bem, onde as crianças facilmente se saturaram, como foi o exemplo de cobrir o desenho de um coelho com algodão, em que algumas crianças se mostraram muito reticentes em mexer no mesmo, acabando por não querer realizar a atividade. Para além deste fator que não correu muito bem existiu ainda um outro que me fez aprender que as propostas educativas devem ser vividas pelas crianças e que as devemos deixar explorar ao máximo, o que não aconteceu, pois estava demasiado preocupada com o tempo que tinha e com o facto de querer que todas as crianças fizessem e terminassem naquele mesmo dia. (Figuras 3 e 4)



**Figura 3** - Crianças a colocar cola na folha com o auxílio de um pincel



**Figura 4** - Crianças a colarem o algodão

Foi, também, com erros que ocorreram ao longo de algumas propostas que fui evoluindo e aprendendo com os mesmos. E foi aqui, onde ainda estou em aprendizagem, que sabia que devia experimentar e que se alguma coisa corresse menos bem iria servir para eu aprender e tirar o melhor disso para em intervenções futuras não repetir.

Também aprendi que devemos valorizar a aprendizagem ativa e o tempo de escolha livre. Pouco a pouco fui evoluindo, e tentei sempre valorizar não só nas minhas planificações como também nas minhas intervenções estas duas dimensões. Nem sempre o devo ter conseguido concretizar plenamente, pois por vezes com o nervosismo, com a falta de experiência e pelo facto de estar a ser avaliada, existiram coisas que certamente não foram perfeitas. Contudo, fiquei sensível a estas realidades. De acordo com Post e Hohmann (2007, p. 22)

A construção de um ambiente de aprendizagem ativa para bebés e crianças até aos três anos significa ter em conta as suas necessidades – necessidades sociais e emocionais de segurança e companhia; necessidades físicas de nutrição, cuidados corporais, descanso, movimento e proteção; necessidades cognitivas, de oportunidade de fazerem escolhas, explorarem materiais interessantes e experimentarem uma diversidade de desafios; e necessidades sociolinguísticas de comunicarem os seus desejos e descobertas a interlocutores adultos e crianças.

Foram desta forma muitas as coisas que fui sentindo necessidade de aperfeiçoar e também de aprender ao longo do meu percurso neste contexto. As minhas aprendizagens passaram em muito pela criação de estratégias, sobre o meu posicionamento na sala, a capacidade de observar e registar dados importantes e avaliar os mesmos, recolher evidências do desenvolvimento das crianças, conseguir encontrar fundamentação teórica que me esclarecesse em relação a determinados comportamentos e reações das crianças, sendo que esta foi uma grande aprendizagem que fiz e a qual fui melhorando, mas consciente de que ainda tenho um grande caminho a percorrer neste âmbito.

Quanto ao posicionamento na sala esta foi uma grande aprendizagem que fiz, pois no início desta prática fui chamada à atenção para este aspeto pela professora supervisora. Num dia de manhã estava eu a brincar com as crianças e a auxiliá-las na construção de uma pista para carros e coloquei-me completamente de costas para as restantes crianças que se encontravam a brincar nos outros espaços da sala. Na reflexão feita tomei consciência do quanto o posicionamento na sala é fundamental e percebi que naquele momento em que me coloquei naquela posição muitas coisas poderiam ter acontecido sem eu dar conta, como uma criança magoar-se ou magoar algum amigo. É certo que na altura certamente nem tive consciência disso e que também sabia que não estava sozinha na sala, mas poderia estar e nunca iria poder adotar aquele posicionamento. Desde esse dia que passei a ter em conta o lugar onde me posicionava, escolhendo sempre um local onde podia brincar e ajudar as crianças na mesma, mas também onde

conseguia ter uma visão global de tudo o que acontecia ao meu redor, intervir quando existissem conflitos entre o grupo de pares, dar maior resposta às necessidades individuais de cada criança. Desta forma, desde esse dia, tentei sempre, tanto na realização de propostas educativas como quando fazia algum jogo com as crianças ou alguma outra coisa, nas suas brincadeiras livres, posicionar-me num local onde conseguisse ter perceção de toda a sala, de todas as crianças e de tudo o que acontecia ao meu redor.

Uma outra coisa que penso ter ido melhorando foi a criação de estratégias para conseguir gerir as crianças em grande grupo. O grupo era bastante grande tornando-se difícil de evitar a confusão e os conflitos. Algumas dessas estratégias passaram por cantar canções, dividir tarefas com a minha colega de prática, usar a expressividade para cativar a sua atenção, levar para a sala atividades que despertassem o interesse das crianças.

Também em relação às planificações que fui fazendo fui percebendo o quanto era importante pensar em estratégias para envolver as crianças, para que as crianças encontrassem significado no que faziam e tivessem interesse. Fui percebendo que as experiências tinham de ser importantes e interessantes para as crianças e não para mim. Contudo não foi bem o que fiz, não pensei muito em estratégias previamente mas sim arranjei-as aquando da realização das atividades. Percebi que, por vezes, são as palavras que utilizava e a forma como me expressava que não estava bem conseguida e que bastava mudar isso mesmo para as coisas passassem a ter significado e interesse para as crianças. O facto de ir conhecendo, a cada dia que passava, melhor cada criança, fez com que existissem melhorias da minha parte, conseguindo comunicar melhor com cada criança, estabelecer conversas com elas, que fossem para estas importantes. Assim, ao conhece-las fui-as compreendendo melhor e elas a mim, o que facilitou a gestão de todo o grupo de crianças.

## **2. A minha Prática Pedagógica em Jardim de Infância**

A Prática Pedagógica em Jardim de Infância decorreu ao longo de dez semanas numa instituição privada, do concelho de Leiria (a mesma que o contexto anterior). Esta prática teve lugar durante o 1.º semestre do mestrado, com crianças de 3 anos de idade, sendo o grupo constituído por 27 crianças, 11 do sexo feminino e 16 do sexo masculino.

Ao longo destas semanas de Prática Pedagógica realizei reflexões semanais bem como planificações que me permitiram elaborar uma reflexão crítica e fundamentada acerca de todo o trabalho desenvolvido bem como organizar as propostas educativas. Desta forma, para a presente reflexão escolhi os seguintes referentes: o que é o contexto de Jardim de Infância, receios acerca da prática pedagógica em Jardim de Infância, organização do espaço e rotinas diárias, relação estabelecida com a comunidade educativa, dificuldades sentidas durante toda a prática pedagógica em Jardim de Infância e aprendizagens realizadas ao longo desta etapa.

### ***2.1. O que é o contexto de Jardim de Infância***

De acordo com o que se encontra estabelecido no Decreto-Lei n.º 542/79 de 31 de Dezembro, no Artigo 1.º

A Educação pré-escolar é o início de um processo de educação permanente a realizar pela acção conjugada da família, da comunidade e do Estado, tendo em vista:

- a) Assegurar as condições que favorecem o desenvolvimento harmonioso e global da criança;
- b) Contribuir para corrigir os efeitos discriminatórios das condições sócio-culturais no acesso ao sistema escolar;
- c) Estimular a sua realização como membro útil e necessário ao progresso espiritual, moral, cultural, social e económico da comunidade.

Ainda segundo este mesmo Decreto-Lei o Jardim de Infância é então um estabelecimento educativo com um papel fulcral na educação das crianças dos 3 aos 6 anos de idade, contribuindo para a estabilidade e segurança das mesmas, sendo que este estabelecimento tem em vista favorecer a aprendizagem coletiva ou individual das crianças, o melhoramento das suas capacidades de comunicação, despertando a curiosidade pelo meio circundante e a comunidade que nele está englobada. A família deverá ter sempre um papel bastante ativo e permanente no processo educativo das mesmas, existindo também um desenvolvimento gradual das crianças no que concerne à sua autonomia a todos os níveis, sejam eles na sua higiene, alimentação ou atividades propostas, sendo tudo isto também conseguido através de rotinas diárias que estão bastante presentes nesta faixa etária (Decreto-Lei n.º 542/79 de 31 de Dezembro, Art. 2.º).

Desta forma, no Jardim de Infância são vários os elementos da comunidade educativa que estão envolvidos numa mesma finalidade, finalidade essa que será proporcionar

momentos prazerosos às crianças adequados às suas necessidades. Para ajudar em todo este processo educativo o Educador tem ao seu dispor, contrariamente ao que acontecia em Creche, as Orientações Curriculares para a Educação disponibilizadas pelo Ministério da Educação. Tal como o nome indica este documento apoia e orienta o Educador na sua planificação diária das propostas educativas que proporciona às crianças, na organização do tempo e do espaço (sempre de acordo com os interesses e necessidades das crianças) bem como a forma como avalia as crianças.

## ***2.2. Expetativas e Receios acerca da prática pedagógica em Jardim de Infância***

Após ter saído da sala de 2 anos, uma sala de Creche e passar para a sala de 3 anos, sala essa de Jardim de Infância, voltei a ser invadida de receios. Novamente me questionei sobre como tudo iria correr, como iria ser recebida pelas crianças, pela Educadora e pela auxiliar, receio das diferenças que iriam existir e de como deveria agir e interagir com as mesmas, que estratégias deveria utilizar nas atividades que iria propor mas também para fazer parte integrante daquela sala.

Sabia também que neste contexto as coisas já iriam ser diferentes, as planificações iriam ser em maior número assim como as reflexões que iriam passar a ser semanais. Para me ajudar a ultrapassar todos estes medos, sabia que tinha o período de observação, e que com o mesmo poderia aproveitar para não só observar o espaço, as rotinas, mas também para observar as crianças e conhecê-las melhor, bem como dar-me a conhecer às mesmas e integrar-me naquele espaço que era delas.

Sabia que a forma como teria de planificar se iria complexificar e nesta altura tive receio de não conseguir interligar os vários itens da planificação, de não conseguir definir devidamente a intencionalidade educativa e as competências de acordo com as propostas educativas bem como se as estratégias que iria utilizar seriam as mais adequadas de forma a dar resposta aos interesses das crianças. Sabia que todos estes fatores teriam que se encontrar interligados e estar devidamente adequados ao contexto em que eram implementados.

Também nesta altura os receios em relação à instituição e à realização da observação que teria que fazer já eram bastante menores, pois esta era exatamente a mesma do contexto de Creche e agora apenas teria que me focar mais na própria sala de 3 anos e

nas crianças da mesma, sendo que em relação a todo o restante apenas teria que melhorar o trabalho que já havia realizado anteriormente. Desta forma, com o passar dos dias fui sendo integrada naquele novo contexto por toda a comunidade educativa, sendo que foram as crianças as principais responsáveis pelo dissipar de todos os meus receios e dúvidas.

### ***2.3. Organização do espaço sala e rotinas diárias***

Quando soube que ia para a sala dos 3 anos de idade questionei-me sobre a forma como o espaço estaria organizado e como tudo funcionaria ali. Escrevia essas reflexões desta forma:

Como estaria dividido? O que existiria lá dentro? Quais as diferenças da sala de dois anos para a sala de três anos?

Foram várias as diferenças que encontrei. A sala, tal como a de dois anos, estava dividida por áreas, mas esta onde agora me encontro a estagiar, tem mais áreas, é uma sala bastante mais preenchida em termos espaciais. As crianças já possuem ao seu dispor materiais para fazerem atividades de expressão plástica de forma autónoma, por exemplo, nesta área, existem folhas de desenho disponíveis e também canetas de feltro que as crianças podem utilizar livremente.

As crianças aqui já se centram mais na atividade que pretendem fazer, e sabem onde a devem fazer, ou seja, a título de exemplo temos os blocos da área das construções que não saem da mesma. Quando uma criança quer brincar com determinado objeto, sabe o sitio onde está esse mesmo e que pode brincar com ele ali, o que não se verificava na sala dos dois anos. Aqui as crianças já possuem uma noção espacial e de organização mais vincada. (R1 – Jardim de Infância, ver anexo II)

Já no que diz respeito às rotinas diárias, estas eram muito semelhantes às de Creche, contudo apesar de em ambas existirem quatro momentos de higiene estes já eram momentos em que não era tão necessária a nossa intervenção, pois as crianças já eram mais autónomas sendo que apenas era necessário que controlássemos o número de crianças que iam à casa de banho de cada vez, bem como aquilo que nela faziam para que não se gerasse confusão mas sim situações de aprendizagem.

Uma outra diferença nestas rotinas eram os horários de refeição, pois enquanto que em Creche estes eram os primeiros a ir almoçar ou lanchar, por serem mais pequenos, em Jardim de Infância as crianças já iam almoçar e lanchar um pouco mais tarde. Nesta sala o acolhimento já não era feito na própria sala mas sim no pavilhão onde os pais chegavam e deixavam os seus filhos junto da Educadora ou da Auxiliar e só depois é que nos deslocávamos até à sala, onde era feito o acolhimento das restantes crianças que ainda não tivessem chegado. Depois, na manta, em grande grupo, eram introduzidas as

atividades que iriam ser desenvolvidas durante o período da manhã, pois durante a tarde já não existiam atividades orientadas, podendo as crianças brincar livremente no espaço de sala, nas várias áreas.

#### ***2.4. Relação estabelecida com a comunidade educativa***

Quando cheguei a esta sala ia com algumas expectativas em relação a este contexto, sendo que uma delas era a forma como iria relacionar-me com as crianças, com a Educadora e com a auxiliar. Os primeiros dias que iria passar com estes eram dias de observação sendo que o meu objetivo primordial era acompanhar o desenvolvimento destas crianças, tentando desta forma conhecer um pouco cada uma na sua individualidade para que futuramente conseguisse levar para a sala propostas educativas que fossem significativas para as mesmas. Ao longo destes dias estive atenta às capacidades das crianças tentando ao mesmo tempo criar laços de afeto e confiança com as crianças, tal como se pode ler na primeira reflexão que fiz em contexto de Jardim de Infância

Observando e interagindo em simultâneo tentei estabelecer laços afetivos com as crianças de forma adequada, tendo expectativas realistas, pois com umas crianças a aproximação é mais fácil do que com outras. Posteriormente tentarei oferecer às crianças atividades apropriadas, e destas tirando ao mesmo tempo prazer aquando da partilha de vivências do seu dia-a-dia. (R1 – Jardim de Infância, ver anexo II)

Durante os dias destinados à observação não só observei como também estive envolvida em tudo o que acontecia ao longo do dia, e desta forma fui conhecendo cada vez melhor as crianças. Segundo Ferland (2006, p. 27) “Seguindo no dia-a-dia a criança que desperta para os que a rodeiam, que adquire novas competências e que exprime a sua individualidade, o adulto torna-se a testemunha privilegiada dessa aventura extraordinária de um ser humano em desenvolvimento.”

A receção por parte das crianças foi muito boa, tendo ao longo destes dias conseguido interagir com as mesmas nas suas brincadeiras, nas propostas educativas, bem como nas rotinas diárias, claro que com exceção de algumas crianças ao início, pois enquanto umas crianças vieram logo ter comigo outras ficaram um pouco mais apreensivas com a minha presença. Com esta convivência fui tentando desvendar então as necessidades e interesses de cada criança, as suas personalidades, temperamentos, o estágio de

desenvolvimento em que se encontravam, pontos fortes, a forma como se relacionavam com o grupo de pares e também com os adultos.

Mas ao longo dos dias não foi só com as crianças que interagi, também interagi com a Educadora, com a auxiliar, cooperando com as mesmas diariamente, em todas as tarefas, pois tanto a Educadora como a auxiliar sempre me colocaram à vontade para integrar e interagir em tudo o que faziam. Apesar de toda esta disponibilidade por vezes tive receio de me “intrometer demais” no seu trabalho, fazendo-o claro de uma forma involuntária, apenas com o intuito de ajudar. Para além da comunidade educativa já referenciada, também contatei com os familiares das crianças nos momentos de acolhimento e de partida, bem como com os restantes funcionários desta instituição que me acolheram da melhor forma possível.

### ***2.5. Dificuldades sentidas durante a prática pedagógica em Jardim de Infância***

Nem tudo foi fácil ao longo destas dez semanas de prática pedagógica em contexto de Jardim de Infância, e as dificuldades por que passei foram algumas, mas também foram estas que tive que superar e com as quais aprendi.

No início das semanas de intervenção foi-me solicitado tanto a mim como à minha colega de prática que explorássemos o Dia Nacional do Pijama, sendo que para o mesmo existiam propostas de atividades para realizar com as crianças anteriormente ao próprio dia Nacional do Pijama como também para esse dia, propostas essas que passavam inicialmente por contar uma história às crianças sobre o mesmo, história essa que constava num livro que nos foi entregue. Nesse dia ao ler a história apercebi-me que esta era muito extensa e que tinha vocabulário muito complexo para crianças de 3 anos. E agora o que faço? Esta foi a minha primeira dificuldade, peguei da história dei voltas e mais voltas ao texto, li e reli muitas vezes e acabei por resumir a mesma da forma mais simples possível. Para que também fosse mais fácil de as crianças entenderem a mesma construí cenários e as personagens da história e decidi que esta seria representada para o grupo. Apesar de considerar que esta estratégia correu muito bem e que as crianças adoraram logo de seguida uma outra dificuldade surgiu, tinha que explicar às crianças o que era este dia e não o consegui fazer sendo que

(...) a Educadora viu necessidade de intervir e de passar informação às crianças que eu não consegui transmitir. Nessa altura eu senti que era de facto inexperiente e que necessito de experimentar mais situações destas e aprender com as minhas falhas e com a observação do que foi dito pela Educadora. Nesta situação específica, eu senti-me um pouco perdida, sem saber bem o que dizer pois tive medo de transmitir ideias às crianças que elas não entendessem, será que crianças com 3 anos de idade conseguem entender que existem crianças que vivem em casas de acolhimento, sem os seus pais?! (R3 – Jardim de Infância, ver anexo III)

Mas esta não foi a única dificuldade que senti neste conjunto de propostas relacionadas com este dia, pois uma outra coisa que era proposto pela EDP, entidade responsável por esta iniciativa, era a construção das “Casas do Pijama” sendo que envolvia algumas técnicas de expressão plástica, tais como, recorte, dobragem e colagem, sendo que as casas eram demasiado pequenas para estas crianças conseguirem recortar e as dobras teriam que ser muito precisas para que a montagem das casas fosse possível. Questionei-me sobre o que fazer, e apesar de não achar que fosse correto realizar esta atividade com as crianças, acabei por recortar as casas e fazer a dobragem, sendo que depois as crianças apenas colocavam a cola, o que acabou por não ter significado para elas. Tudo isto me levou a pensar sobre o tipo de iniciativas que são propostas aos educadores, mas que muitas vezes não são devidamente adequadas ao grupo de crianças.

Uma outra dificuldade por que passei neste contexto foi em gerir o grupo de crianças em algumas situações que foram ocorrendo e para as quais não estava devidamente preparada. Um exemplo foi um dia durante o horário da manhã as crianças iriam para a natação, e como era hábito traziam já de casa vestidos os fatos de banho. Contudo, nesse mesmo dia não foi possível haver natação tendo nós que trocar as crianças, pois não iriam passar o dia com os fatos de banho vestidos. As crianças ficaram muito agitadas, o que me levou a pensar se tal se teria devido ao facto de se ter quebrado uma rotina, e esta agitação foi um pouco difícil de gerir por mim. Na verdade, enquanto a Educadora foi mudando a roupa às crianças eu tive que pedir às crianças que arrumassem a sala e se fossem sentando no tapete enquanto os colegas estavam a trocar de roupa. Claro que com algumas crianças isso foi fácil mas com outras nem tanto o que fez com que me sentisse exausta, mas ao mesmo tempo no final fiquei muito feliz por ter ficado sozinha com aquelas crianças na sala e ter conseguido que tudo se organizasse para continuarmos o nosso dia.

Esta capacidade de gestão do grupo de crianças foi uma dificuldade que me acompanhou ao longo de algum tempo, pois era um grupo grande e tornou-se muito complicado conseguir que tudo fosse feito da melhor forma quando estamos sozinhas com tantas crianças, pois nem sempre é possível que estejam dois adultos com as mesmas, o que acontecia por exemplo no horário das atividades extracurriculares.

Ainda uma outra dificuldade por que passei foi a gestão do tempo, pois o tempo que tínhamos para realização das propostas educativas era muito reduzido e tornava-se complicado conseguir que estas se realizassem num dia e fossem verdadeiramente vivenciadas pelas crianças, desta forma, para colmatar esta dificuldade acabei por optar pelo alargamento dos dias para realização de uma proposta ao invés de tudo ter que ficar pronto logo no mesmo dia, o que acabou por levar a que as crianças conseguissem disfrutar ao máximo das mesmas e com estas desenvolverem as suas competências e capacidades. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997, p. 18)

Adotar uma pedagogia organizada e estruturada não significa introduzir na educação pré-escolar certas práticas “tradicionalis” sem sentido para as crianças, nem menosprezar o carácter lúdico de que se revestem muitas aprendizagens, pois o prazer de aprender e de dominar determinadas competências exige também esforço, concentração e investimento pessoal.

Em relação ao registo e avaliação dos acontecimentos diários, estes ajudaram-me a perceber melhor o que ia acontecendo diariamente e também me levaram a pensar naquilo que estava bem e no que poderia melhorar. Esse registo inicialmente era um pouco difícil mas com o passar do tempo foi melhorando. Contudo, ainda sinto alguma dificuldade em selecionar as coisas mais importantes, registá-las e avaliá-las, pois tudo o que acontece é importante. Esses registos diários, que fazia, ajudaram-me sempre na construção das minhas reflexões semanais. Quanto ao avaliar essa é a parte em que penso ter mais dificuldades, pois é difícil para mim saber exatamente o que avaliar e também perceber verdadeiras evidências do desenvolvimento das crianças através das atividades propostas e desenvolvidas na sala bem como dos momentos de brincadeira livre que são muito importantes para o desenvolvimento das mesmas. Segundo o Ministério da Educação (2011, p.1) “A avaliação em educação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, em cada nível de educação e ensino e implica princípios e procedimentos adequados às suas especificidades” (ME, 2011, p.1). A avaliação permite-nos então ter noção daquela que é a nossa ação, sendo através desta

que conseguimos ter noção se a nossa atuação está a ter ou não um efeito positivo levando as crianças a crescer.

## ***2.6. Aprendizagens realizadas ao longo desta etapa***

As aprendizagens que fui fazendo ao longo desta etapa foram diversas e surgiram tanto do convívio com as crianças como das propostas educativas que se desenrolaram durante estas dez semanas em contexto de Jardim de Infância, sendo que algumas destas aprendizagens ocorreram também através de alguns erros cometidos.

A primeira aprendizagem que realizei surgiu de uma atividade relacionada com o Dia Nacional do Pijama, essa atividade surgiu de uma proposta da EDP, entidade responsável pela dinamização deste dia, que seria a pintura de uma representação de pijama, num cartão grande com pantufas. Para esta atividade pedimos aos pais para as crianças trazerem para a escola um par de pantufas velhas, que já não dessem para ser utilizadas por ninguém, sendo que seria com as mesmas que íamos pintar o pijama de cartão que preparei anteriormente.

A “Pintura do pijama com pantufas” não correu como eu tinha idealizado. As crianças queriam todas fazer ao mesmo tempo, depois as pantufas que trouxeram de casa eram novas e não velhas como tínhamos pedido aos pais, o que nos deixou meio reticentes, não queríamos estragar as pantufas. Acabamos por colocar uma pantufa em cada prato de tinta, em cada cor, e depois a criança escolhia a cor que queria e carimbava a pantufa. Por erro nosso, que pensamos que o espaço se poderia tornar pequeno para as crianças todas, não deixamos as crianças desfrutarem da atividade e do momento. Quando vi o pijama terminado fiquei um pouco desiludida pois afinal ainda havia tanto espaço para preencher, e tinha ficado tão bonito se tivesse sido todo pintado, mesmo que umas pinturas ficassem por cima das outras. Isto serviu-me para aprender com este nosso erro e para futuramente fazer as coisas de uma forma totalmente diferente. (R4 – Jardim de Infância, ver anexo IV)

Uma outra coisa que penso ter ido melhorando foi a criação de estratégias para conseguir gerir todo o grupo de crianças com que estava, pois o grupo era bastante grande tornando-se difícil de gerir de forma a não existir muita confusão nem conflitos. Algumas dessas estratégias passaram por, por exemplo, nos momentos de refeição utilizar estratégias para que estas comessem sozinhas, tais como contar o número de colheres de sopa que iam comendo, ou em alguns casos em que sabia os interesses específicos de cada criança, como por exemplo animais, utilizando isso para que estas comessem pela sua própria mão. Esta avaliação dos momentos de rotina fez-me perceber que estratégia deveria utilizar e qual o grau de autonomia de cada criança pois as rotinas diárias em crianças destas idades são muito importantes e ocupam grande

parte do seu dia, e é com estas que as crianças aprendem muita coisa e vão evoluindo enquanto seres humanos autónomos. De acordo com Hohman & Weikart (2007, p. 224) citado por Santos (2010, p. 11) as rotinas diárias no jardim-de-infância

(...) são como pegadas num caminho, uma vez que oferecem às crianças uma sequência de acontecimentos que elas podem seguir e compreender e, aos adultos, a organização do seu tempo com as crianças, de modo a oferecer-lhes experiências de aprendizagem activa e motivadora. Além disso, quando a rotina é consistente, permite à criança aceder a tempo suficiente para perseguir os seus interesses, fazer escolhas e tomar decisões, e resolver problemas à dimensão da criança no contexto dos acontecimentos que vão surgindo.

Também o facto de existirem algumas crianças que por vezes não iam ao jardim-de-infância, fazia com que o grupo se tornasse mais pequeno e assim fosse mais fácil trabalhar com as crianças e dar-lhes alguma atenção mais individualizada. Cada criança tem os seus próprios interesses e necessidades, pois cada criança é um ser único, sendo necessário arranjar estratégias que me permitam ir ao encontro de cada criança. Tentei encontrar estratégias que me permitissem estar com cada criança individualmente mas sempre sem me esquecer de todo o restante grupo.

O facto de ir conhecendo, a cada dia que passava, melhor cada criança, fez com que existissem melhorias da minha parte, conseguindo comunicar melhor com cada criança, estabelecer conversas com elas, que fossem para estas importantes. Assim ao conhecê-las fui-as compreendendo melhor e elas a mim, o que facilitou a gestão de todo o grupo de crianças.

### **3. Balanço final sobre a Prática Pedagógica em Educação de Infância**

*A educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário.*

(Ministério da Educação)

A Prática Pedagógica em Educação de Infância ensinou-me muito e fez com que eu evoluísse enquanto futura Educadora de Infância. Daqui pude “recolher” muitas ferramentas que irei utilizar futuramente, pois ser Educadora de Infância não é de todo tarefa fácil, exige de nós muito tempo, dedicação e amor por aquilo que fazemos. Como boas Educadoras temos que estar em constante evolução e formação para podermos dar o melhor de nós a todas as crianças e proporcionar sempre o melhor para elas.

Foram muitos os dias em que me senti sem força para continuar, perdida, carregando comigo algumas angústias e tristezas, dificuldades e problemas para os quais pensava não ter resposta. Nesses momentos era o pensar que no dia seguinte ia estar com as “minhas crianças” que me dava alento e coragem para seguir em frente e consequentemente claro o gosto por ser **Educadora de Infância**.

Ao longo destas quinze semanas foram muitas as experiências que vivenciei, participei e observei. Também foram muitos os momentos de afeto que com as crianças partilhei. Apesar de muitas coisas pelas quais passei, muitas mais são as coisas que ainda terei para vivenciar, ensinar e aprender. Novos desafios irei enfrentar, muitas coisas novas irão existir para relatar. A “história” continua...

#### **4. A minha Prática Pedagógica em 1.º Ciclo**

A Prática Pedagógica em 1.º Ciclo decorreu em dois momentos distintos, sendo que cada momento teve a duração de 15 semanas. No total fez 30 semanas em contexto de 1.º Ciclo, correspondendo a dois semestres do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Durante as primeiras 15 semanas de Prática Pedagógica estive numa escola pública, do concelho de Leiria e as restantes 15 semanas estive também numa escola pública deste mesmo conselho só que numa outra escola. A primeira Prática Pedagógica de 1.º Ciclo decorreu durante o segundo semestre do mestrado anteriormente referido, com crianças de 2.º ano de escolaridade, sendo o grupo constituído por 12 crianças, 7 do sexo feminino e 5 do sexo masculino. Esta era uma turma bastante homogénea no que concerne às suas necessidades, ritmos e níveis de desenvolvimento.

Já a prática pedagógica do segundo contexto de 1.º Ciclo onde estive, decorreu durante o terceiro e último semestre do mestrado, com crianças de 4.º ano de escolaridade, sendo este mesmo grupo constituído por 17 crianças, 7 do sexo feminino e dez do sexo masculino. Este era um grupo bastante diferente do anterior em que existiam alunos com idades distintas, sendo que tinha 2 crianças com 8 anos, 11 com 9 anos, 3 com 10 anos e ainda uma com 11 anos, podendo desta forma considerar que era um grupo bastante heterogéneo não só ao nível da faixa etária mas também no que diz respeito às suas necessidades, ritmos de aprendizagem e níveis de desenvolvimento em que se

encontravam. Neste grupo existiam três crianças com necessidades específicas de educação, bem como outras três crianças que apesar de não estarem abrangidas por nenhuma alínea já se encontravam referenciadas como possíveis portadoras de algumas necessidades.

Ao longo destas semanas de Prática Pedagógica realizei reflexões semanais que me permitiram elaborar uma reflexão crítica e fundamentada acerca de todo o trabalho desenvolvido. Em relação ao primeiro contexto de 1.º Ciclo elaborei alguns referentes sendo eles os seguintes: receios acerca da prática pedagógica em 1.º Ciclo com uma turma de 2.º ano de escolaridade, relação estabelecida com a comunidade educativa, dificuldades sentidas, erros cometidos e superação dos mesmos, importância de planificar e suas potencialidades, a Expressão dramática e o seu contributo para uma melhor aprendizagem das crianças de 2.º ano de escolaridade e ainda aprendizagens realizadas ao longo desta etapa. Quanto ao segundo contexto de prática em 1.º Ciclo também defini alguns referentes de reflexão sendo estes: receios acerca da prática pedagógica em 1.º Ciclo com uma turma de 4.º ano de escolaridade, relação estabelecida com a comunidade educativa, dificuldades sentidas, erros cometidos e superação dos mesmos, a Expressão dramática e o seu contributo para uma melhor aprendizagem das crianças da turma de 4.º ano de escolaridade e ainda aprendizagens realizadas ao longo desta etapa.

#### ***4.1. Receios acerca da prática pedagógica em 1.º Ciclo com uma turma de 2.º ano de escolaridade***

O início desta prática pedagógica foi aguardado com alguns receios, medos, ansiedades e dúvidas. Este foi o primeiro contato que tive com 1.º Ciclo, pois durante a minha Licenciatura nunca realizei prática pedagógica em 1.º Ciclo e este não era um contexto em que pensasse muito. Desta forma, eram muitos os pensamentos que me assombravam, muitas eram as dúvidas de como seria e de como deveria agir. O facto de nunca ter tido contato com este contexto fazia com que pensasse que a minha grande paixão e vocação era para ser Educadora de Infância e não Professora, lembrando-me que inúmeras vezes afirmei que o que queria ser era Educadora mas, com esta nova experiência percebi que 1.º Ciclo é um contexto de que gosto mesmo muito e foi este primeiro contato, com esta turma de 2.º ano, que me mostrou essa realidade.

Desde o primeiro dia que me esforcei para que as coisas corressem bem, para proporcionar atividades interessantes aos alunos, atividades que estes gostassem, partindo dos interesses dos alunos e não dos meus próprios interesses. Quando cheguei à sala pela primeira vez senti-me muito nervosa, sem saber o que fazer, não sabia como se trabalhavam os conteúdos com os alunos, nunca tinha assistido a uma aula de 1.º Ciclo sem serem as minhas próprias aulas, quando tinha a mesma idade que os alunos com que agora iria trabalhar. Um dos meus maiores receios sempre foi o não ser capaz de explicar os conteúdos de uma forma clara, para que os alunos os percebessem e os fossem capazes de aplicar. Nas minhas primeiras atuações esforcei-me muito mas a dinâmica que colocava nas aulas era muito pouca, sentia-me nervosa e receosa e estava muito focada em que tudo fosse esplêndido, mas tudo isso só me atrapalhava. Com o passar dos dias, das semanas, fui experimentando, errando algumas vezes e sendo corrigida pela professora cooperante, e fui melhorando a minha atuação gradualmente, soltando-me um pouco mais a cada dia, e também os receios e as dúvidas se dissiparam e eu consegui melhorar e dar mais de mim naquelas aulas.

#### ***4.1.1. Relação estabelecida com a comunidade educativa***

O início da relação que estabeleci com a comunidade educativa deste contexto foi durante o tempo destinado à observação, e foi durante estes dias que me tentei integrar na mesma, pois era nele que iria permanecer durante 15 semanas. Foi neste primeiro contato que fui conhecendo um pouco melhor cada criança e também às quais me fui dando a conhecer. Durante os momentos de observação e de cooperação com a professora cooperante consegui estabelecer laços com as crianças, conhecendo-as um pouco melhor à medida que me ia integrando no seu dia-a-dia, intervindo nas suas práticas, apoiando-as na realização de fichas de consolidação de conhecimentos, esclarecendo-lhes dúvidas quando me solicitavam e também durante os momentos de brincadeira nos intervalos ou à entrada e saída da escola.

A relação com as crianças foi melhorando com o passar do tempo, e fui sentindo que estas cada vez mais confiavam em mim. O facto de ir conhecendo, a cada dia que passava, melhor cada criança, fez com que existissem melhorias da minha parte, conseguindo comunicar melhor com cada criança, estabelecer conversas com elas que fossem para estas importantes. Assim ao conhecê-las fui-as compreendendo melhor e elas a mim, o que facilitava a gestão de todo o grupo de crianças. A turma de alunos

com quem tive o privilégio de trabalhar era uma turma de alunos maravilhosos, empenhados, interessados e que sabiam respeitar o que eram as aulas e o que era o tempo fora da sala de aula, os momentos em que podíamos brincar e aqueles em que tínhamos que trabalhar. A relação que estabeleci com as crianças foi muito boa e fez-me mudar a ideia que tinha de querer ser Educadora e desta ser a minha paixão. De facto é, mas não é só esta a área de que gosto, pois fiquei muito entusiasmada com este contexto, e sinto que é muito boa a relação que estabelecemos com estes alunos e que desenvolveram em mim uma nova paixão. Com estas crianças fui professora estagiária durante o tempo que estive em prática mas fui também amiga tendo sido muito difícil chegar ao último dia desta prática pedagógica.

A relação com a professora cooperante também foi muito boa desde início, pois desde o primeiro dia que confiou em mim para corrigir trabalhos/fichas dos alunos, sendo que estas me possibilitaram uma melhor visão de cada criança em particular e o nível de desenvolvimento em que se encontravam. Ao princípio a relação com esta foi muito boa mas evoluiu um pouco mais lentamente do que com as crianças, pois sentia-me um pouco insegura por saber que estava constantemente a ser avaliada. Sempre fui colocada completamente à vontade para lhe colocar qualquer tipo de questão, sem qualquer tipo de receios e fazendo sempre esta questão de frisar que nós estávamos ali para aprender e foi esta confiança que a meu ver me possibilitou crescer, aprender, experimentar, errar, aprender com os erros e melhorar a cada dia a minha atuação e prestação.

Nesta escola e nesta prática tive o privilégio de me cruzar com inúmeras pessoas (cada uma única) com as quais aprendi muito e partilhei ideias, refleti, tomei decisões, partilhei e adquiri saberes, sendo que todas elas foram fundamentais para a minha formação, pois todas as experiências que tive a oportunidade de vivenciar foram, sem dúvida, momentos muito importantes para mim e para a minha formação pessoal e profissional.

#### ***4.1.2. Dificuldades sentidas, erros cometidos e superação dos mesmos***

Ao longo destas quinze semanas foram várias as dificuldades que senti, os erros que cometi e para os quais tive que arranjar estratégias de forma a superar os mesmos e evoluir enquanto futura Professora.

Uma das grandes dificuldades por que fui passando ao longo desta prática estava relacionada com a gestão do tempo, pois esta gestão era complicada e condicionada por diversos fatores o que levava a que por vezes não conseguisse que os alunos tirassem o melhor proveito das atividades que faziam, bem como o aproveitamento das potencialidades que as mesmas ofereciam muitas vezes não eram conseguidas na totalidade. Por exemplo, uma das atividades em que senti dificuldades na gestão do tempo foi naquela a que os alunos deram o nome de “Jogo do Supermercado” tal pode ler-se na minha 10.<sup>a</sup> reflexão da primeira Prática Pedagógica em 1.º Ciclo quando refiro que

Mais uma vez, neste dia, a sala tomou uma nova forma, as mesas saíram do lugar e a sala passou a ser um supermercado com vendedores, clientes e como os alunos diziam “o caixa”. O objetivo desta atividade era que todos alunos fossem vendedores e clientes e realizassem compra e venda de produtos e fizessem contas, percebendo quanto custavam os produtos e se tinham ou não dinheiro para os comprar. Quando preparei esta atividade criei um esquema, para que todos os alunos fossem clientes, vendedores e estivessem na caixa, mas o tempo foi muito pouco e passou depressa. Desta forma apenas consegui que todos os alunos fossem clientes e realizassem contagens com dinheiro. Em relação à caixa, só alguns alunos é que tiveram essa oportunidade, tendo os restantes ficado a questionar-me quando é que seriam na caixa. Para mim isso deixou-me triste pois tive que lhes dizer que não ia poder ser porque não havia tempo. Sei que os alunos gostaram desta atividade, a que eles deram o nome de “Jogo do Supermercado”, pois perguntaram-me quando íamos repetir, o que significa que foi uma boa experiência. (R10 – 1.º Ciclo I, ver anexo V)

Mas não foi apenas esta a situação em que tive dificuldades na gestão do tempo, pois esta foi uma constante luta que tive que contornar, não só durante a atuação mas também em todos os momentos que a precedem sendo que inúmeras vezes senti que me faltava tempo para fazer tudo o que as propostas educativas envolviam. Isto levou a que nem sempre conseguisse dar o melhor de mim na preparação das mesmas, levando a que por vezes existissem imprevistos nos quais nem havia pensado. Por vezes ao prepararmos as aulas, não pensamos que alguma coisa, que não está sob o nosso controle, pode condicionar o que planificamos, levando-nos a passar por dificuldades que depois temos que superar naquele momento, como por exemplo o simples avariar de uma fotocopiadora, que foi exatamente o que me aconteceu logo na minha primeira semana de atuação. Neste dia, para trabalhar alguns conteúdos de matemática, que envolviam o cálculo mental, preparei alguns exercícios que iria trabalhar com os alunos e não os fotocopiei antes da aula tendo solicitado o mesmo à auxiliar da escola, tal como me havia sido dito para fazer. Contudo, mesmo no início desta aula as fotocópias não apareceram e eu entrei em pânico quando a auxiliar me informou que a fotocopiadora

tinha avariado, senti o corpo todo a tremer, fiquei sem saber o que fazer, mas sabia que teria que arranjar uma estratégia rapidamente e assim fiz. Peguei em alguns dos exercícios que constavam nessa ficha, criei outros exemplos e trabalhei tudo oralmente com os alunos, recorrendo ao quadro de ardósia para registos necessários à realização dos exercícios. A realidade é que esta aula tornou-se muito mais interessante por ser realizada desta forma, pois os alunos pensaram em grande grupo e foram indicando estratégias e possíveis respostas.

Também ao trabalhar de alguns conteúdos fui sentindo dificuldades, sendo que por vezes achei que estava devidamente preparada mas afinal não o estava, pois existem conteúdos que exigem de nós um conhecimento mais aprofundado dos mesmos, para que consigamos explicá-los e explorá-los com os alunos de forma adequada. E foi isto que me aconteceu por exemplo ao trabalhar o conteúdo do grau dos nomes, no qual senti necessidade não só de alterar aquilo que havia planificado, como depois reparei que deveria ter conseguido trabalhar melhor o mesmo para que os alunos não ficassem com dúvidas e achando que existiram coisas que deveria ter modificado.

Enquanto futura professora, sei que devemos pensar em tudo o que envolve cada conteúdo e preparar todos os materiais e formas de trabalhar cada assunto em cada aula, minimizando-se desta forma possíveis erros. Temos que estar bem preparadas e possuir fontes e materiais físicos que não contenham erros, ou que suscitem dúvidas aos alunos, ou que os induzam em erro.

Também uma outra dificuldade por que passei, à semelhança de contextos anteriores, foi a forma como colocava a minha voz e como me expressava corporalmente. Este sempre foi um problema que tive dificuldades em ultrapassar, pois mesmo no meu dia-a-dia tenho tendência para falar muito baixo. Contudo, com o passar das semanas, fui melhorando e atualmente já consigo projetar melhor a minha voz, mas mesmo assim sei que ainda necessito melhorar não só a forma como coloco a voz mas também a minha expressividade.

#### ***4.1.3. Importância de planificar e suas potencialidades***

A atuação de um Professor deverá basear-se sempre num plano pré-estabelecido, isto é, numa planificação realizada pelo mesmo tendo sempre em vista os interesses e

necessidades dos alunos, servindo como uma linha orientadora, um fio condutor, que deverá ser suscetível de alterações sempre que seja necessário, de acordo com as suas dúvidas e questões dos alunos. É fundamental que este seja um plano adequado e flexível, mas isto não significa de modo algum que se perca o fio condutor que existe numa planificação. Esta deve permitir ao Professor inserir novos elementos, mudar de rumo, se assim o exigirem as necessidades e/ou interesses do momento.

As planificações que fui elaborando ao longo das 15 semanas desta prática de 1.º Ciclo, serviram-me exatamente de fio condutor das minhas atuações, mas as quais eu fui sentindo necessidade de alterar de acordo com o desenrolar das aulas, sendo necessário, por vezes, não seguir o “caminho” pré-estabelecido inicialmente, enveredando por vezes por exemplos e caminhos diferentes dos planificados. Estas alterações muitas vezes surgiram por me aperceber dessa necessidade, mas também de algumas sugestões, por parte da professora cooperante, alterações essas que levavam a que a aquisição dos conteúdos por parte dos alunos fosse melhor e mais fácil. Um exemplo de uma dessas alterações ao que planifiquei pode ser lido na minha 4.ª reflexão deste contexto:

Um outro aspeto, em que também não segui o planificado foi na forma como lecionei o conteúdo de Português no dia 03 de Abril de 2013. O que constava no meu plano era “Inicialmente será colocada a imagem de um Pescador no quadro. Depois serão mostradas algumas palavras como mar e barco que estão relacionadas com pescador, para além dessas, outras serão mostradas, que causem alguma confusão como mangueira por exemplo, destas teriam que me dizer as que se relacionam com pescador. Depois explicarei o que é uma família de palavras e juntos, utilizando a mesma estratégia, descobriremos a família de palavras de mar e barco, à medida que vamos dizendo as palavras vão sendo afixadas no quadro. Quanto à área vocabular, também irei explicar o conceito recorrendo a exemplos. Por fim, estará então construído no quadro um esquema explicativo destes dois conteúdos. Para terminar os alunos farão uma pequena ficha de consolidação de conhecimentos e respectiva correção.”. Em relação a este conteúdo, foi-me feita uma outra sugestão, diferente do planificado, pela Professora Cooperante. Esta alteração levou-me a encetar um diálogo com os alunos, para que fossem estes a chegar às palavras que eu tinha, como que a contar uma história, em que esta ia sendo construída e afixada no quadro. No final foi explicado o que era uma família de palavras, a área vocabular e respectivas diferenças. Como estes são dois conteúdos que se tornam um pouco confusos para as crianças, senti também necessidade de lhes dar novos exemplos. (R4 - 1.º Ciclo I – ver anexo VI)

Como esta, muitas outras alterações ocorreram ao nível das minhas planificações e que também aqui poderiam ser mencionadas. Com estas alterações fui aprendendo a verdadeira importância também de se pensar em estratégias, para que se aquilo que estamos a fazer e a estratégia que estamos a utilizar não estiver a resultar ou se não estiver a ter significado para as crianças, as possa melhorar ou modificar e fazer com

que as coisas passem a ter significado e sejam interessantes para as crianças e não para mim. Com estas alterações também aprendi que muitas vezes aquilo que idealizamos quando estamos a planificar e que achamos que irá resultar muito bem, na realidade quando as pomos em prática não correm assim tão bem, sendo necessário que existam alterações, ajustes ou novas estratégias a aplicar, e estas são as verdadeiras potencialidades das planificações, são estas que nos dão um fio condutor mas o qual podemos escolher a melhor direção e forma de o colocar sempre que haja necessidade.

#### ***4.1.4. A Expressão Dramática e o seu contributo para uma melhor aprendizagem das crianças da turma de 2.º ano de escolaridade***

A Expressão Dramática foi uma área por mim utilizada inúmeras vezes ao longo desta prática pedagógica em 1.º Ciclo com a turma de 2.º ano de escolaridade, tendo sido esta que muitas vezes serviu de elo de ligação entre diversos conteúdos e áreas curriculares. Ao longo destas semanas foram muitas as atividades de exploração do corpo, da voz, do espaço e dos objetos nelas presentes, levando a novas experiências vivenciadas com grande empenho e entusiasmo pelos alunos.

Segundo as Orientações Curriculares e Programas Ensino Básico – 1º Ciclo (2004, p. 77)

As actividades de exploração do corpo, da voz, do espaço, de objectos, são momentos de enriquecimento das experiências que as crianças, espontaneamente, fazem nos seus jogos.

A exploração de situações imaginárias, a partir de temas sugeridos pelos alunos ou propostos pelo professor, dará oportunidade a que a criança, pela vivência de diferentes papéis, se reconheça melhor e entenda melhor o outro.

Os jogos dramáticos permitirão que os alunos desenvolvam progressivamente as possibilidades expressivas do corpo — unindo a intencionalidade do gesto e/ou a palavra, à expressão, de um sentimento, ideia ou emoção. Nos jogos dramáticos as crianças desenvolvem acções ligadas a uma história ou a uma personagem que as colocam perante problemas a resolver: problemas de observação, de equilíbrio, de controlo emocional, de afirmação individual, de integração no grupo, de desenvolvimento de uma ideia, de progressão na acção.

Através das várias atividades desenvolvidas fui-me apercebendo de como as expressões se articulam perfeitamente com as restantes áreas. Apercebi-me também o quanto os alunos gostavam deste tipo de propostas educativas, mostrando-se sempre bastante empenhados, sendo um exemplo disso uma atividade que realizamos sobre um poema, em que,

Após o intervalo do dia 13, as mesas da sala saíram do seu habitual lugar e assim permaneceram até ao final do dia. Os alunos e eu sentámo-nos no chão e foi aí que trabalhamos. Em grande grupo foi feita a leitura e análise de um poema, depois foi recordado o que eram monossílabos e dissílabos, e com os sons do nosso corpo, descobrimos quais as palavras do poema que eram monossilábicas ou dissilábicas. Esta atividade correu muito bem, os alunos estiveram muito empenhados, todos os sons à nossa volta se dissiparam e apenas se ouviam os sons do corpo coordenados.

Relativamente a este dia os comentários foram bastante positivos mas posso destacar um comentário, que penso traduzir o que de facto aconteceu neste dia que foi: “Eu reparei que eu aprendi da forma mais fácil” e “Aprendi brincando.” São estes comentários que nos mostram de facto se o nosso trabalho teve ou não sucesso. (R10 – 1.º Ciclo I – ver anexo V)

As atividades que foram sendo desenvolvidas correram muito bem e o mais importante foi que os alunos gostaram muito, sendo tudo isto notório nas suas expressões e sorrisos, nas aprendizagens dos conteúdos das várias áreas curriculares. Segundo Isabel Kowalski (2005, p. 19) “Pela riqueza de elementos e formas que pode implicar, pelo facto de ser um modo de representar modos diversos e pessoais de conhecer a vida (...)” a Expressão Dramática “... facilmente integra conceitos e conteúdos de outras áreas.”

Este tipo de propostas focam a atenção dos alunos, ajudando-os também a compreender melhor os conteúdos trabalhados, e tal como eles próprios referiam, de uma forma mais simples. Tal como se pode ler na minha 12.ª reflexão desta prática pedagógica,

A Expressão Dramática tem esta característica fabulosa que é permitir-nos trabalhar todas as áreas transversalmente e ajudando os alunos a adquirirem mais rapidamente os conteúdos, de uma forma estimulante e cativante, do que simplesmente ouvirem debitar matéria e realizarem fichas de consolidação de conhecimentos. (R12 – 1.º Ciclo I, ver anexo VII)

Segundo Lopes (2011, p. 137) deverá existir uma

(...) ruptura com uma lógica curricular disciplinar e a um conceito de escola que não se limita ao espaço restrito da sala de aula. (...) as expressões artísticas são, não só facilitadoras de projetos que transcendem as fronteiras entre disciplinas, mas também proporcionadoras de momentos de partilha com a comunidade (...)

Mas Lopes (2011, p.139) não fica por aqui e refere ainda que “Se identificarmos os elementos da linguagem teatral e, adoptando o esquema organizativo de I. Kowalski (2005:18), os relacionarmos com outras áreas do conhecimento, facilmente veremos os pontos de ligação entre as diferentes áreas do saber para o Ensino Básico (...)

#### ***4.1.5. Aprendizagens realizadas ao longo desta etapa***

Todo o meu percurso, ao longo da Prática Pedagógica em contexto de 1.º Ciclo do Ensino Básico, foi feito com base em novas aprendizagens e aperfeiçoamento das mesmas que deverei utilizar aquando da minha formação como futura Professora.

Em relação ao meu percurso neste contexto muitas foram as aprendizagens feitas, e também muitas coisas foram aperfeiçoadas, ao longo deste percurso muitas foram também as dificuldades encontradas.

Desde o primeiro dia, quando entrei na sala e tive contato com os alunos que fiquei fascinada com os mesmos e com aquele contexto. Foram muitas as coisas que fui sentindo necessidade de aperfeiçoar e também de aprender. Ao longo de todo o meu percurso foram muitas as aprendizagens, as descobertas, as dificuldades e as melhorias que se deram ao nível do meu conhecimento. Como auxílio a todos estes parâmetros fui realizando diversas reflexões e foram também algumas as bibliografias que consultei e me ajudaram em muito a conhecer e a perceber as crianças da faixa etária com que estive.

Quando cheguei à sala pela primeira vez tinha a noção de que havia muito para aprender e para descobrir. Para que existisse aprendizagem sabia que teria muito trabalho pela frente, teria que observar, analisar e refletir sobre inúmeras situações que iam ocorrendo ao longo desta prática pedagógica e a cada dia que passava ia-me sentindo melhor naquele contexto, mas sabia também que tinha muito para aprender.

Uma das aprendizagens que realizei, e que penso ser fundamental referir, foi a forma como me movimentava na sala de aula e a postura que adotava quando estava a intervir. Nesta prática aprendi então que quando me movimento no espaço sala devo ter em atenção tudo aquilo que me rodeia, todas as crianças, de forma a apoiar cada uma sempre que necessário e nunca descurando nenhuma. Aprendi também que o sítio que escolho, por exemplo para ler uma história, deve ser um lugar visível para todos e onde consiga projetar adequadamente a minha voz para que exista uma boa perceção e compreensão daquilo que está a ser lido.

Aprendi também que todos os conteúdos que trabalhamos com os alunos, devem ser devidamente preparados e sempre em prol dos alunos, sendo fundamental rever sempre

conceitos, arranjar termos adequados para os explicar, para que estes sejam coerentes e de fácil compreensão para os alunos, de forma a não existirem lacunas naquilo que transmitimos aos mesmos, pois os alunos são como “esponjas” e absorvem tudo aquilo que nós dizemos, mesmo o que não esteja correto. Enquanto estagiária sentia que apesar de estar no papel de professora também era aluna e que tinha muito para aprender.

#### ***4.2. Receios acerca da prática pedagógica em 1.º Ciclo com uma turma de 4.º ano de escolaridade***

Quando entrei para este mestrado tomei conhecimento de que iria passar dois dos semestres deste em contexto de 1.º Ciclo. Desta forma, quando este terceiro semestre se aproximou fiquei na expectativa de qual seria o ano de escolaridade no qual iria realizar a minha última prática, qual o número de alunos e qual seria a escola.

Em relação ao grupo de crianças e à professora cooperante existiu sempre um receio que me invadia aquando da mudança de contexto, receio de como iria ser recebida, de como me iria integrar naquele novo espaço e grupo, mas tudo correu muito bem e tanto alunos como a professora cooperante foram fabulosos desde o primeiro dia, acolhendo-me da melhor forma possível.

A turma era uma turma muito desafiadora, pois eram 17 alunos no total, o que até não era um número muito elevado. No entanto, era um grupo muito heterogéneo em relação aos níveis de desenvolvimento em que se encontravam. Para isso teria então de ser bastante criativa e arranjar estratégias e métodos de trabalho adequados e que abrangessem as dificuldades de cada aluno, não podendo nunca deixar nada ao acaso. Também a existência de crianças com necessidades específicas de educação me assustava um pouco, sendo que para mim este era um desafio muito grande mas o qual também sabia que iria adorar enfrentar.

Ao longo dos primeiros dias teria que caracterizar a escola, a sala e o grupo de crianças, recolher dados e informações que fossem pertinentes para a caracterização dos mesmos, contudo sei também que muitos certamente ficaram por recolher e que deverão ter existido aspetos relevantes a que não dei a devida atenção, sendo para mim por vezes difícil saber exatamente o que devo observar, analisar, registar, avaliar e refletir.

Com o passar do tempo outros receios foram surgindo, sendo que um dos mais sentidos por mim foi quando, ainda nas semanas de observação, a professora cooperante me questionou se não queria ser eu a trabalhar com os alunos os múltiplos de um número natural, nessa altura disse que sim mas o meu coração disparou e tive muito receio de não o conseguir, senti-me nervosa porque não era nada que eu tivesse preparado e planificado, improvisei e no final até correu bastante bem.

Também o facto de observar que a turma era tão heterogénea e que os alunos eram tão distintos, me deixou receosa de como tudo iria decorrer e se iria conseguir trabalhar cooperativamente com os mesmos. Receei também não conseguir arranjar atividades diversificadas que cativassem os alunos, pois sabia que só dessa forma os iria conseguir estimular e cativar para o desenvolvimento das suas competências. Segundo Lourenço e Paiva (2010, p. 133) “O aluno motivado procura novos conhecimentos e oportunidades, evidenciando envolvimento com o processo de aprendizagem, participa nas tarefas com entusiasmo e revela disposição para novos desafios.” E era esta a motivação que eu desejava ver espelhada nos alunos e a qual sentia receio de não ver, mas na realidade por inúmeras vezes pude observá-la e isso foi maravilhoso.

#### ***4.2.1. Relação estabelecida com a comunidade educativa***

Desde o primeiro dia, quando cheguei a este contexto de 1.º Ciclo e entrei pela porta da sala que senti que a relação que iria estabelecer com esta turma ia ser boa, mas difícil de conseguir logo no início e de facto não estava errada. O primeiro contato com a professora cooperante foi muito bom, esta colocou-me à vontade, apresentou-se e apresentou-me também a toda a turma, tendo-me logo colocado a par de algumas características de cada criança. Disse-me os seus nomes, a idade, o nível de desenvolvimento em que se encontravam, as áreas onde tinham mais e menos dificuldades, o que me possibilitou ficar a conhecer desde logo um pouco os alunos. Desde esse dia, que esta se mostrou inteiramente ao meu dispor para tudo aquilo que necessitasse bem como me colocou também plenamente à vontade na sala, frisando sempre que estava ali para aprender, experimentar e errar e que aquilo que deveria ter sempre em mente era o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos.

Já a relação com os alunos, essa foi evoluindo com o passar dos dias, sendo que foram vários os fatores que para isso contribuíram. Através de atividades propostas fui

comunicando com os alunos e alcançando aos poucos a sua confiança, mas foi também durante os intervalos que os fui conhecendo um pouco melhor, pois estes pediam sempre para ficar na sala e estar connosco, conversar sobre eles e perguntar coisas sobre mim, e isso fez com que de dia para dia fossem ganhando confiança em mim, por vezes até existindo algum excesso de confiança, o que levava a que se aproveitassem de mim para pisar o risco, como se eu fosse também colega deles e não uma professora estagiária. É claro que isso é bom mas durante as aulas em si por vezes torna-se embaraçoso e levava a que por vezes existisse alguma dificuldade na gestão da sala e comportamento dos alunos.

#### ***4.2.2. Dificuldades sentidas, erros cometidos e superação dos mesmos***

Ao longo destas quinze semanas foram algumas as dificuldades que fui sentido e as quais tentei ultrapassar da melhor forma e aprender com as mesmas. A minha primeira dificuldade foi em conseguir que todos os alunos se empenhassem e participassem nas aulas, pois a turma era muito heterogénea a todos os níveis o que levava a que muitos alunos por vezes se encontrassem distraídos ou simplesmente preocupados em conseguir passar tudo o que era escrito no quadro e aquilo que realmente importava, que era o conseguirem perceber, ficava esquecido. Tudo isto me levou a querer arranjar uma solução, estratégias que fizessem com que os alunos percebessem e não se limitassem ao registo escrito. Uma das situações que aconteceu e para a qual tive que arranjar uma solução no momento, pode ler-se na minha primeira reflexão deste contexto

Já os alunos com mais dificuldades tentaram o tempo todo passar o que ia sendo escrito no quadro para o caderno mas acabando por não ouvirem a explicação e as estratégias utilizadas. Para contrariar essa tendência, tentei ouvir os alunos que queriam participar mas antes tentei levar a que os alunos com mais dificuldades também pensassem e chegassem a uma resposta, percebendo o conteúdo que estava a ser trabalhado e as estratégias que podiam utilizar fazendo simultaneamente com que perdessem a preocupação em passar tudo para o caderno. Para que isso acontecesse expliquei-lhes que preferia que estivessem com atenção e percebessem tudo e que no final lhes daria algum tempo para registarem. A aula levou algum tempo e apenas foi realizada parte da ficha, mas penso ser importante que todos os alunos percebam o que se está a trabalhar e se ajudem uns aos outros. (R1 – 1.º Ciclo II, ver anexo VIII)

Uma outra grande dificuldade por que passei e que persistiu durante toda a prática foi a gestão do grupo de crianças, principalmente em atividades mais práticas, em que os alunos achavam que não passavam de brincadeiras como as que tinham no recreio e que com elas não estavam a aprender nada. Na realidade por vezes trabalhar com este grupo de alunos era muito cansativo e isso levava-me à exaustão. A confusão, o barulho e as

conversas paralelas existentes dentro da sala eram uma constante e isso dificultava o bom funcionamento das aulas. Tudo isto levou a que dia após dia tivesse que criar novas estratégias que fizessem com que os alunos se sentissem motivados e empenhados para aquilo que estava a acontecer, estratégias essas que surgiam no momento e que não estavam propriamente planificadas, como foi o caso de uma atividade de matemática sobre as regularidades do calendário em que criei um jogo que resultou muitíssimo bem.

Num primeiro momento, a área trabalhada foi a Matemática, onde o conteúdo abordado foi as regularidades existentes no calendário. Para isso, de forma a não me focar apenas no manual, optei por reproduzir, em papel de cenário, dois calendários e trabalhar em grande grupo, onde foi possível discutirem-se diferentes ideias e perspetivas dos diversos alunos. Ainda como estratégia decidi criar um jogo com algumas regras em que, existiam duas equipas na turma e, sempre que eu levantava o braço esquerdo era a ala esquerda da sala que teria que responder, se não soubesse passava a palavra à outra equipa que estava à direita, e vice-versa. Desta maneira, todos os alunos estiveram bastante atentos e empenhados, trabalhando em grupo e participando. Esta estratégia permitiu-me assim suscitar maior interesse nos alunos, bem como conseguir que estes adquirissem os conteúdos pretendidos de uma forma mais proveitosa para todos. (R5 – 1.º Ciclo II, ver anexo IX)

Quando os alunos se encontram muito agitados e não estão predispostos para a aquisição e compreensão de conteúdos torna-se difícil trabalhar com os mesmos, sendo que é extremamente necessário, para existir aprendizagem, que os alunos se encontrem predispostos e motivados para tal e não simplesmente que o professor esteja ali a debitar matéria sem que exista algum aproveitamento disso, pois não é dessa forma que os alunos aprendem. Estanqueiro (2010, p. 38) diz-nos que “(...) a transmissão de conhecimentos por parte do professor é necessário para ajudar o aluno a adquirir a herança cultural da humanidade, ou seja, os saberes já constituídos nos domínios científico, tecnológico, literário e artístico, mas não é o suficiente para a aprendizagem.”

Ao longo das várias semanas senti que existiram momentos em que estive melhor e outros pior, onde consegui mais facilmente controlar a turma e outras onde me senti desesperada. Uma das piores situações porque passei e que me deixou muito em baixo, foi a minha primeira semana de atuação. O barulho na sala era ensurdecedor, a turma estava num estado tal de agitação que não ouviam nada que eu lhes dissesse, a sala estava uma confusão, a professora da sala ao lado queixava-se que não conseguia trabalhar, eu exaltada levantei o meu tom de voz, o que para mim não é solução para nada e não é de forma alguma a melhor estratégia a utilizar, mas eu estava tão cansada e perdida que a única coisa que consegui realmente fazer foi elevar o meu tom de voz,

que para mim foi uma decepção em relação a mim mesma, pois esta não era eu nem as minhas ideologias e crenças que estavam ali e ainda para mais nem tão pouco a minha voz se ouviu, pois o barulho era tanto que a mesma parecia um sussurrar. Para primeira semana de intervenção foi muito complicado, e ainda faltavam mais cinco em que era eu a atuar, e o receio de que tudo se voltasse a repetir era enorme.

As semanas seguintes em que atuei foram bastante diferentes e mais calmas, acho que os alunos estariam um pouco a testar-me mas, apesar de existirem momentos de alguma agitação, principalmente em atividades mais práticas, como as de expressões, os alunos conseguiram moderar o comportamento e respeitarem-se mais uns aos outros. Não existiram dias perfeitos, em que não existisse uma zanga entre alguns alunos, em que não andasse alguém a pisar o risco, a ter comportamentos não muito adequados para a sala de aula, mas tudo foi sendo gerido da melhor forma e os próprios alunos começaram a mudar o seu comportamento e eu ao invés de gritar passei a limitar-me a ficar em silêncio, e resultava muito melhor.

As semanas foram passando e muitos foram os conteúdos abordados, uns com recurso ao manual, que era um recurso muito utilizado já anteriormente ao nosso estágio pela professora titular de turma, sendo que a utilização deste nos foi solicitada pela mesma, e outros recursos mais didáticos que preparei para cada tarefa específica.

Para que estas aulas corresse da melhor forma, todas as semanas realizei uma reflexão onde me questionava sobre a forma como estes dias tinham corrido, os aspetos que tinham corrido melhor, os que tinham corrido pior e porquê, quais as alterações que necessitava fazer. Não só refleti acerca de mim como também da minha colega, o que me levou a fazer algumas leituras que fundamentaram aquelas que eram as minhas conceções e que me levaram a evoluir ao longo das semanas.

#### ***4.2.3. A Expressão dramática e o seu contributo para uma melhor aprendizagem das crianças da turma de 4.º ano de escolaridade***

Ao longo de 15 semanas a Expressão Dramática entrou dentro da sala de 4.º ano e até ao último dia desta prática por lá permaneceu. Desde o primeiro contato com as crianças desta turma que me apercebi que esta era muito agitada, com dificuldades de concentração e de trabalho em grupo, apercebendo-me que seria necessário arranjar estratégias e atividades onde estes se sentissem motivados e empenhados, bem como

proporcionassem o trabalho em grupo. E para isso a Expressão Dramática teve um contributo fantástico, mas claro nunca descorando as outras áreas, sendo que sempre tentei que estas se interligassem umas com as outras, pois a Expressão Dramática tem este carácter dinâmico e que ajuda a que se encontre um elo de ligação entre todas as áreas curriculares.

Para que tudo fizesse sentido, ainda durante as semanas de observação e também como preparação para a semana seguinte realizamos um jogo sobre a entrevista para introduzir o conteúdo que iria ser trabalhado acerca do passado do meio local. Foi desta forma que os alunos, não só realizaram um jogo exploratório, em que se entrevistavam uns aos outros e depois partilhavam com os colegas, como também iniciaram o trabalho de grupo com a escrita de um guião de entrevista em que, em grande grupo, todos deram a sua opinião e produziram um documento escrito. E foi partindo deste pequeno jogo e dos conteúdos de Estudo do Meio que começamos as atividades de Expressão Dramática e também de Escrita Criativa, sendo que semana após semana fomos realizando jogos exploratórios que davam origem depois a diversas improvisações de histórias, trabalharam em pequeno e grande grupo, e recorreram à escrita criativa para registar por escrito aquilo que faziam na Expressão Dramática através de vários tipos de textos, desde registo de histórias improvisadas, notícias, entrevistas, atas de uma reunião, poemas, banda desenhada, pesquisas, entre outros, até chegarmos ao texto dramático criado pelos alunos. Este texto dramático foi realizado com os conteúdos de Estudo do Meio sobre a Formação de Portugal, que foi representado depois em Teatro de Sombras, onde os alunos criaram os seus próprios bonecos de sombras e respetivos cenários.

Nas atividades de Expressão Dramática era fácil perceber aquilo que os alunos melhor perceberam dos conteúdos trabalhados, o que gostaram mais e menos, e desta forma foram então surgindo vários jogos exploratórios, dramáticos e textos escritos. Estas atividades deram então origem à minha investigação sobre a conexão entre a Expressão Dramática e a escrita de vários géneros textuais, sendo que semana após semana fui recolhendo as várias produções escritas dos alunos até que chegamos à 9.<sup>a</sup> semana de prática pedagógica na qual trabalhei um texto sobre o “Adamastor” e que levou a que questionasse os alunos sobre quem seria este gigante.

Na realidade os alunos nunca tinham ouvido falar neste mas tentaram, partindo deste nome, dizer quem ele era e qual o seu aspeto. A imaginação começou a fluir e apesar de muitos terem estado distantes da verdadeira conceção de Adamastor outros começaram a aproximar-se da realidade. Neste momento achei pertinente fazer a leitura do texto tendo desta forma conseguido clarificar a ideia aos alunos de quem era este ser. (R9 – 1.º Ciclo II, ver anexo X)

Ainda neste dia

pedi aos alunos que numa folha branca desenhassem “O Adamastor” tal como o imaginavam tendo sido diversos os resultados, pois enquanto uns desenharam seres abstratos outros associaram-no a um ser humano, onde foi possível então observar diferentes níveis de criatividade e de imaginação bem como as diferentes percepções que têm de monstros míticos.

Utilizando o Teatro de Sombras iniciei a aula de expressões onde um boneco de sombras começou por dar a aula por mim, pedindo aos alunos que se sentassem e estivessem em silêncio e de seguida explicando-lhes o que iríamos fazer.

De trás do pano passei para a frente, e com os alunos sentados em roda, propus-lhe um mini-projeto em Teatro de Sombras e estes mostraram-se fascinados com isso colocando logo várias questões e querendo começar logo a fazer tudo.

Assim parti então para a explicação de como se construíam os bonecos de sombras e como se faz Teatro de Sombras. Os alunos ficaram entusiasmados e rapidamente quiseram ir para os seus lugares construir os seus próprios bonecos para posteriormente poderem ir para trás do pano branco. (R9 – 1.º Ciclo II, ver anexo X)

Foi desta atividade que surgiu então o projeto de Teatro de Sombras sobre factos históricos da Formação de Portugal, pois os alunos adoravam este conteúdo de Estudo do Meio e como este envolvia muita coisa e o tempo para trabalhar este conteúdo era muito reduzido, fizemo-lo através da Expressão Dramática e do Teatro de Sombras, onde os alunos mais facilmente conseguiram explorar e compreender melhor a Formação de Portugal, a 1.ª, a 2.ª e a 3.ª Dinastia, tendo sido estes os conteúdos implícitos neste projeto.

Como conclusão posso referir que a Expressão Dramática foi fundamental nesta turma de 4.º ano onde os alunos inicialmente não se mostravam motivados para nada, não se respeitavam uns aos outros, não conseguiam trabalhar em grupo e muito menos perceber os conteúdos. Com esta área conseguimos então que estes com o passar do tempo se mostrassem empenhados no que faziam, foram melhorando as relações com os colegas e o próprio trabalho de grupo também teve muitas melhorias, chegando mesmo a ouvir-se comentários dos alunos a dizer “Eu hoje trabalhei muito em grupo, já consegui.” Sendo que as melhorias na aquisição e compreensão dos conteúdos trabalhados também foi muito notória e evolutiva.

#### ***4.2.4. Aprendizagens realizadas ao longo desta etapa***

Todas as experiências que tive a oportunidade de vivenciar foram, sem dúvida, momentos muito importantes para mim, para a minha formação enquanto futura professora/educadora.

Ao longo das várias semanas em que atuei, planifiquei as várias aulas sempre com o cuidado de que tudo estivesse de acordo com os interesses e motivações das crianças e não com os meus. Contudo, sei que por vezes não realizei as coisas da melhor forma, mas sei também que com isso fui aprendendo e crescendo. Em alguns momentos aconteceu mesmo eu não saber algumas das coisas que os alunos me questionaram, mas que eu ao invés de ficar atrapalhada, como em práticas anteriores, fui sincera com os alunos disse-lhes que não sabia e então fomos juntos pesquisar, e desta forma os alunos foram construindo o seu conhecimento e eu fui aprendendo.

Durante estas semanas fui aprendendo também a importância de refletir sobre tudo o que acontece e sinto que fui evoluindo na forma como reflito sobre as coisas, notando cada vez mais o quanto é importante um professor ser um professor reflexivo e pesquisador pois, é importante que consiga refletir sobre a minha prática, planeando e pensando cada vez mais como posso organizar as minhas aulas futuramente.

### **5. Balanço final sobre a Prática Pedagógica em 1.º Ciclo do Ensino Básico**

Ao longo de toda a Prática Pedagógica em 1.º Ciclo foram muitos os dias em que me senti sem força para continuar, perdida, carregando comigo algumas angústias e tristezas, dificuldades e problemas para os quais pensava não ter resposta. As pessoas com quem me tenho cruzado foram sempre fabulosas comigo, apoiaram-me muito e fizeram com que tudo fosse possível e também um pouco mais fácil, sendo que foram muitas vezes compreensíveis em momentos nos quais não conseguia dar o meu melhor.

Sei que agora se está a fechar um ciclo muito importante e fundamental da minha vida mas que este me irá abrir portas para um novo futuro que certamente será cheio de insegurança, angústia, nervosismo, tristezas, mas também será certamente um futuro com muitas alegrias e realizações pessoais e profissionais, com muitas pessoas que me irão ajudar a evoluir, que irão tornar os meus dias mais prazerosos e perceber que valeu

a pena tudo aquilo por que passei e que ainda existe muito caminho a percorrer nesta estrada que é a vida, onde o sucesso só é atingido se trabalharmos arduamente.

Levo deste semestre e deste mestrado muito boas recordações de momentos por que passei, de pessoas com quem contatei, de crianças fascinantes que me ensinaram muito, mas também levo saudades, saudades daqueles que foram os meus primeiros alunos, apesar de eu ainda não ser professora, mas foram estes que me mostraram o quanto a prática docente é fascinante e o quanto podemos ser professoras/educadoras bem-sucedidas quando aqueles a quem dedicamos o nosso tempo e o nosso amor e para os quais se esforçamos diariamente e a quem nós nos entregamos verdadeiramente, são os “nossos meninos”.

Ser professora tem que ser mais do que levar para a sala um manual como bíblia para ensinar, como se de formatação de alunos se tratasse, tem que ser mais do que transmitir conhecimentos, ser professora tem de ser construir conhecimentos, tem de ser uma entrega total entre si e cada criança, e é nelas que deve estar o verdadeiro foco. Ser professora não pode ser o lamentar do cansaço diário que se sente, tem de ser o encarar esta profissão como algo maravilhoso em que professora e alunos aprendem como um só, e com uma finalidade comum, o verdadeiro sucesso de ambos, pois se uma criança tiver sucesso o professor certamente também se irá sentir realizado.

## PARTE II – COMPONENTE INVESTIGATIVA

### **Introdução**

Ao longo de toda esta Parte II, encontra-se a componente investigativa, sendo que a mesma está organizada em diversas partes. A primeira parte corresponde ao enquadramento teórico, respeitante aos temas que fundamentam toda a dimensão investigativa: Artes na Educação, o que é a Expressão Dramática, distinção entre Jogos Exploratórios e Jogos Dramáticos, o Papel do Professor na Expressão Dramática, Orientações Programáticas para a Expressão Dramática no 1.º Ciclo, Orientações Programáticas e Metas Curriculares para a Escrita no 4.º ano de Escolaridade e por último a Escrita Criativa e a Expressão Dramática. A segunda parte diz respeito à dimensão investigativa, onde é apresentada a questão de investigação e os objetivos específicos delineados, as opções metodológicas, os instrumentos de recolha de dados (Observação direta e participante, diário de bordo, videogravação e documentos escritos dos alunos). É ainda também caracterizado o contexto do estudo e os participantes, bem como, a descrição do estudo realizado. Por último, apresenta-se a terceira parte que corresponde à apresentação, análise e discussão dos resultados obtidos aquando da investigação propriamente dita.



## **1. Apresentação do estudo**

O estudo apresentado, realizado durante o ano letivo 2013/2014, diz respeito ao contributo da Expressão Dramática para a criação de contextos de Escrita Criativa.

O interesse pelo presente estudo deveu-se ao facto de os alunos não possuírem uma prática frequente de experiências envolvendo a Expressão Dramática, mais precisamente o jogo exploratório e o jogo dramático. Aliado a esta ausência deste tipo de experiências, existia ainda a dificuldade de os alunos conseguirem escrever sobre determinadas temáticas que lhes eram desconhecidas. Desta forma, surge então a questão de investigação em que a investigadora tenta perceber em que medida a Expressão Dramática poderia ser potenciadora da escrita criativa de diversos géneros textuais.

A investigadora ao longo de todo o estudo optou por implementar diversos jogos exploratórios e dramáticos, que potenciavam a escrita criativa de diversos géneros textuais, sendo colocadas problemáticas aos alunos para os quais estes teriam de arranjar possíveis soluções e desfechos.

O presente estudo surgiu no início da Prática Pedagógica II em 1.º Ciclo do Ensino Básico, com uma turma de 4.º ano de escolaridade, onde assumi o papel de professora-investigadora e ao longo de várias semanas foram sendo realizadas diversas experiências, as quais fui observando, analisando e recolhendo dados que me permitissem realizar esta investigação.

Para esta investigação foram então formulados os seguintes objetivos: a) planificar e implementar atividades integrando a Expressão Dramática de forma interligada com as outras áreas curriculares; b) compreender o papel da Expressão Dramática no que concerne à aquisição e compreensão de conteúdos das diversas áreas curriculares; c) implementar diversos jogos exploratórios e dramáticos que proporcionassem ambientes ficcionais contextualizadores de escrita para as crianças; d) perceber como experiências relacionadas com a Expressão Dramática podem levar à escrita criativa por parte das crianças criando contextos que levassem à escrita de diversos géneros textuais.

Sendo que, a questão de investigação formulada foi a seguinte: Qual o contributo da Expressão Dramática para a criação de contextos de escrita criativa?



# CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

## 1. Artes na Educação

Muitos são os autores que defendem que as artes têm um papel fundamental na educação, desde Platão, Aristóteles, Schiller, Herbert Read, Verney, Ribeiro Sanches, Sócrates, Pitágoras, entre muitos outros. A arte é então vista como fonte de cultura, pois através desta, conseguimos ter uma visão ampliada do mundo que nos rodeia, ter acesso a outros períodos históricos, a outras vivências e realidades distintas das nossas, nos dias de hoje.

De acordo com Sousa (2003, p. 11) citando Verney e Ribeiro Sanches, refere que estes autores “(...) têm defendido a importância de uma educação que vá para além da simples transmissão de saberes(...)”, “A educação que se afasta do modelo que apenas se limita ao ensino-aprendizagem e que se equaciona em termos da personalidade, já apresenta como objectivos a satisfação das necessidades (...) desenvolvimentais da criança.”. Ainda segundo Verney e Ribeiro Sanches, citado também por Sousa (2003, p. 11) “(...) as metodologias de cooperação e de trabalho em grupo poderão ser incluídas numa educação socializadora.”. Já Sócrates e Pitágoras, citados por Sousa (2003, p. 11) defendem “(...) a perspectiva da formação através do autoconhecimento, influenciando ambos as posições platónicas de uma educação voltada para a formação da pessoa no seu todo, objectivada para a sua evolução.”

Quanto a Herbert Read, citado por Sousa (2003, p. 24-25) este,

(...) preocupa-se fundamentalmente com a educação, vendo-a como formação humana integral, em cujo processo a arte desempenha um papel primordial, sob todas as suas formas expressivas, para a adequada formação da personalidade, sustentando que esta só se desenvolve equilibradamente num processo de individualização e integração, ou seja, da reconciliação da singularidade individual com a unidade social. Uma educação individualizada associada a uma educação socializante (...).

A educação artística será então uma das vias que proporciona harmonia ao nosso corpo e à nossa alma, devendo ser feita Educação tendo por base as artes, desde os primeiros anos. (Sousa, 2003)

Ao analisar-se o currículo dos diversos níveis de ensino, podemos constatar que é dado uma maior ênfase às Ciências e às Letras do que às Artes. Contudo, “As Artes na Educação consideram estas como membros de pleno direito no processo educativo,

devendo-lhes ser dispensados os mesmos cuidados que às Letras e às Ciências.” (*Op. cit.:87*)

De acordo com o mesmo autor (*Op. cit.: 88*) “As Artes na Educação não procuram, de modo algum, a formação de futuros artistas. O seu objectivo é o enriquecimento da criança ao nível da sua cultura geral e não a sua canalização precoce para o mundo artístico do adulto.”

Com a origem do decreto-lei nº 46/86 de 14 de Outubro, citado por Sousa (2003, p. 31-32) é aceite pela primeira vez, em Portugal, “(...) que a Arte é um factor importante na formação integral da pessoa, devendo por isso fazer parte integrante do sistema educativo. Esta Lei determina, por isso, que nos currículos dos níveis Pré-Escolar, Ensino Básico, (...) sejam integradas áreas disciplinares com o objetivo de «desenvolver as capacidades de expressão; ... a imaginação criativa; ...a actividade lúdica; ... promover a Educação Artística; ...as diversas formas de Expressão Estética».”

Barret e Landier (1994, p. 11-12) referem que, enquanto Professores e Educadores devemos pensar na criança, no aluno, de forma a formar espíritos flexíveis e empreendedores, fazendo a diferença do que temos assistido ao longo dos anos. Devemos “(...) ajudar os alunos a ser os actores do seu próprio destino sobre o grande palco do mundo;” “(...) privilegiar a criança, aquele que deve ser o beneficiário(...)” das actividades de arte “(...) aquele que as utiliza em seu proveito para se exprimir, comunicar, sentir e experimentar, aprender e conhecer mais e melhor o mundo em que vive, as pessoas com quem vive e vai viver.”

A arte é vista por muitos autores como sendo uma forma de expressão e comunicação de sentimentos que ajudam os alunos a desenvolverem determinadas habilidades e capacidades, combinando desta forma aprendizagem e prazer na medida em que as artes devem ser desenvolvidas para puro prazer e não por competição. Na arte não deve existir a necessidade de competição, de recompensa, nem mesmo de um produto final, para ser visto por outrem. Através desta o aluno consegue exteriorizar as suas emoções e aprender.

A arte é atemporal, pois possibilita-nos o conhecimento da humanidade, recriando beleza e dando-nos a conhecer diferentes culturas. Segundo Ferreira (2010, p.12) a arte

“(…) é considerada uma linguagem entre os homens, proporciona amplas experiências, além de possuir a magia de levar as pessoas a ver o mundo através de um olhar mais sensível e inteligente.”

Existem no entanto diversos autores que nos dão uma definição do que para si é arte:

Segundo Feist (1996, p.9), citado por Ferreira (2010, p. 12-13) “(…) a arte é um produto da criatividade humana, que, utilizando conhecimentos e técnicas e um estilo ou jeito todo pessoal, transmite uma experiência de vida ou uma visão de mundo, despertando emoção em quem a usufrui”.

Já para Bilbão (2004, p.89), também ele citado por Ferreira (2010, p. 14) “A arte, tal como vivenciada, é um fenómeno positivo, que traz alegria e plenitude às pessoas que a abraçaram de forma intensa, além de facilitar um equilíbrio entre mundo externo e mundo interno”.

A arte faz parte da vida das crianças e é através desta que contactam com as cores, formas, movimentos, sons, e criam ou recriam a sua vida quotidiana. O professor, quando trabalha com os seus alunos deve focar-se naquilo que os alunos pensam, sentem, e principalmente partir dos interesses destes e não dos seus. Este nunca deverá reprimir a espontaneidade dos seus alunos, pois ao fazê-lo está a levá-los a perder a sua criatividade. De acordo com Ferreira (2010) “A criatividade está intimamente ligada à espontaneidade.” O professor não deve então criticar os seus alunos, deve sim incentivá-los, levá-los a expressarem-se livremente, sendo que estas vivências que as crianças têm através da arte são fundamentais para a sua formação e a arte encontra-se presente em todo o seu quotidiano. (*Op. cit.:*19)

Para Platão, citado por Ferreira (2010, p. 22) “(…) o homem poderia e deveria ser educado por meio da arte.” já Herbert Read, citado pelo mesmo autor “(…) considera que a arte e a educação estão ligadas ao homem como individuo, como ser cultural e como cidadão. Considera também que a arte deve ser baseada na expressão e na liberdade criadora, que devem ser elementos fundamentais na educação da criança.”

Desta forma, a arte tem um papel fundamental na educação, uma vez que através da utilização desta, o aluno se torna mais sensível, tem acesso a novas descobertas através destas, ou seja, através das experiências e conhecimentos a que tem acesso. Os alunos devem então ser estimulados pelo professor através de atividades de carácter livre e

formador que respeitem a capacidade de expressão destes. Através da arte na educação os alunos tem acesso à sua cultura, levando-os a perceber melhor não só a sua cultura, como todas as culturas em geral. É nesta perspectiva que as artes têm um carácter interdisciplinar, permitindo que todas as disciplinas sejam trabalhadas de forma interligada. (Ferreira, 2010)

Assim, segundo Ferreira (2010, p. 25, 26, 27)

(...) a principal finalidade da arte-educação é formar o ser criativo que possa realizar-se como pessoa por meio de uma educação integral. A arte como expressão pessoal e cultural é a base necessária para o pleno desenvolvimento do aluno e deverá contribuir para uma educação transformadora. A arte-educação tem ainda como finalidade (...) fornecer experiências que ajudem o aluno a refletir sobre a arte, desenvolvem valores, sentimentos, reflexões e uma visão crítica do mundo que o cerca.

Mas, para muitos professores as artes são vistas apenas como instrumentos utilitários.

Contudo, para os professores contextualistas, segundo Almeida (2001, p. 12)

(...) as actividades artísticas são necessárias porque constituem um poderoso fator de desenvolvimento emocional e social da criança – “servem para extravasar emoções”, “desinibem” e “socializam a criança” – e também por impulsionar a imaginação e criatividade.

Eisner, citado por Almeida (2001, p. 14), refere que ao realizarem atividades artísticas as crianças estão a desenvolver simultaneamente diversas capacidades, entre as quais, a sua autoestima e autonomia, o

(...) sentido de empatia, capacidade de simbolizar, analisar, avaliar e fazer julgamentos e um pensamento mais flexível; também desenvolvem o senso estético e as habilidades específicas da área artística, tornam-se capazes de expressar melhor ideias e sentimentos, passam a compreender as relações entre partes e todo e a entender que as artes são uma forma diferente de conhecer e interpretar o mundo.”

Mas Almeida (2001, p. 14) não fica por aqui e acrescenta ainda a ideia de que quando os alunos conseguem conhecer e compreender as artes, tornam-se pessoas sensíveis com capacidade de “(...) perceber de modo acurado modificações no mundo físico e natural, e também de experimentar sentimentos de ternura, simpatia e compaixão.” Segundo esta mesma autora, o motivo principal para se incluir as artes na educação é devido a estas fazerem parte do património cultural da humanidade, devendo as escolas preservá-lo e dá-lo a conhecer, pois “As artes são produções culturais que precisam ser conhecidas e compreendidas pelos alunos, já que é nas culturas que nos construímos como sujeitos humanos.” (*Op. cit.*:15)

As artes devem ser vistas como ferramentas que desenvolvem habilidades específicas nos alunos, auxiliando-os muitas vezes na construção da sua autoestima e confiança em si mesmos. Segundo Eisner, citado por Almeida (2001, p. 31)

(...) a maior de todas as contribuições das artes na educação infantil e básica para a formação dos alunos, seja que fazendo ou apreciando artes, os alunos passam por uma experiência estética e aprendem que, com ela, o mundo pode se tornar mais agradável e mais completo.

A criança é um ser humano cultural em crescimento, sendo que as artes contribuem muito para que as mesmas aprendam mais do que aquilo que nós imaginamos e pretendemos, pois estas extrapolam tudo aquilo que poderiam aprender nas artes, e estas são auxiliadoras da forma de pensar única de cada indivíduo. (Almeida, 2001)

## **2. O que é a Expressão Dramática**

Luís Aguilar (2001, p. 19) diz-nos que “(...) nenhuma aprendizagem poderá ser bem sucedida se a criança não se sentir bem no seu corpo, se não der livre curso às suas ideias, às suas emoções, aos seus afectos e se não se sentir bem na escola, enquanto pessoa individual e social.” A Expressão Dramática é facilitadora de todo este processo, uma vez que valoriza a educação sócio afetiva, privilegiando sempre as mudanças pessoais de cada indivíduo.

Segundo Sartre (1960), citado por Aguilar (2001, p. 27) “Expressão é uma interiorização do exterior que se realiza pelo próprio movimento, em que exteriorizo a minha interioridade... uma parte da totalidade em curso.” Mas Pelletier (1981), citado pelo mesmo autor, considera que a expressão está diretamente relacionada com a experiência pessoal e percepção subjetiva e interior de tudo aquilo que nos cerca. Para Aguilar (2001, p. 29) “Expressão é a manifestação da existência, traduzida na vontade de afirmação e de exteriorização do Eu, em relação a si próprio, aos outros e ao mundo, com ou sem a mediação de um produto a criar.”

Ainda para este mesmo autor, (2001, p. 29), o conceito de Expressão encontra-se dividido em três dimensões, sendo elas o criar, o comunicar e o estar. As dimensões estar e comunicar estão ligadas a dois dos objetivos da educação, sendo eles o desenvolvimento harmonioso da personalidade e o desenvolvimento social. A estas três grandes dimensões, Richard Courtney (1980), citado por este mesmo autor, propõe ainda três categorias, sendo elas o “eu sou, eu faço e eu crio.” Aguilar (2001, p. 30), define então a Expressão Dramática como sendo “(...) uma forma de expressão e

comunicação em que o indivíduo age em vez de dizer o que pensa, o que critica, ou o que o magoa.” Para este mesmo autor, a Expressão Dramática possui características específicas, tais como, a capacidade de comunicar com o outro através do desempenho de papéis, expressar com o corpo e com a voz as criações do seu mundo interior, estimular a observação, a descentração de si próprio, proporciona a comunicação preparando a criança para o contato com o outro, ou seja, promove aquisições de âmbito social. “A Expressão Dramática ajuda o indivíduo tanto a exprimir as suas emoções como a controlá-las.” (*Op. cit.*:31) Através desta, as crianças conseguem aprender a conhecer melhor tudo o que as rodeia, o seu mundo e as pessoas que fazem parte deste. Através desse conhecimento conseguem mostrar-se mais ao outro, dar-se a conhecer exprimindo as suas emoções, os seus sentimentos.

Uma outra autora, Isabel Kowalski (2005, p. 20) quanto à Expressão Dramática, refere que esta “(...) consubstancia-se como meio criativo, expressivo e comunicativo facilitador da reflexão, da organização de ideias e emoções, como estímulo lúdico e integrado para descobertas e conhecimentos vários, como meio de aprendizagem artística e de educação estética.”

Segundo Sousa (2003, p. 11)

Quando uma criança brinca com uma boneca no seu quarto dizendo «- Eu sou a mãe.» está a desempenhar ficticiamente um papel de mãe, vivenciando-o de modo tão intenso como se de facto fosse a realidade. Quando a mesma criança, num palco, numa festa escolar, perante uma plateia, finge que é a mãe de uma boneca, está a representar.

No primeiro caso estamos perante uma situação de Expressão Dramática, mas o mesmo já não acontece no segundo caso pois, brincando sozinha no quarto a criança está a expressar os seus sentimentos, a exprimir-se à sua maneira, a brincar livremente, enquanto no segundo caso a criança está a representar, a fazer teatro, encarnando o papel de uma personagem para uma assistência. Contudo, muitas foram as vezes em que o termo “Expressão Dramática” foi utilizado por pessoas do teatro e também da educação. Segundo Herbert Read (1943) citado por Sousa (2003, p. 20)

«A expressão dramática é fundamental em todos os estádios da educação. Considero-a mesmo como uma das melhores actividades, pois que consegue compreender e coordenar todas as outras formas de educação pela arte. Partindo-se do ponto de vista de que a educação pela arte é o método fundamental da educação do futuro, poder-se-á compreender o alto significado da expressão dramática.»”

Alberto B. Sousa (2003, p. 23) refere alguns autores que possuem formação teatral e educacional e dá a conhecer as suas perspetivas relativamente à Expressão Dramática

Educacional e a Expressão Dramática/Teatral tendo em vista o papel que ambas desempenham na educação da criança. J. Coupeau, artista e pedagogo, é um dos autores mencionados, este “ (...) considera o jogo de faz-de-conta da criança como uma das principais, se não a principal, metodologia educacional, das poucas capazes de proporcionar uma eficaz formação em todos os factores da personalidade.” Já Leon Chancerel, citado por Sousa (2003, p. 24-25) ao ter contacto com o jogo do faz-de-conta, considera-o como sendo uma ferramenta educativa imprescindível para o educador, desta forma, consegue introduzi-lo na sala de aula. Um outro autor, citado por Sousa (2003, p. 27), é Herbert Read, que menciona

(...) as artes como o método mais eficaz para se efectuar a educação, propondo o jogo, a espontaneidade, a inspiração e a criação como objectivos imediatos de uma intervenção lúdico-expressivo-criativa que envolve o drama, a dança, a música, a plástica, a verbalização e a escrita.

Por último, Sousa (2003, p. 29) refere e cita ainda um outro autor, Peter Slade, sendo este referido como o pioneiro, em Inglaterra, do teatro para e com as crianças. Slade, realizou um estudo psicopedagógico, concluindo que “(...) o drama infantil possui na criança uma forma artística característica, com o seu próprio desenvolvimento específico.”

Para este mesmo autor, o teatro é uma forma de arte, enquanto o drama é uma forma de vida, sendo fulcral na educação, e a Expressão Dramática é por ele considerado um meio valioso e completo para a educação.

Já, para Arquimedes Santos (2008, p. 236) A palavra “expressão” deriva do latim “expressione”, ou seja, algo que se expressa, como por exemplo, manifestação de emoções, de vontades próprias, de sentimentos. Enquanto que “drama”, na infância, “(...) não significa propriamente uma forma teatral de espectáculo, mas uma especifica actividade lúdica da criança.”

### ***2.1. Jogos Exploratórios e Dramáticos***

Para as crianças o jogo é algo natural nas suas vidas, na sua forma de estar e de se relacionar com o mundo. Este permite trabalhar diversas coisas com as crianças, tais como, o reflexo, a atenção, a memória, o senso rítmico, a percepção do espaço, entre muitas outras. Para Lev Vygotsky (2009, p. 89), é no jogo que “(...) se encontra a raiz de toda a criação infantil (...)” sendo que para Almeida (2001, p. 20-21)

«Ao simbolizarem, os alunos transportam-se para um mundo de fantasia, para um mundo imaginário criado por eles próprios, moldado ao seu gosto e que funciona com um sistema de regras especiais, o que lhes permite praticar no contexto da brincadeira o que não podem verdadeiramente fazer no “mundo real”. O jogo do “faz-de-conta” também dá às crianças a oportunidade de aprender a sentir como os outros e pelos outros, o que é um ingrediente importante para o desenvolvimento social. Assim, uma vez que a capacidade de ter empatia requer habilidade para uma projecção imaginária – e as artes podem ajudar a construir essa habilidade -, fica evidente sua importância para o desenvolvimento desse sentimento, essencial à vida em sociedade.»

Mas, existem dois tipos de jogos relacionados com a Expressão Dramática, são eles os jogos exploratórios e os jogos dramáticos. Quanto aos jogos exploratórios Kowalski (2005, p. 27) diz-nos que este é o nome “(...) dado às actividades pontuais ou enquadradas em sequências de actividades que não pressupõem o desenrolar de uma acção dramática, ainda que possam levar ao exercício do uso de elementos sonoros ou visuais da linguagem teatral.” Desta forma, os jogos exploratórios, contribuem para uma educação estética quando incluídos numa educação artística. Ainda para a mesma autora, “Enquanto jogo, os jogos exploratórios constituem um meio facilitador da tomada de consciência de si e da distinção entre o eu e o que lhe é exterior.” (*Op. cit.:*28)

Já o jogo dramático, este é realizado em grupo sendo que cada pessoa é responsável pela interpretação de personagens, bem como pela representação de situações improvisadas, tendo que ser responsável pela mesma e devendo também empenhar-se na representação da mesma. Desta forma, ao utilizar o jogo dramático, o professor está a proporcionar aos alunos o autodesenvolvimento da sua personalidade. O jogo dramático possui ainda a característica de que, através de uma situação problemática é possível dar origem a outras novas situações às quais se procura ir dando resposta.

Para Kowalski (2005, p. 52) “Aprender em conjunto, trocar e organizar informação sobre aspectos da vida próximos ou afastados do quotidiano, através do jogo dramático, é um modo gratificante e eficiente de investir na educação cívica e cultural desde criança, no gosto pela procura e descoberta, pelo trabalho em equipa, pela escola, pela intervenção reflectida.” No jogo dramático, a criança tem necessidade de partilhar com o outro aquilo que sente, a sua realidade. É nesta medida que as situações que o jogo dramático privilegia ajudam a criança a exteriorizar aquilo que sente e com isso adquire o sentido de realidade e gosto pela aprendizagem, motivando-se assim para ser criativa.

Um outro autor, Aguilar (2001, p. 51) acrescenta ainda que “Nos jogos dramáticos as crianças desenvolvem acções ligadas a uma história ou a uma personagem que as colocam perante problemas a resolver: problemas de observação, de equilíbrio, de controlo emocional, de afirmação individual, de integração no grupo, de desenvolvimento de uma ideia, de progressão na acção.

Mas Lopes (2011, p. 26) citando Richard Courtney (1968:1), diz-nos ainda que “(...) o teatro na educação deve ser baseado no jogo dramático, com o fim de contribuir para o desenvolvimento da criança.”

O professor deve ter consciência da importância da integração dos jogos exploratórios e dos jogos dramáticos no dia-a-dia dos seus alunos, utilizando-os para trabalhar as várias áreas curriculares pois, estes possuem um “grande potencial pedagógico.” (Kowalski, 2005)

## ***2.2. O Papel do Professor na Expressão Dramática***

Leon Chancerel, citado por Sousa (2003, p. 25) defende que “O nosso papel de educadores é fomentar nas crianças o estado de criação dramática.” Segundo este mesmo autor, o Educador tem dois objectivos que deverá atingir:

- A. Proporcionar às crianças os meios de expressão mais completos possíveis.
- B. Formar ao mesmo tempo o seu senso artístico, o seu senso social, o seu carácter.

Segundo Isabel Kowalski (2005, p.11), “(...) em qualquer contexto educativo, desde os primeiros anos da educação básica, será útil uma maior consciencialização dos educadores/animadores quanto às características das linguagens artísticas e à optimização da acção educativa com a concretização de actividades que as impliquem.” Ainda segundo esta autora “Aprende-se a ser criativo, criando; a ser expressivo, expressando-se; a fruir, fruindo; a comunicar, comunicando.” (*Op. cit.*:12)

A Expressão Dramática nas escolas é vista ainda por muitas pessoas, incluindo professores, como algo pouco sério, que não assegura o futuro de ninguém. Cabe ao professor desfazer esses pontos de vista, mostrar aos outros todas as potencialidades desta área curricular, sendo que segundo Vianna & Strazzacappa (2001, p. 123) “(...) o professor não precisa ser um especialista de teatro, mas, sem dúvida, é necessário que seja uma pessoa de teatro!” Desta forma, segundo estas duas autoras (2001, p. 137) “O Professor deve apenas ter sensibilidade para seleccionar a “brincadeira” que corresponda

ao objetivo do dia, que pode ser: desenvolver a atenção, a memória, a percepção do espaço, o senso rítmico etc.” mas, para muitos professores, a Expressão Dramática tem um cariz meramente instrumental. Os professores/educadores, devem ser capazes de mostrar que as artes têm bastantes potencialidades, tais como, “extravasar emoções”, de socialização com o outro, desinibidoras, potencializadoras do desenvolvimento da imaginação e da criatividade.

O professor deve também ser capaz de explicar claramente o porquê da presença das artes no currículo escolar, mostrando argumentos convincentes pois, o que se espera de um bom professor é que este seja capaz de dizer por que ensina. Para Almeida (2001, p. 13-14)

É fundamental saber o que os alunos aprendem quando trabalham com artes, porque é esse conhecimento que confere segurança e excelência ao trabalho do professor. Além disso, os professores precisam conhecer o valor do que fazem, precisam de saber quais as efectivas contribuições de seu trabalho no desenvolvimento dos alunos.

A arte é muitas vezes “impingida” aos alunos pelos professores, que estão muitas vezes preocupados não com a aprendizagem e interesses dos alunos, mas sim em “demonstrar serviço”, em que as atividades que propõem aos alunos nenhum sentido fazem para os mesmos, levando-os a ficarem desanimados e desinteressados, ao invés de obterem prazer com aquilo que estão a fazer. Estes muitas vezes exigem aos alunos tarefas chatas e obrigatórias, que não tem qualquer sentido para os alunos, tornando-os tudo menos divertidos e prazerosos. (Almeida, 2001) Para esta autora, (2001, p.22) “Um dos mais importantes objectivos da educação é “(...) contribuir para o desenvolvimento da autonomia, ajudar os alunos a se tornarem moral e intelectualmente livres, aptos a pensar e agir de forma independente.

É de extrema importância que os professores não demonstrem excessiva preocupação com o produto final, dizendo o que é o padrão estético ideal, eles devem sim preocupar-se que os alunos aprendam e reconheçam o que aprendem. Mais do que o produto final, o professor deve dar bastante importância ao processo de produção dos alunos. Qualquer proposta pedagógica tem de fazer sentido para professores e alunos, de modo a que não se torne numa atividade desprovida de sentido. Na maioria dos casos, o que podemos constatar é que o professor propõe as atividades e o papel do aluno é simplesmente o de acarretar a ordem do professor, fazendo todos os alunos a mesma atividade e ao mesmo tempo, com o objetivo de chegarem a um produto final padronizado pelo professor. Mas o papel do professor e do aluno não deve ser esse. As

atividades de arte devem ser entendidas e valorizadas como uma forma de desenvolver nos alunos o pensamento, a imaginação, a criatividade, bem como aspectos sócio afetivos. O aluno deve ser autónomo, original, e realizar tarefas pelo simples prazer que estas lhe proporcionam.

Segundo Isabel Kowalski (2005, p. 16) “(...) mesmo no 1º Ciclo do Ensino Básico, há actualmente mais professores a trabalhar de modo centrado nos conteúdos programáticos por disciplina, do que no desenvolvimento de projectos comuns a grupos de alunos.” Contudo, qualquer professor consegue ser suficientemente criativo para introduzir nas suas aulas atividades que se identifiquem com os interesses dos alunos. É de extrema importância que o próprio professor adira de uma forma afetiva às propostas que leva para a sala de aula, sentindo-se entusiasmado com o que sugere. “Criar situações em que o professor e o aluno se envolvam afetivamente é condição para o sucesso.” (*Op. cit.*:16)

### ***2.3. Orientações Programáticas para a Expressão Dramática no 1.º Ciclo***

Desde muito cedo as crianças entram em contato com a Expressão Dramática através das suas brincadeiras ao faz-de-conta, onde muitas vezes são espelhadas as suas vivências do dia-a-dia, coisas que se passam no seu quotidiano, como por exemplo, tomar conta de um bebé, a mamã e o papá, o ir às compras, o cozinhar, fazer construções, arranjar carros, entre muitas outras coisas que podemos observar quando as crianças brincam. Desta forma, será sempre fundamental que desde tenra idade sejam proporcionados momentos desta natureza às crianças, não só em casa como também nos contextos educativos, devendo os professores de 1.º Ciclo perceber quais as potencialidades da Expressão Dramática e proporcionar às crianças atividades estimulantes para estas e que as levem a desenvolver determinadas competências.

Na Organização Curricular e Programas para o 1.º Ciclo do Ensino Básico (2004), na área de Expressão Dramática, encontram-se definidas orientações no que diz respeito à mesma. Neste programa a Expressão Dramática encontra-se dividida em blocos. O Bloco I corresponde aos *Jogos de Exploração*, que englobam o *corpo, voz, espaço e objetos*, e ainda o Bloco II que diz respeito aos *Jogos Dramáticos*, onde encontramos a *Linguagem Verbal*, a *Linguagem Não Verbal* e ainda a *Linguagem Verbal e Gestual*.

Assim, as orientações definidas no Bloco I dizem respeito a “(...) actividades lúdicas que visem enriquecer a capacidade da criança se expressar e comunicar.” (p. 78) Neste mesmo bloco, em relação ao *Corpo*, as crianças deverão ter a oportunidade de vivenciar diferentes formas de se movimentarem e de explorarem o seu próprio corpo. A *Voz* será algo que os alunos deverão explorar de forma a conhecerem as suas potencialidades, e conseguindo ao mesmo tempo alia-la aos seus movimentos. Quanto ao *Espaço* a criança deverá orientar-se num espaço, conseguir explorá-lo, perceber como se pode deslocar no mesmo de acordo com cada situação concreta. Por último, os *Objetos*, em que a criança poderá utilizá-los e dar-lhes características diversas, recriando e inventando personagens e situações. (Organização Curricular e Programas para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, 2004, p. 78, 79, 80, 81)

Já o Bloco II diz respeito à criação de histórias, improvisações, que tantas vezes são criações que as crianças gostam de apresentar à comunidade e em que estão presentes diversos tipos de linguagem. Na *Linguagem Verbal* as crianças sensibilizam-se para a utilização de sons, silêncios ou palavras, participando na elaboração oral de uma história ou até mesmo improvisando um diálogo, ou explorando as diversas formas de dizer um texto. A *Linguagem Não Verbal* corresponde a tudo aquilo que é espontâneo nas atitudes, gestos ou movimentos, ou seja, a improvisação que pode partir de histórias ou situações que são dramatizadas. Por último, a *Linguagem Verbal e Gestual* que são utilizadas em simultâneo, onde o grande foco é a improvisação por parte das crianças. (*Op. cit.*: 82, 83, 84, 85)

A Expressão Dramática deve ser vista como parte integrante do currículo e não como algo que apenas tem lugar depois de todas as outras áreas curriculares terem sido trabalhadas. Esta área é um elemento bastante facilitador da integração das crianças aquando da sua entrada para o 1º Ciclo, ajudando a que se crie um bom ambiente entre professor-alunos e alunos-alunos, tornando-se mais fácil para o aluno comunicar com o outro e com o meio.

Segundo o Departamento da Educação Básica (2001) a Expressão Dramática é considerada uma atividade globalizadora, pois abarca as dimensões plástica, sonora, oral, motora, sendo desta forma uma área privilegiada na educação artística. Esta área pode ser trabalhada em grupo, sendo aqui utilizadas as experiências, conhecimentos e vivências de cada aluno, ajudando a que sejam adquiridas novas aprendizagens através

do drama. A Expressão Dramática proporciona aos alunos a oportunidade de alargarem as suas experiências de vida enriquecendo ao mesmo tempo as suas capacidades de decisão e escolha. Esta mesma área permite ainda explorar conteúdos que podem estar interligados com outras disciplinas do currículo escolar, tornando as aulas bastante mais apelativas e eliminando-se a ideia de que “Ir à escola é estar sentado numa cadeira. É estar sentado em fila, com uma pequena mesa à frente. É estar sentado de costas para os colegas e a olhar para as costas de alguém. Ir à escola é estar sentado de lápis na mão a copiar algo. É estar quieto e mudo a observar o movimento cénico de um professor. É ouvir ecos de vagas explicações de algo há muito descoberto e de que não se percebe o sentido. É estar rodeado de mobiliário que invade o espaço e dificulta a mobilidade dos pequenos corpos que nele habitam...” (Lopes, 2011, p.19)

Segundo Isabel Kowalski (2005, p. 54) deverá existir desde os primeiros anos de escolaridade a utilização do jogo dramático devendo este ser concretizado de forma integrada com as outras áreas curriculares, sendo que desta forma irá contribuir para o desenvolvimento da literacia artística das crianças de forma aliada a uma perspectiva ativa e construtiva da educação e aprendizagem. Ainda segundo esta autora (p. 55)

As actividades artístico-expressivas implementadas de modo integrado podem ser, por exemplo, um excelente contributo para a vivência de situações em que os processos da ciência são incluídos. Não há jogo dramático sem a formulação de problemas, sem hipóteses, sem inferências, sem ordenação, sem comunicação...”

A intenção da existência da Expressão Dramática nas escolas não é a de formar um ator ou uma atriz, mas sim fazer com que exista aprendizagem, em que a criança, pela prática da representação, se expõe e confronta o seu mundo com o mundo que a rodeia mas, para que isso possa acontecer, esta deve ser considerada uma área de conhecimento tão importante quanto o é a Matemática, o Português e o Estudo do Meio.

### **3. Orientações Programáticas e Metas curriculares para a Escrita no 4.º ano de escolaridade**

Ao entrarem para a escola as crianças já possuem uma ideia construída sobre a escrita, sendo fundamental que ao longo do 1.º Ciclo estas sejam englobadas em percursos integradores que as ajudem a desvendar as potencialidades da escrita. Mas para isso será fundamental que em sala de aula sejam proporcionados aos alunos momentos de contato com a escrita, bem como sejam criados projetos diversificados que incluam produções escritas das próprias crianças, ou seja, momentos em que se lhes dê a possibilidade de

contatarem com as diferentes possibilidades de escrever. De acordo com a Organização Curricular e Programas para o 1.º Ciclo do Ensino Básico (2004, p. 146) “Estes escritos podem sempre valorizar-se e ampliar-se no intercâmbio com outros grupos e com a comunidade.” Mas, para aprender a escrever será necessário que exista bastante prática da escrita sempre associada a situações que sejam estimulantes para as crianças. Contudo, a escrita das crianças nunca deverá ser alvo de censura, para que a criança consiga encontrar o verdadeiro prazer de escrever. “Para aprender a escrever, as crianças têm de realizar, sobre a escrita que produzem, uma série de acções semelhantes às que realizam sobre um objecto físico, isto é, têm de descobrir como, porquê e em que situações a escrita funciona.” (*Op. cit.: 146*) Diversificar os contextos de produção escrita irá ajudar as crianças a perceberem as potencialidades da mesma e as várias formas que esta pode assumir. (*Op. cit.: 146*)

Na Organização Curricular e Programas para o 1.º Ciclo do Ensino Básico (2004) são apresentados os conteúdos que devem ser abordados no âmbito da *Comunicação escrita*:

### **1. Desenvolver o gosto pela Escrita (...)**

- Experimentar múltiplas situações que desenvolvam o gosto pela escrita (textos de criação livre, textos com tema sugerido, textos com temas à escolha...).
- Escrever, individualmente e em grupo, a partir de motivações lúdicas (completar histórias, criar histórias a partir de gravuras desordenadas ou em sequência, banda desenhada, jogos de palavras).
- Experimentar diferentes tipos de escrita, com intenções comunicativas diversificadas, requeridos pela organização da vida escolar e pela concretização de projectos em curso (avisos, recados, notícias, convites, relatos de visitas de estudo, relatos de experiências, correspondência, jornais de turma, de escola...).
- Recriar textos em diversas linguagens (transformar histórias, recontar histórias, dramatizar momentos ou histórias completas).
- Registar, por escrito, produções do património literário oral para as conservar ou para as transmitir. (p. 154)

### **2. Desenvolver as competências de Escrita e de Leitura**

- Desenvolver o gosto pela escrita por iniciativa própria (ter cada aluno um caderno onde possa escrever como souber, o que quiser, quando quiser).
- Praticar o aperfeiçoamento de textos escritos (em colectivo, em pequeno grupo), questionando o autor, emitindo opiniões e apresentando críticas e sugestões para o melhorar.
- Participar na reescrita do texto, confrontando hipóteses múltiplas, tendo em conta o seu aperfeiçoamento (organização das ideias, supressão de repetições desnecessárias, adequação do vocabulário, adjetivação, formas básicas da ortografia, da acentuação e do discurso directo).
- Participar na comparação entre o texto original e o texto trabalhado.
- Registar (por cópia ou por ditado na imprensa, no limógrafo, no computador) o texto trabalhado, cuidando da sua apresentação gráfica, e integrá-lo em circuitos comunicativos (correspondência interescolar, jornais de turma ou de escola).

- Construir livros de leitura com os seus textos, com textos de companheiros e correspondentes, com textos de escritores.
- Construir livros de histórias.
- Exercitar-se, em momentos de trabalho individual, na superação de dificuldades detectadas (organização das ideias, pontuação, vocabulário, ortografia) através de fichas autocorrectivas ou outras. (p. 156)

Para além da Organização Curricular e Programas do 1.º Ciclo do Ensino Básico, surgem também as Metas Curriculares para o Ensino Básico de Português (2012, p. 37, 38, 39), onde são apresentados descritores de desempenho para a Escrita:

***Planificar a escrita de textos.***

1. Registrar ideias relacionadas com o tema, hierarquizá-las e articulá-las devidamente.

***13. Redigir corretamente.***

1. Respeitar as regras de ortografia e de acentuação.
2. Aplicar regras de uso de sinais de pontuação para representar tipos de frase e movimentos sintáticos básicos (enumeração, delimitação do vocativo, encaixe, separação de orações).
3. Utilizar e marcar adequadamente parágrafos.
4. Controlar as estruturas gramaticais correntes: concordâncias, adequação de tempos verbais e expressões adverbiais de tempo.
5. Construir dispositivos de encadeamento (crono)lógico, de retoma e de substituição que assegurem a coesão e a continuidade de sentido:
  - a) repetições;
  - b) substituições por pronomes pessoais;
  - c) substituições por sinónimos e expressões equivalentes;
  - d) referência por possessivos;
  - e) uso de conectores adequados.
6. Utilizar vocabulário específico do assunto que está a ser tratado.
7. Cuidar da apresentação final do texto.

***14. Escrever textos narrativos.***

1. Escrever pequenas narrativas, integrando os elementos *quem, quando, onde, o quê, como, porquê* e respeitando uma sequência que contemple: apresentação do cenário (tempo e lugar) e das personagens; acontecimento desencadeador da ação; ação; conclusão; emoções ou sentimentos provocados pelo desfecho da narrativa.

***15. Escrever textos informativos.***

1. Escrever pequenos textos informativos com uma introdução ao tópico; o desenvolvimento deste, com a informação agrupada em parágrafos; e uma conclusão.

***16. Escrever textos descritivos.***

1. Escrever descrições de pessoas, objetos ou paisagens, referindo características essenciais e encadeando logicamente os elementos seleccionados.

***17. Escrever textos de opinião.***

1. Escrever um texto de opinião com a tomada de uma posição e apresentando, pelo menos, duas razões que a justifiquem e uma conclusão coerente.

***18. Escrever textos diversos.***

1. Escrever convites e cartas.
2. Escrever o guião de uma entrevista.

Foi nesta medida, que ao longo de algumas semanas, se tiveram em consideração tanto o Programa como as Metas Curriculares para a Escrita no 4.º ano de escolaridade, tendo sido proporcionadas às crianças diversas oportunidades de Escrita Criativa, sob a forma de diferentes tipos de textos, todos estes em conexão com a Expressão Dramática, dando lugar à questão de investigação sobre a conexão existente entre a Expressão Dramática e a criação de contextos para a escrita de diferentes géneros textuais.

#### **4. Escrita Criativa e a Expressão Dramática**

*Ensinar a língua materna é alfabetizar, conduzir à primeira decifração, instalar os instrumentos básicos que possam assegurar os mecanismos da percepção e da relação; ensinar a língua materna é levar à leitura e aprendizagem de um corpo de tradições, processos e sensibilidades que formam uma cultura e condicionam a possibilidade de uma civilização; ensinar a língua materna é assegurar ao indivíduo os meios de expressão, de compreensão de si e dos outros, de criatividade e, por conseguinte, de progresso; ensinar a língua materna é o primeiro e mais radical meio de educar um raciocínio lógico tanto como uma faculdade artística, e desenvolver sensibilidades e enriquecer culturas, e assegurar a íntima relação entre a construção do rigor e o investimento na literatura criativa.*

(Maria Alzira Seixo, 1983, p. 118, citada por Nery, 1993, p. 50)

A criança desde muito cedo que possui uma grande capacidade criativa, capacidade essa que a transporta inúmeras vezes para o mundo da imaginação sendo capaz de se aproximar e afastar daquele que é o mundo real e o mundo imaginário onde se expressa verdadeiramente e “(...) emotion in learning, having feelings in learning is important. (Jill’s citado por Neelands, 1998, p. 3)

É nesta medida que, através desta capacidade criativa e de imaginação que a criança consegue “fazer” escrita criativa, através de diversos tipos de texto, sendo que todos eles estão relacionados com alguma situação, algum contexto imaginário, onde são criadas novas realidades fictícias de acordo com cada criança e aqueles que são os seus desejos e necessidades. Desta forma, segundo Baldwin and John (2012, p.6)

Different types of writing require and help develop different types of thinking. If we are writing a shopping list for example, we may use logical reasoning, order information, group, prioritize and sequence. If we are writing a poem on the other hand, we may be involved in creative and critical thinking, selecting, synthesizing, ordering, grouping, evaluating and revising. The former may be pragmatic and functional and the latter may be aesthetically pleasing and engage us emotionally. Both are purposeful in their different ways and both types of writing matter at the time. The first will be forgotten in the future, the latter may not as we will be emotionally engaged with it.

Desde os primeiros anos que as crianças tendem a imitar os adultos em muitas coisas através do jogo dramático. Inúmeras vezes, nesse mesmo jogo as crianças fingem escrever, rabiscando, ou seja, algum tempo antes de conseguirem verdadeiramente

escrever. Tal ocorre porque a sua curiosidade para esse aspeto é despertada através do que observam o adulto fazer. Este aspeto deverá então ser aproveitado pelas escolas que deverão integrar este tipo de jogo dramático para as crianças desenvolverem determinadas competências. (*Op. cit.:* 7) Este tipo de atividades, de jogos dramáticos, são bons para levar os alunos à utilização da sua imaginação, por vezes com algum apoio devido à sua inexperiência neste campo, mas que se forem vivenciadas pelas crianças, onde estas se encontrem envolvidas, irá provocar um efeito emocional nas mesmas. Contudo, será necessário que os contextos em que os alunos escrevem estejam relacionados com a experiência real das mesmas e/ou com o seu imaginário, para que a escrita seja algo prazeroso e não uma mera obrigação. Será também fundamental que as crianças tenham acesso a diferentes tipos e géneros de escrita, para que dessa forma evoluam a vários níveis de escrita (*Op. cit.:* 8) Ainda segundo este mesmo autor, (2012, p.8) “Drama is a medium through which types of writing can be introduced within an engaging context. Children can be hooked into a drama that brings with it writing to read and emotionally and socially compelling reasons to write (as the drama requires it).”

A Expressão Dramática pode ser então proporcionadora de contextos de escrita, pois é muito flexível e proporciona às crianças infinitos contextos de jogo dramático que são bastante significativos para a escrita criativa. Segundo Baldwin and John (2012, p. 16)

Rather than teachers presenting children with writing tasks that seem to have come from nowhere (except maybe a past test or exam which many associate with anxiety), the writing tasks that arise within a drama, are connected immediately with the children because they are already engaged with the drama they have helped create, before any writing task emerges from it. They are co-owners of the fiction and understand the context and need for writing from an insider's perspective.

Segundo David Farmer (2011) o Drama proporciona às crianças algo significativo para escrever, sendo que assim os alunos ficam motivados para comunicar através deste formato, e isso não necessita necessariamente de ser depois das atividades de Expressão Dramática mas sim logo após ou durante estas atividades, em que os alunos escrevem frases curtas, pequenas ideias, palavras soltas, em diversos formatos e maneiras. De acordo com este mesmo autor,

Writing in or out of role can include letters, postcards, journals, reportage, interviews, advertisements, poetry, petitions, secret messages, treasure maps, captions, newspaper headlines and so on. Improvised drama is an exciting way of collectively devising a plot that can lead on to the writing of stories, monologues or play scripts. Words and phrases written during drama activities can be compiled into a group poem back in the classroom. Any reflective writing will deepen involvement in the drama and can lead on to further improvisation, artwork and other activities. (p. 4)

Mas a escrita criativa, tal como o próprio nome indica, implica criatividade. Contudo, segundo Sousa (2003, p. 193) “(...) a criança que frequenta os primeiros quatro anos da escolaridade básica, parece ter um decréscimo na sua capacidade criativa.” Tal, de acordo com este mesmo autor, poderá dever-se ao facto de ao longo destes quatro anos, o ensino ser muito escolarizado, onde as crianças têm que adquirir conteúdos, saber ler, escrever, resolver problemas, saber tabuadas, sendo deixadas um pouco de parte as atividades criativas, sendo que as crianças, muitas vezes também por fatores sociais, se inibem e não conseguem ser elas próprias.

De acordo com Suzanne Ziegler citada por Neelands (1998, p. 19) “(...) writing is a transformative activity. Drama-driven writing and writing-in-role afford the opportunity for the students to put their responses into the character and then step back and examine.”

A escrita criativa oferece oportunidades às crianças de repensarem aquilo que vivenciaram no jogo dramático, levando a que analisem os verdadeiros motivos para os seus comportamentos nas experiências de Expressão Dramática levando-os a encontrar a verdadeira razão das decisões que tomaram quando estavam em personagem. De acordo com Booth (1998, p. 29) “(...) the thought, discussion, and writing that occur after the drama may be as important to learning as what happened during it. as the children look back on what they have done, the teacher can make the learning that has occurred explicit by questioning and deepening their reflections on the implications and consequences of their actions in role. the children may also use drama as the source for private writing in a journal or for visual artistic expression.”

Baldwin and John (2012, p. 15) apresentam-nos uma tabela referente aos problemas que podem existir na escrita das crianças e como o drama os ajuda a resolver, sendo esta a que a seguir se apresenta:

**Tabela 1 - How drama helps address some common problems with writing**

<b>Problems with writing can arise when children...</b>	<b>Drama helps address this by...</b>
Don't have enough ideas or confidence to get started	Supporting the generation of ideas collaboratively that are then shared and belong to the group
Start writing but then soon run out of enough ideas and can't sustain their writing	Providing a new focus or deepen a current focus, thus sustaining the children's interest and sustaining the fiction which is inspiring the writing
Need support and encouragement while they are writing	Enabling collaborative writing, with the children all supporting each other to complete the writing task/s for the drama
See themselves as failures at writing and so have disengaged	Giving collective responsibility for the writing, so that no individual child should see themselves as personally failing (especial as they ae distanced through being in role)
Become fixated on getting the technical aspects right to the detriment of the content	Working collaboratively o aspects, so a child fixated on any aspect would be moved on with the writing by his/her peers
Stream out content with no attention (before, during or after) to organization and structure, punctuation and grammar and no will to edit or correct	Enabling a flow of ideas from everyone that can be written at the time and returned to later for redrafting in groups or as a class
Are risk averse and avoid experimenting as writers	Encouraging a risk taking in the drama that can spill over into a risl taking attitude to writing in the drama
Rely heavily on other people's ideas	Enabling the sharing of ideas by groups of diferente sizes, as well as individual writing tasks if appropriate
Focus on the handwriting rather than the content	Enabling the contente of the children's writing to deepen the drama or drive th drama forward
Are given writing tasks that are not well matched to their skills level and interests	Differentiation by outcome, with children having oportuniti to work at their own level while contributing to shared and gulded writing
Find sitting still and working at a desk for long periods difficult	Not only being active, visual, auditory and kinaesthetic but also with times for reflection and stillness

(Fonte: Baldwin, J. & John, R., 2012, p. 15)

Será então importante referir que muitas têm sido as “lutas”, para que as Ciências, as Letras e as Artes possuam um mesmo direito, sendo dado o mesmo enfâse a ambas as áreas. Muitos têm sido os pedagogos que tem estado envolvidos nesta “luta” mas, apesar de muitas conquistas, as artes continuam a ocupar um lugar muito pouco visível nos horários dos alunos, preocupando-se os professores apenas em cumprir o horário e o programa das Ciências e das Letras, quando poderiam integrar as Artes nestas duas áreas sendo todos os conteúdos trabalhados de uma forma integrada, e tendo as Artes a mesma importância que as restantes áreas.



## CAPÍTULO II - METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

### 1. Questão de investigação e objetivos específicos

A presente investigação teve como propósito principal facultar às crianças atividades de aprendizagem significativas com recurso à Expressão Dramática e à escrita criativa.

Nesse sentido, foram delineados alguns objetivos a atingir:

- a) planificar e implementar atividades integrando a Expressão Dramática de forma interligada com as outras áreas curriculares;
- b) compreender o papel da Expressão Dramática no que concerne à aquisição e compreensão de conteúdos das diversas áreas curriculares;
- c) implementar diversos jogos exploratórios e dramáticos que proporcionassem ambientes ficcionais contextualizadores de escrita para as crianças;
- d) perceber como experiências relacionadas com a Expressão Dramática podem levar à escrita criativa por parte das crianças criando contextos que levassem à escrita de diversos géneros textuais.

Todos estes objetivos estão intimamente relacionados com a questão de investigação para a qual tentei encontrar resposta:

- Qual o contributo da Expressão Dramática para a criação de contextos de escrita criativa?

### 2. Opções metodológicas

Existem diversas definições para o conceito de método e de acordo com Madeleine Grawitz (1993) citada por Ferreira (1998, p. 175) método pode ser “(...) um conjunto concertado de operações que são realizadas para atingir um ou mais objetivos, um corpo de princípios que presidem a toda a investigação organizada, um conjunto de normas que permitem seleccionar e coordenar as técnicas.” Para esta mesma autora os métodos são ainda “(...) um plano de trabalho em função de uma determinada finalidade.” (p. 175)

A definição de método leva-nos então à consequente definição de metodologia, que para Fortin (2003, p. 12) é “(...) um conjunto de métodos que orientam a elaboração do processo de investigação.” Desta forma, a presente investigação enquadra-se no paradigma qualitativo, uma vez que a mesma resulta diretamente dos dados recolhidos, sendo eles através de observação direta vivenciada, de diários de bordo, de gravações vídeo e ainda documentos escritos pelas crianças. (Ferreira, 1998, p. 180). Ou seja, podemos concluir que a metodologia é mais ampla do que o método devido ao facto de esta questionar tudo o que está por trás, isto é, “(...) os fundamentos dos métodos, as filosofias que lhe estão subjacentes e que (...) influem sempre sobre as escolhas que faz o investigador.” (Coutinho, 2011, p.22)

De acordo com Bogdan e Biklen (1992) citados por Freixo (2011, p. 146) a investigação qualitativa apresenta cinco características principais:

- 1) A situação natural constitui a fonte dos dados, sendo o investigador o instrumento-chave da recolha de dados.
- 2) A sua primeira preocupação é descrever e só secundariamente analisar os dados.
- 3) A questão fundamental é todo o processo, ou seja, o que aconteceu, bem como o produto e o resultado final.
- 4) Os dados são analisados indutivamente, como se reunissem, em conjunto, todas as partes de um *puzzle*.
- 5) Diz respeito essencialmente ao significado das coisas, ou seja, ao «porquê» e ao «o quê».

A investigação de índole qualitativo, segundo Pacheco (1993, p. 28) citado por Coutinho (2011, p. 26) « (...) baseia-se no método indutivo “... porque o investigador pretende desvendar a intenção, o propósito da acção, estudando-a na sua própria posição significativa, isto é o significado tem um valor enquanto inserido nesse contexto”. Ainda segundo Pacheco, citado por esta mesma autora (2011, p. 27), neste tipo de investigação não é aceite “(...) a uniformização dos comportamentos mas a riqueza da diversidade individual:

O interesse está mais no conteúdo do que no procedimento, razão pela qual a metodologia é determinada pela problemática em estudo, que a generalização é substituída pela particularização, a relação causal e linear pela relação contextual e complexa, os resultados inquestionáveis pelos resultados questionáveis, a observação sistemática pela observação experiencial ou participante.

Contudo, este tipo de estudo qualitativo ajusta-se ao paradigma de investigação-ação. Esta, tal como o nome nos indica, engloba a vertente de ação, que é consequentemente investigada, para melhorar a qualidade da mesma. Altrichter *et al.* (1996) citados por Esteves (2008, p. 18) refere que “(...) a investigação-ação tem como finalidade apoiar

os professores e os grupos de professores para lidarem com os desafios e problemas da prática e para adotarem as inovações de forma reflectida.” Desta forma, os professores não só melhoram a sua prestação nas escolas, como ampliam o seu próprio conhecimento através da investigação que realizam.

A investigação-ação, de acordo com Sousa (2009, p. 96) “(...) baseia-se essencialmente na observação de comportamentos e atitudes constatadas no decorrer da acção pedagógica e lidando com os problemas concretos localizados na situação imediata. Possui, por isso uma feição eminentemente empírica.” A investigação-ação envolve diversos procedimentos sendo eles, a planificação das actividades que se vão sucedendo com o passar do tempo, contendo estas conteúdos programáticos, e diversas etapas devidamente calendarizadas. No final de cada etapa, existe uma avaliação por parte do professor, permitindo-lhe verificar se está tudo a correr como planeado ou se será necessário realizar algumas alterações. Esta avaliação poderá ser realizada através dos instrumentos de recolha de dados, sejam eles, videograções, diários de bordo ou documentos escritos pelos alunos (Sousa, 2009). Desta forma, será através desta investigação-ação que as crianças vão construindo o seu conhecimento e o professor-investigador vai conseguindo perceber as evoluções individuais de cada uma.

Todo o trabalho agora apresentado decorreu durante a prática pedagógica em acção, baseando-se na observação das crianças, nos seus interesses, sendo que as propostas educativas foram surgindo de sessão para sessão de forma encadeada, onde tanto a investigadora como as crianças trabalharam coletivamente. Toda esta investigação foi fundamentada na realidade, através de dados reais, ricos e profundos que foram sendo registados através de diários de bordo e de videogração, bem como, através de documentos escritos pelas crianças que foram sendo analisados e avaliados ao longo das várias sessões (Ferreira, 1998).

Segundo Ferreira (1998, p. 181), “Em investigação qualitativa dá-se uma grande importância à validade do trabalho realizado. Neste tipo de investigação tenta-se que os dados recolhidos estejam de acordo com o que os indivíduos dizem e fazem;”

### **3. Instrumentos de Recolha de Dados**

#### ***3.1. Observação direta e participante***

*A observação é um acontecimento natural da vida quotidiana. Faz parte da psicologia da percepção e refere-se a quase toda a actividade humana e animal, sucedendo naturalmente, como um modo de apreensão do que se passa fora e dentro do indivíduo.* (Sousa, 2009, p. 108)

As observações realizadas em contexto de investigação são claro bastante mais formais do que qualquer outro tipo de observação que possamos fazer, assim como serão sempre mais objetivas e sistematizadas do que aquelas que realizamos ao longo do nosso dia-a-dia. Existem áreas, como foi o caso das experiências realizadas em Expressão Dramática, em que qualquer outro método de investigação poderia influenciar a espontaneidade e comportamento dos alunos na realização das propostas educativas, revelando-se a observação um excelente método de recolha de dados (Sousa, 2009). Segundo Sousa (2009, p. 109) “A observação permite efectuar registos de acontecimentos, comportamentos e atitudes, no contexto próprio e sem alterar a sua espontaneidade.”

A observação participante envolve então uma ligação pessoal do investigador nas propostas educativas da comunidade educacional que está a estudar, sendo que ao longo das várias sessões fui tentando observar os alunos mas de uma forma natural, tentando inserir-me no grupo de crianças, fazer parte das suas atividades, tentando desta forma perceber aquilo que estes faziam, a forma como o faziam e vivenciavam estas experiências. Segundo Mann (1970) citado por Sousa (2009, p. 113), a observação participante tenta “(...) colocar o observador e o observado do mesmo lado, tornando-se o observador um membro do grupo de modo a vivenciar o que eles vivenciam e trabalhar dentro do sistema de referência deles.”

Ao longo das várias sessões foram observados os acontecimentos e situações que ocorriam aquando das propostas educativas, registos esses feitos de forma objetiva para que posteriormente pudessem ser analisados. Esta foi então uma observação participante, pois participei nas atividades desenvolvidas dando pequenas dicas às crianças aquando dos jogos exploratórios e dramáticos e também nos momentos de reflexão realizados no final de cada sessão. Todos os dados observados foram posteriormente registados num Diário de Bordo para que pudessem ser posteriormente analisados.

### 3.2. *Diário de Bordo e Videogravação*

*O diário representa o lado mais pessoal do trabalho de campo, uma vez que inclui os sentimentos, as emoções e as reacções a tudo o que rodeia o professor-investigador.*

Spradley (1980) citado por Esteves (2008, p. 89)

De acordo com Esteves (2008), os diários são suportes escritos onde são registados de forma descritiva diversos acontecimentos ao longo das aulas, através de notas de campo, podendo estas incluir sequências mais descritivas e interpretativas dos acontecimentos ocorridos e observados pelo investigador. Ao longo das várias sessões foram sendo realizados registos fidedignos do que ocorria ao longo das atividades. As sequências interpretativas que foram sendo registadas “(...) incluem interpretações pessoais, sentimentos, especulações, relações entre ideias..., isto é, um conjunto de comentários e notas pessoais.” (Esteves, 2008, p. 89)

O diário de bordo, devido à sua riqueza descritiva e interpretativa de tudo o que ocorre ao longo das sessões, torna-se um dos recursos metodológicos de investigação mais recomendado, pois acompanha o investigador durante toda a investigação que este realiza (Esteves, 2008).

Cochran-Smith e Lytle (2002) citados por Esteves (2008),

(...) chamam ainda a atenção para o facto de os diários serem mais do que meros registos de notas de campo ou de incidentes críticos. Consideram-nos como portas abertas para o interior da sala de aula, através das quais os leitores (a comunidade profissional) podem compreender, através da experiência indirecta, o que se passa na aula através do olhar, das vozes e dos modos narrativos dos professores que o utilizam intencional e sistematicamente.

É nesta medida que, ao longo de todas as sessões, mais precisamente no final de cada uma, foram sendo registados os dados observados e feita uma reflexão acerca dos mesmos.

*Em educação, temos vindo a ver o papel, o lápis, o quadro e o giz a serem progressivamente substituídos na sala de aula pelo retroprojektor, audiogravações, projetor de slides, data show e videogravações, o mesmo sucedendo na investigação em educação.*

(Sousa, 2009, p. 199)

Como meio auxiliar ainda nesta recolha de dados foi utilizada a videogravação, que permitiu através de algumas transcrições e do visionamento das mesmas recolher mais alguns dados de forma fidedigna e não apenas baseada nas recordações daquilo que observava, auxiliando também a que por vezes factos que não eram observados e

recordados, mas que eram bastante importante e pertinentes, fossem também registados, analisados e refletidos, pois as sessões que deram origem a esta investigação envolviam a área curricular de Expressão Dramática, o que dificulta uma total observação de tudo aquilo que vai acontecendo.

Burnaford (2001) citado por Esteves (2008, p. 91) refere que existem

(...) professores-investigadores que utilizam a análise de vídeos como fonte primária para a sua investigação e comunicação da mesma. (...) processo de desenvolvimento profissional próprio de uma comunidade de professores-investigadores, frequentemente ligados às artes, para quem o vídeo é uma técnica auxiliar e, simultaneamente, um foco de conversação.

Desta forma, segundo Sousa (2009) um grupo de observadores poderá a qualquer momento inteirar-se de tudo aquilo que aconteceu ao longo das várias sessões, conseguindo ter uma melhor visão das situações que ocorreram e que inúmeras vezes lhe passaram despercebidas. Ainda segundo este mesmo autor (2009, p. 200), “A câmara de vídeo pode ser considerada como um instrumento de observação direta, objectiva e isenta, que regista e repete honestamente os acontecimento tal como eles sucederam.”

O recurso a este instrumento de recolha de dados, inicialmente interferiu um pouco no decurso normal das atividades, pois as crianças tinham muito presente que estavam a ser filmadas, o que lhes causava alguma tensão. Contudo, este inconveniente ao longo das várias sessões foi-se minimizando devido à frequência do uso do mesmo e também devido ao recurso a um tripé fixo que era colocado num ponto estratégico de forma a focar as crianças que se queriam observar e permitindo desta forma recolher os dados fidedignamente neste contexto agora apresentado.

### ***3.3. Documentos escritos dos alunos***

*A análise dos artefactos produzidos pelas crianças é indispensável quando o foco da investigação se centra na aprendizagem dos alunos. (Esteves, 2008, p. 92)*

A recolha de algumas produções escritas dos alunos, referentes ao que se pretende analisar, sendo estas devidamente organizadas através das datas de realização das mesmas, faz destes documentos escritos uma base de dados fecunda para que o investigador perceba a evolução das crianças em determinado conteúdo ao longo dos tempos (Esteves, 2008). Desta forma, durante as várias sessões foram recolhidas diferentes produções escritas dos alunos, e arquivadas num portefólio devidamente

datadas e com a indicação da sessão a que diziam respeito, sendo que as mesmas permitiram fazer uma recolha de diversos dados e uma reflexão e análise dos mesmos, que será aqui devidamente apresentada, onde se pode verificar a evolução das crianças no que diz respeito à Expressão Dramática como potenciadora de escrita criativa em vários formatos de texto.

A análise de documentos, segundo Sousa (2009, p. 262), “Tem por objectivo dar forma conveniente e apresentar de outro modo a informação, facilitando a compreensão e a aquisição do máximo de informação com a maior pertinência.”

## **4. Contexto do Estudo**

### ***4.1. Caracterização dos participantes***

Para a realização deste estudo, os participantes foram 17 crianças do 4.º ano de escolaridade. O grupo era constituído por 10 crianças do género masculino e 7 crianças do género feminino. A faixa etária destas mesmas crianças era diversa, pois existiam 2 alunos com 8 anos, 11 com 9 anos, 3 com 10 anos e 1 com 11 anos. A turma integrava três crianças com Necessidades Educativas Especiais abrangidas por diversas alíneas, e ainda outras três crianças que já haviam sido referenciadas como possíveis casos de crianças com algumas Necessidades Educativas Especiais.

Desta forma, para obter uma visão o mais aproximada possível do que foi o estudo realizado, decidi focar-me em todas as 17 crianças deste grupo para a respetiva investigação.

Desta forma, o grupo de crianças possui características heterogéneas entre si a vários níveis, tais como, o comportamento e atitudes em sala de aula, o nível de desenvolvimento em que se encontravam, os ritmos de trabalho que tinham, bem como os seus interesses, de forma a poder verificar a evolução existente ao longo das várias sessões de Expressão Dramática, e respetiva evolução no contexto de escrita criativa de vários géneros textuais potenciados pela Expressão Dramática.

No geral estas crianças eram alegres e comunicativas, no entanto, era um grupo com o qual foi muito difícil de trabalhar, pois não cumpriam as regras de sala de aula, não sabiam estar no espaço sala, não respeitavam colegas nem professores, não sabiam trabalhar em grupo nem tinham hábitos de leitura nem de escrita na sua generalidade,

notando-se uma grande diferença ao nível do desenvolvimento entre as várias crianças, não só nesta área como em todas as áreas curriculares. Uma outra coisa a que estas crianças também não estavam habituadas era em realizar atividades de Expressão Dramática, sendo notório que esta área nunca, ou muito raramente, foi trabalhada não só neste ano letivo mas em todos os anos anteriores, sendo que os alunos se sentiam constrangidos em participar tanto nos jogos exploratórios como nos jogos dramáticos, e apesar de ao longo das várias sessões se ir notando uma melhoria nestes aspetos, também foi bastante visível que se esta fosse uma turma já com alguma experiência e vivências nesta área curricular, bem como se tivessem outro tipo de comportamento em sala de aula, poderiam ter evoluído muito mais, tanto ao nível da Expressão Dramática como da Escrita Criativa, na qual as crianças tinham muita dificuldade em passar para a escrita aquilo que tinham acabado de vivenciar.

Uma outra dificuldade no trabalho com estas crianças foi a falta de empenho e motivação que estas tinham para tudo aquilo que estava relacionado com a escola, acabando por não buscar novos conhecimentos e aprendizagens, o que levou a um grande desafio que foi conseguir motivar estas crianças para estes aspetos, o que acabou por ir sendo conseguido com o passar das sessões. Estas crianças eram então um grupo um pouco problemático, pois eram bastante agitadas na sua maioria, não conseguindo estar muito tempo a realizar atividades de forma concentrada, dispersando-se inúmeras vezes com conversas e brincadeiras.

Tendo em conta todos estes fatores, as sessões foram sendo então planificadas de sessão para sessão, tendo em vista motivar e estimular os alunos para a aprendizagem e desenvolvimento dos mesmos gerando atividades que fossem potenciadoras do desenvolvimento de competências, tendo tido para isso a Expressão Dramática um papel fundamental.

## **5. Descrição do Estudo**

O presente estudo realizou-se numa escola de 1.º Ciclo do Ensino Básico com uma turma de 4.º ano de escolaridade, durante o 3.º semestre do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, decorrente no ano letivo de 2013/2014.

Ao longo das primeiras semanas de Prática Pedagógica neste contexto, apercebi-me de que a turma era bastante agitada, muito heterogénea em relação ao nível de

desenvolvimento em que se encontravam, com bastantes dificuldades de ritmo de trabalho, de concentração, de relação com os colegas, sem regras e sem motivação para nada do que faziam, levando a que não se respeitassem, não respeitassem o professor, conversassem paralelamente e brincassem quando deveriam estar concentrados e motivados para o que se passava na sala de aula. Apercebendo-me de que este grupo era bastante agitado e com dificuldades de concentração e de motivação, achei que talvez atividades em que se pudessem expressar e movimentar mais, onde estivessem envolvidos de uma forma mais dinâmica, os levasse a encontrar a motivação de que precisavam para combater todos estes entraves ao desenvolvimento de competências por parte das crianças. Foi partindo de todos estes aspetos que fui percebendo o quanto a Expressão Dramática poderia levar ao despertar desta motivação em cada uma delas, pois nesta poderiam utilizar todo o seu corpo para aprender, não só para aprender conteúdos desta área curricular mas de todas as áreas curriculares pertencentes a este ciclo, mas para isso seria também necessário que as várias sessões fossem bastante bem pensadas e planificadas para que tudo estivesse interligado e fizesse sentido para as crianças. Ao início tudo parecia uma brincadeira para estas crianças, era como se durante o horário letivo tivesse agora sido criado um momento de recreio. *E agora o que fazer?*

Ao longo das várias sessões fui tentando mostrar às crianças que todas as atividades que desenvolvíamos no horário das expressões continham tantas aprendizagens como as outras áreas curriculares, só que estas tinham um carácter mais lúdico, o que era bom, pois estas sentiam-se mais motivadas e ao mesmo tempo aprendiam. Foi nesta dinâmica que fui então planificando as várias sessões de expressões, mais precisamente de Expressão Dramática, tentando associar esta área às restantes áreas, e foi isso que acabou por levar a inúmeros jogos exploratórios e dramáticos que continham os conteúdos de outras áreas trabalhadas nesses mesmos dias.

Desta forma, com o passar das sessões foram sendo criadas propostas educativas e semana após semana as sessões iam sendo planificadas de acordo com as motivações que as crianças demonstravam na última sessão realizada. Fui-me apercebendo que na Língua Portuguesa as crianças tinha muita dificuldade na escrita, em conseguir passar as suas ideias faladas e pensadas para a forma de texto, e foi neste momento que surgiu a minha questão de investigação *Qual o contributo da Expressão Dramática para a criação de contextos de escrita criativa?*

A partir deste momento, decidi então que em todas, ou quase todas, as sessões de Expressão Dramática os alunos iriam ter um momento de escrita no final dos jogos dramáticos, que eram antecedidos inicialmente de jogos exploratórios de forma a quebrar o bloqueio existente nestas crianças em se expressar corporalmente. A primeira situação representada pelos alunos foi sobre o passado do meio local, em que os alunos anteriormente haviam feito uma entrevista aos seus familiares e que depois acabaram por se colocar em personagem e representar aquilo que tinham escrito anteriormente, ou seja, o que tinha assistido nas semanas de observação estava agora a repetir-se. Até que numa aula de Língua Portuguesa foi lida uma notícia sobre os animais em vias de extinção e esta foi a primeira problemática que foi proposta aos alunos para representarem, existiam duas problemáticas distintas, uma era acerca de um talhante que vendia carne de animais em vias de extinção e as crianças tinham de criar uma história sobre o que fazer para resolver essa situação, e uma outra problemática era de uma menina muito magra que só gostava de vestir roupas feitas com peles de animais em vias de extinção, e em que também aqui as crianças tinham que arranjar uma solução. Esta foi a primeira de outras problemáticas que foram sendo enquadradas nesta investigação, e no final de cada uma das sessões as crianças foram realizando vários registos escritos, alguns de forma individual e outros em grupo, sobre aquilo que tinham feito em jogo dramático, mas sob a forma de diferentes tipos de textos, como por exemplo, entrevistas, notícias, registos de histórias improvisadas, atas de uma reunião, situações em que tinham que se colocar na pele de alguém ou de algum animal, entre outras, até chegarmos ao texto dramático propriamente dito, e em que a escrita já não era algo individual mas sim realizada em grupo, sendo que o trabalho em grupo sempre foi uma dificuldade para os alunos.

Após muitas experiências de jogos exploratórios e de jogos dramáticos, com diversos registos escritos, chegamos então a um pequeno projeto de Teatro de Sombras. Este projeto surgiu com a leitura de um texto sobre o “Gigante Adamastor” na área de Língua Portuguesa e também pelo interesse que as crianças foram demonstrando acerca dos conteúdos de Estudo do Meio, sobre a Formação de Portugal. Com o texto do “Gigante Adamastor” os alunos aprenderam a fazer bonecos de sombras e também aqui improvisaram uma pequena história em Teatro de Sombras. Partindo daqui, e tendo em consideração a quantidade de conteúdos envolvidos na Formação de Portugal, que teriam que ser trabalhados em muito pouco tempo, o que dificultava o verdadeiro

entendimento por parte das crianças, decidimos dividir a turma em 4 grupos, tendo cada grupo ficado responsável por trabalhar uma parte deste período histórico, entre eles a Formação de Portugal, a 1.<sup>a</sup>, a 2.<sup>a</sup> e a 3.<sup>a</sup> Dinastias. Este projeto iniciou-se no dia 18 de Novembro de 2013 e terminou no dia 13 de Janeiro de 2014, tendo desta forma decorrido ao longo de 7 semanas desta prática pedagógica.

Para a recolha de dados, foram realizadas nove experiências educativas em contexto de Expressão Dramática. Estas propostas educativas foram implementadas durante os meses de Outubro, Novembro e Dezembro de 2013 e Janeiro de 2014.

Toda a recolha dos dados para esta investigação foi realizada com recurso a instrumentos de recolha de dados, tais como, observação participante, diários de bordo, vídeogravação e ainda documentos escritos dos alunos, instrumentos esses que foram sendo devidamente organizados, interpretados e analisados e que se apresentam seguidamente.



# CAPITULO III – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No presente tópico, serão descritas e analisadas as experiências propostas ao longo de várias semanas, nas quais estiveram envolvidos diversos conteúdos das várias áreas de conteúdo, tendo sido esta investigação realizada no âmbito da Expressão Dramática de forma interligada com a escrita criativa e a produção de diferentes géneros textuais. Esta análise e interpretação dos dados serão por vezes complementadas com alguns excertos de produções escritas dos alunos, registos de diário de bordo, bem como registos de vídeo que foram auxiliares da escrita do diário de bordo bem como da presente análise de dados.

## 1. Análise e interpretação dos dados

**Quadro 1 - Guião de entrevista - 07 de outubro de 2013**

<b>O que aconteceu em Expressão Dramática:</b>	Durante a semana de cooperação, foi realizado um jogo exploratório com os alunos sobre a entrevista, uma vez que na semana seguinte iríamos falar sobre o passado do meio local. O jogo exploratório era constituído por duas partes. Na primeira parte os alunos circularam pelo espaço da sala de aula e ao som de uma palma teriam que parar e ouvir as novas indicações, sendo que andaram de forma livre, a pés juntos, com passadas largas, a correr muito devagar, mas teriam que ocupar todo o espaço e não se podiam tocar. Como era espectável os alunos ao invés de aproveitarem o espaço todo que tinham, começaram a andar apenas num pequeno espaço e dando encontros uns aos outros. “Têm que andar pela sala, ocupando todo o espaço de forma a não tocarem nos colegas.” A partir desse momento as crianças começaram a concentrar-se mais e quando ouviram novamente as palmas ficaram em estátua, o que não lhes tinha sido pedido mas que foi bastante interessante de observar. Ao som novamente de uma palma os alunos ficaram em estátua mas agora em pares, sendo que aqui passamos para a segunda parte do jogo exploratório. Esta correspondia à entrevista, em que cada criança teria que colocar duas perguntas ao seu colega para depois em grande grupo partilharem aquilo que ficaram a saber sobre o colega.
<b>O que aconteceu na Escrita:</b>	Posto isto, foi explicado às crianças que em grande grupo iriam criar um <b>guião de uma entrevista</b> sobre o passado do meio local, conteúdo que iríamos trabalhar na próxima aula de estudo do meio. Nesta fase os alunos, em grupo, criaram as questões, sendo que lhes foram dadas algumas pistas que os levaram ao conteúdo das questões. O guião criado pelos alunos continha questões como: <i>Onde e como viveu a sua infância?</i> e <i>Que monumentos existem na sua localidade?</i> entre outras questões que permitiam recolher dados acerca do passado do meio local próximo das crianças.
<b>O que observei:</b>	
<b>Conceções sobre a expressão dramática:</b>	<i>Os alunos tinham dificuldade em encarar a expressão dramática como uma área tão importante como as restantes áreas de conteúdo. As crianças não estavam habituadas a sair do formato mesa cadeira, o que causou muita confusão e agitação na sala.</i>
<b>Trabalho de grupo:</b>	<i>O jogo exploratório levou a que os alunos comessem a aprender a trabalhar em grupo, aprendessem a respeitar-se bem como ajudou no desenvolvimento da comunicação oral e também da memorização e concentração.</i>
<b>A entrevista:</b>	<i>Desta forma, em roda os alunos fizeram esta partilha, como por exemplo: C - “Eu perguntei-lhe a idade dela e onde é que ela vivia! Ela disse que vivia aqui nos Marrazes e que tinha nove anos.” D - “Eu perguntei-lhe como se chamava o irmão dela que é Isaac e onde é que ela estudava que é aqui.” Após realização deste jogo exploratório os alunos voltaram aos lugares e foi recordado o que tínhamos feito e que nome se dava a isso ao que os alunos responderam “Entrevista ...”</i>
<b>Entusiasmo e empenho:</b>	<i>Verificar o entusiasmo e empenho dos alunos nesta atividade foi bastante gratificante para mim e sei que apesar de toda a confusão instalada na sala os alunos realizaram algumas aprendizagens.</i>

Nesta primeira experiência verificámos que as crianças tinham uma conceção da expressão dramática associada a uma área pouco importante, pois esta não era trabalhada como as restantes áreas de conteúdo mas, no que diz respeito ao trabalho de grupo, contribuiu para que as crianças compreendessem o quanto é importante trabalhar em grupo, apercebendo-se o quanto podem aprender com o outro.

No que diz respeito à escrita, as crianças já tinham ouvido falar na entrevista, sendo que era algo acerca da qual já tinham uma perceção, bem como do formato do guião de entrevista. Sendo algo que lhes era familiar levou a que rapidamente conseguissem realizar a entrevista uns aos outros, bem como no momento da escrita do guião da entrevista, em grande grupo e com algumas pistas rapidamente conseguiram criar o guião da mesma.

Esta análise centrou-se no diário de bordo do dia 07 de outubro de 2013, bem como nas videogravações e produções escritas dos alunos. (ver anexo XI e XII)

### Quadro 2 - Notícia - 14 e 15 de outubro de 2013

<p><b>O que aconteceu em Expressão Dramática:</b></p>	<p>Com recurso às entrevistas que os alunos realizaram anteriormente, desenrolou-se um diálogo entre alunos e professora com partilha das descobertas realizadas pelo grupo turma.</p> <p><i>Aluno - “Descobri que antigamente as coisas eram diferentes do que agora?”</i></p> <p><i>Estagiária - “Então e que diferenças é que descobriram?”</i></p> <p><i>Aluno - “A minha mãe disse que antigamente as mesas eram de madeira e diferentes destas.”</i></p> <p><i>Estagiária - “Eram diferentes sim. E o que é que era mais diferente sabem?”</i></p> <p><i>Aluno - “Os castigos.” “Havia orelhas de burro.” “As professoras davam reguadas.”</i></p> <p><i>“Antigamente nós só se podíamos levantar uma vez para ir afiar o lápis.”</i></p> <p>Mas não só das escolas os alunos falaram, fazendo ainda referência à forma de deslocação das pessoas, os meios de transporte existentes, o vestuário, a comida e as brincadeiras e jogos existentes.</p> <p>Com recurso a todas estas descobertas passamos para o jogo dramático e foi lançada uma problemática aos alunos: “E se agora estivessem no tempo de antigamente o que iria acontecer?” Os alunos reuniram-se e formaram 4 grupos, onde num curto espaço de tempo, e com alguma agitação, decidiram entre si o que iriam apresentar à turma e por último fizeram essa mesma apresentação.</p>
<p><b>O que aconteceu na Escrita:</b></p>	<p>Tendo em conta todo o trabalho realizado nas expressões, onde os alunos não só improvisaram histórias sobre o passado do meio local, como também fizeram uma partilha daquilo que descobriram através das entrevistas realizadas, e aproveitando que no horário de Português o género de texto trabalhado foi a notícia, foi sugerido aos alunos que se reunissem com o seu grupo, do dia anterior, e escrevessem a história que improvisaram só que agora sob a forma de Notícia.</p>
<p><b>O que observei:</b></p>	
<p><b>Trabalho de grupo:</b></p>	<p>Através das expressões, da entrevista criada pelos alunos e da notícia escrita pelos mesmos, os alunos conseguiram apoiar-se de forma colaborativa, partilharam ideias e construíram conhecimento.</p>
<p><b>Motivação:</b></p>	<p><i>Esta foi também a primeira vez em que pude visualizar a necessidade que os alunos sentiram em ter uma caneta e uma folha para registarem a história que iriam apresentar, sendo que uns fizeram-no utilizando as palavras e outros recorreram a desenhos.</i></p>
<p><b>Capacidade de improvisação:</b></p>	<p>Nas apresentações os alunos retrataram em todos os grupos a escola como ela era antigamente mas, <i>os alunos pegaram na folha onde escreveram a sua história e ficaram em silêncio, colados ao papel, sem perceberem o que haviam escrito na mesma, não mostrando aqui capacidade de improvisação, o que me leva neste dia a concluir que não estão habituados a este tipo de experiências, sendo notória a dificuldade que tem em fazer experiências deste género.</i></p>
<p><b>Comportamento:</b></p>	<p>Também nas histórias apresentadas estavam espelhados os próprios comportamentos destes alunos, e dos quais eles têm a perfeita noção, acabando por o ter retratado aquando das improvisações.</p>
<p><b>A notícia:</b></p>	<p>O elo de ligação entre a expressão dramática e o estudo do meio que foi potenciador da escrita de dois géneros textuais, a entrevista e a notícia. Nestas produções escritas é bastante notória a utilização dos conteúdos trabalhados nas áreas anteriormente referidas, sendo que o facto de os alunos vivenciarem aquilo que depois escreveram, fez com que se sentissem mais preparados para escrever/saber o que escrever. <i>Neste dia pude então verificar que os alunos irão necessitar de fazer muitos jogos exploratórios e dramáticos de forma a perderem um pouco a vergonha e os seus medos, desbloquearem o corpo e serem capazes de improvisar mais este tipo de situações.</i></p> <p>Ao ler as notícias consegue-se facilmente perceber que existiu aqui uma mobilização de conhecimentos, conhecimentos esses potenciados pelo jogo dramático, já em relação à própria estrutura da notícia existiram grupos que estiveram mais afastados do que outros, como por exemplo, numa das notícias, os alunos escrevem um título para a notícia, mas depois no corpo da mesma escrevem “(...) Na escola antigamente as mesas eram inclinadas, esta notícia foi feita ontem.” No entanto, temos outras notícias que se assemelham verdadeiramente à estrutura de uma notícia, como por exemplo :“A quinta dos quatro irmãos Os irmãos B, C, J e R M vão apresentar uma peça de teatro chamada: O passado do Meio Local, o teatro vai-se passar na escola (...) no dia 14 de outubro de 2013 às 18:00.</p>

A análise desta segunda experiência centra-se no trabalho de grupo, nas motivações dos alunos, na capacidade de improvisação que possuem, no seu comportamento e ainda na escrita da notícia. (ver anexo XIII e XIV)

No que concerne à expressão dramática os alunos nesta semana já conseguiram trabalhar um pouco melhor em grupo contudo, a sua capacidade de improvisação é bastante frágil, o que se espelha no trabalho realizado pelos alunos, conseguindo-se perceber a necessidade existente em proporcionar mais atividades deste género.

Quanto à escrita, a notícia era algo de que os alunos tinham uma mínima noção do que seria, sendo que através de todas as atividades realizadas neste dia, nas várias áreas que foram trabalhadas de forma interligada, levando a que os alunos ficassem com ideia de como se escreve uma notícia e aquilo que nesta deve constar contudo, as notícias escritas têm algumas fragilidades normais de um primeiro contato com este género textual.

**Quadro 3 - Pautas musicais com palavras simples e complexas e texto dos animais em vias de extinção - 21 e 22 de outubro de 2013**

<b>O que aconteceu em Expressão Dramática:</b>	Partindo do conteúdo trabalhado na área curricular de português, relacionado com as palavras simples e complexas, bem como da leitura e interpretação de uma notícia sobre os animais em vias de extinção, foi realizado um jogo exploratório que envolveu não só os conteúdos de português, como a expressão dramática, plástica e musical, tudo de uma forma interligada. Desta forma, os alunos com os sons do corpo e com a voz, disseram palavras simples e complexas com diversos ritmos e intensidades. Decidiram qual a ordem pela qual iriam dizer as palavras, que ritmo iriam fazer em cada palavra, qual o nível de intensidade com que iriam dizer cada palavra, construindo desta forma uma pauta musical, em que inicialmente só faziam uma parte e depois faziam a pauta completa. Após este jogo exploratório em que era utilizado o corpo e a voz, passamos para a expressão plástica sendo que cada aluno escolheu os símbolos que iria desenhar para representar cada palavra. Após todos terminarem passamos para o jogo dramático em que foram lançadas duas problemáticas, problemáticas essas relacionadas com os animais em vias de extinção e com as palavras da pauta musical que os alunos criaram, sendo que as problemáticas eram as seguintes: “Um cozinheiro que trabalhava numa cozinha tinha um grande problema, é que ele gostava de cozinhar carne de um animal que estava quase em vias de extinção. O que fazer?” e “Havia uma senhora muito magra que gostava de usar saias e minissaias feitas com peles de animais, mas o animal que ela gostava estava em vias de extinção. O que fazer?”. Com estas duas problemáticas os alunos reuniram-se novamente com os seus colegas de grupo, criaram uma pequena história que de seguida improvisaram para a restante turma, tendo todos apresentado a mesma.
<b>O que aconteceu na Escrita:</b>	Após os alunos improvisarem as histórias criadas, que correspondiam à resolução da problemática lançada, foi introduzido um novo género textual no dia seguinte ao jogo dramático, em que os alunos tentavam dar resposta à questão “Se eu fosse um animal em vias de extinção o que é que eu sentiria? E o que faria?”. Esta foi uma proposta de escrita criativa individual relacionada com aquilo que foi trabalhado em várias áreas de conteúdo em ambos os dias.
<b>O que observei:</b>	
<b>Aprendizagem de novos conteúdos:</b>	As várias áreas tendo sido trabalhadas de forma interligada, levaram à aquisição de vários conteúdos por parte dos alunos, que estes mobilizaram tanto no jogo dramático como na escrita.
<b>Os géneros textuais:</b>	Em relação aos textos produzidos, e tendo em conta que esta foi uma escrita individual, consegui observar diferentes géneros textuais, desde texto dramático, - <i>Por aqui não à muitos burros. Disse o Miguel burro</i> outros que são mais um género de escrita pessoal, em que é dada uma resposta à questão colocada e nos quais a grande maioria acaba por dizer o animal que seria e como faria para não ser extinto. <i>Se eu fosse um Lince-Ibérico fêmea eu sentia que todos os humanos não gostavam de mim e que se e se me vissem queriam-me matar. E Fugia para regiões montanhosas onde os caçadores são menos e onde à mais abundância de comida e água.</i>
<b>A reflexão:</b>	Neste caso específico existiram momentos de grande agitação, mas também um momento de reflexão que ajudou no retorno à calma, após o jogo dramático, reflexão essa feita oralmente e em grupo turma, em que foram feitas reflexões sobre as histórias apresentadas, existindo ainda um momento de reflexão escrita final que levou os alunos a escreverem um pouco baseados na vivência que tiveram no jogo dramático, bem como acerca dos seus próprios sentimentos em relação à temática dos animais em vias de extinção, tema esse em que os alunos ficaram bastante sensibilizados.

A expressão dramática acaba mais uma vez por mostrar as suas potencialidades no que diz respeito à interligação entre as várias áreas de conteúdo. Através desta os alunos rapidamente perceberam a importância de preservar as várias espécies animais, o que é entrar em extinção, colocando na escrita tudo aquilo que sentiriam se fossem animais em vias de extinção. A escrita aparece aqui como uma escrita mais individual, onde são colocados sentimentos e emoções de cada aluno, e onde também facilmente se consegue

perceber a existência de crianças que têm receio de escrever, mas que acabam por o conseguir fazer devido a terem vivenciado uma experiência fictícia relacionada com este conteúdo específico. (ver anexo XV e XVI)

**Quadro 4 - Atas - 28 de outubro de 2013**

<p><b>O que aconteceu em Expressão Dramática:</b></p>	<p>Aproveitando conteúdos trabalhados em estudo do meio sobre os primeiros povos, bem como conteúdos abordados na área de português que envolviam palavras simples, complexas e família de palavras, foi lançada uma problemática aos alunos, que era: <i>Havia vários povos que viviam, vestiam-se e comiam de forma diferente. Viviam com as suas famílias numa aldeia, um dia apareceu lá uma pessoa/ povo que nunca tinham visto antes. O que aconteceu? e Se fossem os habitantes daquela aldeia o que fariam?</i></p> <p>Lançada a problemática, os alunos reuniram-se com o seu grupo, o grupo das atividades anteriores, e decidiram como iam resolver esta situação, tendo cerca de 15 minutos para o fazer e depois grupo a grupo apresentaram à turma. Após todos terminarem foi-lhes proposto um outro desafio: <i>No dia seguinte o chefe do grupo pediu ao seu povo para realizar uma reunião. Foi escolhido o chefe daquele povo, e em grande grupo ditas as suas funções. Foi ainda escolhido um ajudante e um subchefe. Foi nesta altura que foi explicado aos alunos (...) que na realização de uma reunião é escrito um documento, que contém informações importantes sobre a reunião, sendo que neste momento foi escolhido outro aluno para desempenhar esta função.</i></p>
<p><b>O que aconteceu na Escrita:</b></p>	<p>Após a reunião terminar, os alunos tiveram “acesso” a um novo género textual, a Ata, tendo estes aprendido para que servia e o que nela se registava. Esta Ata estava previamente preparada, tendo os alunos que a preencher de acordo com aquilo que aconteceu na reunião na qual eles participaram: <i>Devíamos o acolher, mas antes... Nesta reunião o sr. Daniel é irmão do sujeito e não foi só ele que queria matar o sujeito. E ver se aquele sujeito tinha alguma arma, dar-lhe comida e roupa para que ele não tivesse frio.</i></p>
<p><b>O que observei:</b></p>	
<p><b>Empenho e entusiasmo:</b></p>	<p><i>Neste dia foi muito interessante ver a forma como alguns alunos reagem perante uma situação, pois existiram alunos que queriam ajudar aquela pessoa que surgiu na comunidade, mas outros queriam matá-la. Ainda nestas interações foram notórias as pessoas que gostam de participar e que se envolveram mais e as que se envolveram menos. Conseguia-se perceber nitidamente neste dia o quanto os alunos estavam envolvidos nesta atividade e como “encarnaram” as personagens que estavam a representar. Em relação a esta atividade, esta permitiu também aos alunos uma nova aprendizagem, a existência de um documento muito importante que se elabora numa reunião, a Ata, a qual tiveram também a oportunidade de escrever de forma individual.</i></p> <p>Na análise destas Atas é notório o envolvimento dos alunos naquilo que escreveram, pois temos Atas que de facto relatam o que aconteceu e ainda outras atas em que os alunos acabam por colocar na escrita aquela que era a sua opinião individual e a qual o rei não ouviu.</p>
<p><b>A Ata:</b></p>	<p>Na escrita desta Ata foi possível ouvir um comentário bastante interessante e que mostra claramente a importância que a expressão dramática teve para a escrita da mesma: <i>A – Não sei o que ei-de escrever. A que outro aluno responde Então é simples, não tiveste na reunião?</i> Este comentário entre alunos, permite verificar que os alunos conseguem mais facilmente escrever quando têm referências para escrever, pois vivenciaram-no.</p>

Na análise desta quarta experiência, as minhas observações basearam-se no empenho e entusiasmo dos alunos, bem como na aprendizagem de um género textual novo, a Ata. No geral consegue-se perceber o quanto os alunos vivenciaram esta experiência de jogo dramático, onde realmente já conseguiram entrar em personagem e onde a ficção parecia o mundo real. Também na escrita se consegue verificar o quanto os alunos viveram esta experiência, conseguindo fazer o registo dos acontecimentos neste formato de texto que foi a Ata. (ver anexo XVII e XVIII)

**Quadro 5 - Banda desenhada sobre a Reconquista Cristã e o Condado Portucalense - 05 de novembro de 2013**

<b>O que aconteceu em Expressão Dramática:</b>	Neste dia, tudo ocorreu pela ordem inversa das experiências anteriores, os alunos realizaram um jogo dramático mas posteriormente à elaboração da história que apresentaram. Desta forma, através do conteúdo de estudo do meio sobre a Reconquista Cristã e o Condado Portucalense e a história que os alunos escreveram anteriormente, foi feita uma improvisação de quatro momentos distintos deste tempo histórico, em que os alunos tentaram apresentar à turma aquilo que tinham escrito, mas desta vez foram postos à disposição dos alunos (...) <i>alguns tecidos com os quais os alunos fizeram as mais diversas coisas, tais como, máscaras dos cavaleiros, cintos, mantos, calças, entre outras coisas, e de forma organizada cada grupo apresentou a sua história ficando os restantes a assistir.</i>
<b>O que aconteceu na Escrita:</b>	Durante o horário das expressões, desencadeou-se um diálogo entre professora estagiária e os alunos sobre a Reconquista Cristã e o Condado Portucalense. Consoante os alunos foram referindo a ordem correta dos acontecimentos, fui distribuindo os quatro esquemas previamente preparados bem como uma folha de linhas. Cada grupo ficou então com um dos acontecimentos, e após todos terem o mesmo <i>Procedi então à explicação daquilo que iríamos fazer, tendo os alunos ficado entusiasmados em criar a sua história e escreve-la em banda desenhada e também por poderem colorir as imagens que se encontravam desenhadas nos esquemas. Observei que alguns grupos sentiram necessidade de personalizar as suas imagens desenhando algumas coisas nas mesmas. Tal aconteceu devido ao facto de se dever dar a liberdade aos alunos de serem eles a criar os seus desenhos e não dar-lhes desenhos para colorir que foi o que aconteceu, não sendo isso o mais correto de se fazer.</i>
<b>O que observei:</b>	
<b>Capacidade de improvisação:</b>	<i>o facto de os alunos primeiramente criarem o texto e só depois o representarem fez com que, apesar de ter corrido maioritariamente bem, os alunos se notassem um pouco “colados ao papel” tendo provavelmente resultado melhor se a atividade fosse realizada pela ordem inversa.</i>
<b>Comportamento:</b>	<i>(...) consegui notar que os alunos já estão a mudar um pouco a postura que têm connosco, respeitam-se mais, participam mais e nos momentos oportunos.</i>
<b>A Expressão Dramática:</b>	<i>Em relação às Expressões noto que já existe alguma evolução na turma contudo, o estádio em que estes alunos se encontram na Expressão Dramática é ainda muito baixo.</i>
<b>A escrita:</b>	<i>No âmbito da escrita cada vez mais os alunos têm criado diferentes tipos de texto e conseguido relacioná-los com as atividades de jogo dramático que desenvolvem, passando para o papel aquilo que realmente improvisaram.</i>

Esta quinta experiência apesar de ter corrido relativamente bem acabou por ter alguns aspetos menos positivos, como o facto de os alunos primeiramente escreverem a história e só depois a improvisarem. Neste dia percebi que seria mais proveitoso e interessante para a aprendizagem dos alunos se o tivessem feito pela ordem inversa pois, no momento de representação os alunos estavam um pouco dependentes do que escreveram, queriam dizer exatamente aquilo que estava escrito, acabando por se perder a improvisação, ficando os alunos um pouco bloqueados. (ver anexo XIX)

**Quadro 6 - Registo das histórias improvisadas sobre o gigante Adamastor - 18 e 19 de novembro de 2013**

<b>O que aconteceu em Expressão Dramática:</b>	<p><i>Neste dia, e tendo em conta todas as atividades de jogos exploratórios e de jogos dramáticos que já havíamos feito com os alunos, decidimos, conjuntamente com a nossa professora supervisora, experimentar a implementar um pequeno projeto de teatro de sombras que envolvia os conteúdos trabalhados em estudo do meio, mais precisamente a formação de Portugal. Este projeto iniciou-se assim partindo da área de Português onde trabalhamos um texto dramático “O Adamastor” tendo sido este o alicerce para diversas atividades. Para isso, optei por questionar inicialmente os alunos se sabiam quem era o Adamastor e se já tinham ouvido falar deste. Na realidade os alunos nunca tinham ouvido falar neste mas tentaram, partindo deste nome, dizer quem ele era e qual o seu aspeto. A imaginação começou a fluir e apesar de muitos terem estado distantes da verdadeira conceção de Adamastor outros começaram a aproximar-se da realidade. Neste momento achei pertinente fazer a leitura do texto tendo desta forma conseguido clarificar a ideia aos alunos de quem era este ser. Partindo desta leitura, pedi aos alunos que numa folha branca desenhassem “O Adamastor” tal como o imaginavam tendo sido diversos os resultados, pois enquanto uns desenharam seres abstratos outros associaram-no a um ser humano, onde foi possível então observar diferentes níveis de criatividade e de imaginação bem como as diferentes percepções que têm de monstros míticos.</i></p> <p><i>Apesar de não planificado, em conversa com os restantes intervenientes da minha prática, achamos que seria interessante que os alunos utilizassem estes desenhos para a atividade que iríamos realizar durante a tarde em Expressões e partindo destes construíam um boneco de sombras que seria um único monstro. Após todos os alunos terem os seus bonecos de sombras prontos, grupo a grupo foram para trás do pano e criaram uma história improvisada que foi sendo apresentada à restante turma, que teve o papel de plateia. No final do dia fizemos uma breve reflexão sobre todo o trabalho desenvolvido e as histórias apresentadas.</i></p>
<b>O que aconteceu na Escrita:</b>	<p><i>Após os alunos terem improvisado histórias em teatro de sombras com os monstros e outras personagens criadas, no dia seguinte, distribuí uma folha pelos alunos onde estes fizeram o registo das histórias que haviam improvisado. Acabei de representar uma história que havia um monstro um marinheiro sem uma perna e um marinheiro normal. Como o registo escrito não foi realizado no mesmo dia do jogo dramático, existem registos muito pobres mas, também existem outros registos elaborados e escritos sob a forma de texto dramático. Era uma vez um capitão e duas navegadoras (...) que estavam na caravela dos descobrimentos – Olá capitão! Disse a B e a C. Sendo que nos registos escritos é bastante notório que é a ficção que inspira a escrita dos alunos.</i></p>
<b>O que observei:</b>	
<b>Dificuldades sentidas:</b>	<p><i>Esta atividade foi bastante interessante de observar pois, em relação aos monstros os alunos teriam que fazer um só monstro através de uma composição dos vários desenhos existentes no seu grupo o que causou muitas dúvidas e dificuldades, então optei por ir explicando grupo a grupo o que deveriam fazer. Os alunos perceberam e rapidamente puseram a atividade em prática tendo resultado em monstros muito originais e que deram um efeito visual muito interessante quando colocados atrás do pano sobre a incidência do foco de luz.</i></p> <p><i>Quanto aos restantes bonecos de sombras pude verificar que os alunos talvez inicialmente não se tenham apercebido que os pormenores não se veem mas apenas os contornos e que tudo o que se pretende destacar terá que ser recortado e se quisermos que algo se destaque pela cor temos que colocar papel celofane. Apesar de tudo isto lhes ser explicado oralmente inicialmente, antes de porem em prática, os alunos não haviam percebido, só após desenharem e experimentarem é que se aperceberam dessas dimensões. O que acabou por acontecer foi que os bonecos, na sua maioria, eram pequenos e com pormenores de tamanho muito reduzido o que dificulta o recorte dos mesmos bem como a colocação do papel celofane. Desta forma, esses pormenores foram recortados por mim mas, com tudo isto, os alunos perceberam que se quiserem fazer determinadas coisas terão que ter bonecos de sombras maiores e que tudo o que quiserem destacar vão ter que fazer recortes e o que quiserem que apareça com cor terão que colocar papel celofane podendo utilizar várias cores no mesmo boneco. (...) Sinto que nesta atividade foi notória a ligação que a escrita pode ter com as expressões e o quanto os professores devem estar atentos às potencialidades das expressões para trabalhar conteúdos de outras áreas curriculares.</i></p>

A análise referente a esta sexta experiência teve como foco principal as dificuldades sentidas pelos alunos, pois neste dia os alunos aprenderam diversas coisas sobre o teatro de sombras. Aprenderam como se faz teatro de sombras, em que consiste, bem como aprenderam a construir bonecos de sombras, o que levou a que existissem algumas dificuldades na elaboração dos mesmos, contudo os alunos adoraram e rapidamente conseguiram perceber e criaram bonecos de sombras fantásticos. Esta análise aqui presente teve como base o diário de bordo do dia 18 de Novembro de 2013, bem como as produções escritas dos alunos. (ver anexo XX e XXI)

**Quadro 7 - Histórias criadas pelos alunos para o projeto sobre a Formação de Portugal - de 25 de novembro de 2013 a 07 de janeiro de 2014**

<b>O que aconteceu em Expressão Dramática:</b>	Após os alunos terem experimentado fazer bonecos de sombras e teatro de sombras, demos início ao projeto de teatro de sombras sobre a Formação de Portugal. De forma aleatória foi decidido quem ficaria com a Formação de Portugal, a 1.ª, a 2.ª e a 3.ª Dinastias. Após cada grupo saber qual a parte da história que iriam trabalhar, foi-lhes explicado que teriam que ler essa parte no manual de estudo do meio, fazer um apanhado dos factos mais importantes e criar uma história que teriam que escrever em texto dramático, onde teriam que ver também quem eram as personagens e decidir entre si quem fazia o quê. Com o passar das semanas os alunos foram construindo os bonecos de sombras, bem como os cenários e também explorando o teatro de sombras e fazendo ensaios até chegarem ao último dia antes da apresentação.
<b>O que aconteceu na Escrita:</b>	<i>No momento de criação da história existiu uma grande dificuldade em perceber o que teriam que fazer, que informações deveriam selecionar, o que na realidade era pretendido. Para isso foi fundamental a ajuda de todos os intervenientes desta nossa prática onde nos fomos revezando pelos vários grupos e explicando-lhes o que deveriam fazer até mesmo exemplificando e desta forma começamos então a ver construir textos bastante interessantes onde a informação essencial foi selecionada.</i> Os primeiros textos criados pelos alunos eram um pouco frágeis, mas com o passar das semanas foram sendo sempre melhorados e aperfeiçoados pelos mesmos até terem uma versão final.
<b>O que observei:</b>	
<b>Dificuldades:</b>	<i>Verifiquei neste dia que os alunos têm bastantes dificuldades em projetar a voz, em conseguir posicionar-se atrás do pano para que os bonecos de sombras se consigam ver nitidamente do outro lado do pano, sendo que muitas vezes os alunos colocavam os bonecos de sombras mas em posições que não se viam. Nestes aspetos penso que o que causa isso é o facto de os alunos não conseguirem ter noção daquilo que passa para o lado contrário do pano, àquele em que eles estão daí ser importante que possam assistir às apresentações dos colegas e verificar onde existem falhas e como estas se conseguem colmatar.</i>
<b>Capacidade de improvisação:</b>	Quase no limiar da apresentação, fui-me apercebendo <i>que os alunos estão muito agarrados aos papéis e que não sabem a história que criaram, o que faz com que não consigam improvisar. Apesar de tudo, e com toda a confusão existente na sala, os alunos conseguiram terminar os seus bonecos de sombras bem como os cenários</i> No dia 06 de janeiro de 2014 todos os grupos conseguiram ensaiar a sua representação, tendo tido para isso apenas 20 minutos, o que foi muito pouco tempo, sendo também este um dos nossos grandes inimigos ao longo das várias semanas.
<b>Empenho e entusiasmo dos alunos:</b>	Ao longo das várias semanas pude observar que os alunos se mostravam bastante empenhados nas atividades que estavam envolvidas neste projeto, fui sentindo que as coisas estavam a correr bem e que os alunos estavam a melhorar muito a sua atitude perante os colegas, as professoras e também perante o projeto em si. Existiram dias em que os alunos estavam muito agitados e onde era muito difícil conseguir trabalhar contudo, apesar de a turma trabalhar de uma forma um pouco barulhenta e desorganizada, sempre trabalharam com empenho e dedicação em tudo o que faziam. Em alguns momentos foi necessário verificar em que ponto o trabalho de cada grupo estava, como estava a história, quem eram as personagens, que bonecos de sombras e cenários já tinham construído, de maneira a que os alunos tivessem a plena consciência do trabalho já realizado e do que havia ainda para fazer.
<b>Conflitos:</b>	Existiram dias muito difíceis, com conflitos entre alunos, onde no dia 02 de dezembro de 2013, se gerou (...) <i>um conflito entre dois alunos que não quiseram emprestar os materiais um ao outro o que levou a uma grande discussão, a qual tentei que se resolvesse da melhor forma, tentando fazer com que os alunos percebessem que têm de saber partilhar e que devem entreajudar-se, pois estavam a fazer um trabalho de grupo onde todos deveriam trabalhar para o sucesso do grupo e não como seres individuais. No entanto, ainda no seguimento desta zanga um dos alunos estragou o trabalho do colega o que levou a que o aluno que havia estragado fosse chamado à atenção de forma a perceber que tinha agido de forma muito incorreta.</i>

A análise da sétima experiência teve como foco as dificuldades sentidas pelos alunos aquando do seu posicionamento atrás do pano para a realização de teatro de sombras, tendo sido difícil para os mesmos perceber o como se devem posicionar e como devem colocar os seus bonecos de sombras, bem como a maneira como têm que projetar a voz para que quem está a assistir consiga perceber a história apresentada. Também a capacidade de improvisação dos alunos teve lugar nesta análise pois, apesar de já estarem há algum tempo a realizar jogos dramáticos, os alunos continuam a ter muitas dificuldades em improvisar agarrando-se muito ao papel, o que faz com que existam muitas paragens durante a representação e se perca um pouco o fio condutor da história. Contudo, no que concerne ao empenho e entusiasmo dos alunos este foi aumentando de semana para semana e cada vez mais os alunos se mostravam entregues a todas estas experiências. (ver anexo XXII)

Quanto à escrita os alunos ao longo das várias semanas foram escrevendo e melhorando as suas histórias, acrescentado coisas que iam descobrindo e que achavam importantes, e também retirando algumas coisas que não eram imprescindíveis. As histórias foram tendo várias versões até que os alunos chegaram a uma versão final, versão essa que foi a utilizada na representação. (ver anexo XXIII)

**Quadro 8 - Reflexão sobre o projeto de Teatro de Sombras – 13 de janeiro de 2014**

<p><b>O que aconteceu em Expressão Dramática:</b></p>	<p>Este foi o último dia do projeto desenvolvido ao longo de várias semanas, o dia da apresentação final aos colegas da turma, professora titular de turma e professoras estagiárias, mas também de apresentação a algumas crianças e professoras convidadas que eram a outra turma de 4.º ano de escolaridade. Para que tudo corresse da melhor forma, comecei por conversar com os alunos, percebendo se todos sabiam qual a ordem pela qual iriam apresentar a sua história, de maneira a que estes se organizassem para o ensaio final. Desta forma o primeiro grupo preparou-se e a restante turma foi a plateia.</p> <p><i>Foram dadas indicações aos alunos e estes começaram a apresentar, grupo a grupo todos ensaiaram sendo que uns se notavam mais preparados do que outros. No primeiro grupo foram várias as “falhas” existentes, desde a forma como projetavam a voz, o sítio onde colocavam os bonecos de sombras, o facto de não sabermos a história colando-se ao papel ao invés de improvisarem. De grupo para grupo foi sendo feita uma reflexão sobre o que tinham feito bem e o que tinham feito menos bem, o que necessitavam de melhorar, entre outras observações, o que levou a que de grupo a grupo as coisas fossem melhorando aos poucos.</i></p> <p><i>Às vezes viam-se as cabeças e falavam baixinho, Às vezes não se percebiam as falas porque gaguejavam.</i></p> <p><i>Agora percebeu-se um bocadinho melhor!</i></p> <p><i>Após todos terem feito o ensaio da sua parte da história da formação de Portugal, a turma do lado chegou e os alunos iniciaram a tão esperada apresentação final.</i></p> <p><i>Começamos por contextualizar um pouco todo o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido, para que os outros meninos percebessem e depois demos então início às apresentações. No final de todas as apresentações apercebi-me que afinal, tendo em conta tudo o que este tipo de projeto envolve e o pouco tempo que os alunos tiveram para construir os bonecos de sombras, os cenários e criar a história, bem como para ensaiarem a mesma, o produto final foi muito interessante, sendo que os alunos da outra turma de 4.º ano e os próprios alunos desta turma fizeram comentários ao mesmo.</i></p> <p><i>Eu achei que foi giro mas eles enganaram-se ali numa parte e não se percebeu muito bem quando falaram do Dom Sebastião.</i></p> <p><i>Acho que foi giro.</i></p> <p><i>O que gostei mais de ver foi... foi... tudo!</i></p> <p><i>Eu acho que também foi giro e a parte que eu gostei mais de ver foi a batalha de Alcácer Quibir e só não percebi bem foi a última parte.</i></p> <p><i>Nesta altura os alunos tentaram explicar aos colegas o que não haviam entendido. Também no final os colegas da turma de 4.º ano partilharam a forma como haviam trabalhado a história da formação de Portugal, o que também possibilita que se tenha noção de que outras formas o mesmo conteúdo pode ser trabalhado. Para terminar ouvimos ainda um outro comentário que resume um pouco todo o trabalho realizado:</i></p> <p><i>“Eu gostei muito do vosso trabalho, acho que estava muito bom, os cenários, e acho que devem continuar e sei que só este bocadinho deu muito trabalho e estão de parabéns.</i></p>
<p><b>O que aconteceu na Escrita:</b></p>	<p>Após os colegas da outra turma saírem, os alunos, de forma individual, fizeram uma reflexão acerca do trabalho que tinham apresentado, mas também de todo o trabalho realizado durante várias aulas dedicadas a este pequeno projeto, indicando aquilo que sentiram, o que gostaram mais e menos e ainda aquilo que aprenderam, onde surgem reflexões escritas dos alunos como <i>O que mais gostei foi melhorar os conhecimentos e através do teatro de sombras aprender mais coisas sobre a História de Portugal. O que eu gostei menos foi nada. Eu aprendi muitas coisas interessantes, fiz bonecos de sombras muito fixes.</i></p>
<p><b>O que observei:</b></p>	
<p><b>Melhorias existentes e aprendizagens:</b></p>	<p>Neste dia apercebi-me que existiram muitas melhorias a vários níveis. Os alunos melhoraram o seu comportamento, já conseguiam ter noção de muitos factos históricos relativos a este período tão grande que foi a Formação de Portugal, tendo desenvolvido as competências essenciais para este ano de escolaridade, ficando com uma visão simples deste período histórico.</p> <p>Neste dia, <i>O barulho na sala era algum mas a conversa era relacionada com aquilo que se estava a passar naquele momento e não sobre assuntos paralelos, como era normal acontecer.</i></p> <p><i>Penso que os alunos conseguiram perceber a grandiosidade deste tipo de atividade tanto a nível de todos os conteúdos que envolve como também todo o trabalho para se conseguir levar a cabo a mesma. Perceberam também que quando estão a fazer teatro de sombras têm que projetar muito bem a voz e que a história tem que ser muito bem contada para que quem está a ver consiga perceber a mesma.</i></p>

Com o passar das semanas foram existindo melhorias por parte dos alunos a vários níveis, tanto no comportamento, como na relação estabelecida com o grupo, a sua forma de empenho e dedicação, a maneira como escreviam, bem como a improvisação que também melhorou bastante. Neste dia os alunos estavam um pouco ansiosos e existia o

receio de que não corresse bem, contudo os alunos estiveram muito bem e tendo em conta o escasso tempo que tiveram para tudo, desde fazer bonecos de sombras, cenários, escrever a história e ensaiar, o resultado final foi fantástico e os alunos superaram todas as minhas expectativas. Este projeto deixou a vontade de fazer mais e mais, pois neste dia de apresentação, consegui perceber o quanto os alunos foram evoluindo e o quanto seria proveitoso tanto para a expressão dramática como para a escrita, que esta atividade tivesse sido continuada pois, agora começava-se a ver o verdadeiro resultado de todo o trabalho desenvolvido. (ver anexo XXIV e anexo XXV)

**Quadro 9 - Registo das histórias representadas em Teatro de Sombras - 14 de janeiro de 2014**

<b>O que aconteceu em Expressão Dramática:</b>	Alunos no dia seguinte à representação da história criada para o projeto de Teatro de Sombras fizeram um registo individual da história representada.
<b>O que aconteceu na Escrita:</b>	Alunos, recorrendo à memorização e às vivências que tiveram, numa folha e de forma individual, fizeram um registo escrito das histórias apresentadas sem recorrer a qualquer outro documento escrito.
<b>O que observei:</b>	Enquanto que alguns alunos não conseguiram fazer o registo da história que haviam apresentado, outros conseguiram perfeitamente fazê-lo contudo, enquanto alguns escreveram a história em texto dramático, outros fizeram descrição do que aconteceu, outros escreveram como texto narrativo e outros escreveram textos onde estavam nítidas as aprendizagens realizadas acerca da Formação de Portugal. Este registo escrito da história acaba por ser um bom elemento de avaliação de todo este projeto, acerca dos conteúdos adquiridos ao longo das várias semanas tanto na área de estudo do meio, como da expressão dramática e na escrita, na qual se verificam grandes evoluções tanto a nível de clareza textual, como também de vários géneros textuais a que os alunos tiveram acesso e oportunidade de fazer escrita criativa.

## 2. Discussão dos resultados

Tendo em vista dar resposta à questão de investigação inicialmente definida para o presente estudo “Qual o contributo da Expressão Dramática para a criação de contextos de Escrita Criativa?”, e após serem apresentados e analisados os dados recolhidos, como resultado das nove experiências realizadas ao longo de várias semanas, que englobavam tanto a expressão dramática como a escrita, seguidamente procede-se então à discussão dos resultados encontrados.

O grupo de alunos onde o presente estudo foi implementado, era um grupo com muito pouca experiência ao nível tanto da Expressão Dramática como da Escrita, sendo que os alunos inicialmente e mesmo após todas as experiências realizadas neste âmbito, ainda se encontram muito aquém daquilo que seria esperado numa turma de 4.º ano de escolaridade. No início os alunos tinham o corpo muito bloqueado, não sabiam como agir perante as problemáticas lançadas, não sabiam movimentar-se no espaço sala, e apresentavam verdadeiras lacunas no que concerne ao comportamento em sala de aula, e o simples “descolar” da cadeira e da mesa levava a um nível de excitação e confusão enorme que acabava por dificultar uma boa abordagem às propostas educativas. Com o

passar do tempo foram-se verificando evoluções, ao nível da Expressão Dramática como também da Escrita.

Aquando das primeiras propostas de jogo exploratório e jogo dramático, existiam alunos que ficavam bloqueados sem saber o que fazer, enquanto outros extravasavam demasiadamente. As experiências de jogo dramático na sua grande maioria tinham como foco principal a capacidade de improvisação de cada criança mas, devido à falta de contato com este tipo de atividades, os alunos bloqueavam, queriam ter uma folha com tudo escrito através da qual se pudessem guiar, ao invés de improvisar. Na maioria de todas as experiências realizadas, a escrita não precedia o jogo dramático e os alunos sentiam-se um pouco perdidos, sem saber o que fazer. É claro que houve evoluções, mas para se conseguir ganhar confiança e improvisar é necessário algum tempo, tempo esse que nós não tínhamos, sendo extremamente necessário o recurso aos jogos exploratórios para que os alunos desbloqueassem tanto o corpo como a voz. Foi nesse sentido que foram realizadas as primeiras experiências antes de se partir para o jogo dramático em si. Aquando do confronto com as problemáticas levadas as crianças ficavam um pouco apreensivas contudo, empenhavam-se em conseguir fazer a sua personagem. Com o passar do tempo os alunos foram ganhando cada vez mais confiança em representar as histórias improvisadas, existindo uma grande evolução da primeira experiência até à nona.

Também a capacidade reflexiva e de escrita de vários géneros textuais foi tendo evoluções. Inicialmente tinham muita dificuldade em refletir sobre o trabalho que havia sido realizado, sobre o que tinha corrido bem e menos bem, o que poderiam melhorar, sentindo-se constrangidos em participar. Contudo, com o passar das experiências foram começando a sentir-se mais à vontade para o fazer, mas por vezes o momento de reflexão oral em grande grupo acabava por não ser conseguido devido à condicionante “tempo”, acabando por a reflexão aparecer na escrita dos alunos.

Em relação aos géneros textuais e à escrita propriamente dita, esta foi surgindo e evoluindo com alguma naturalidade. Tal deverá ter estado relacionado com aquela que era a questão de investigação, pois ao invés de ser pedido aos alunos para escreverem o guião de uma entrevista, uma notícia, um texto dramático ou narrativo, sem qualquer tipo de contextualização, durante este estudo tudo apareceu contextualizado, sendo que anteriormente à escrita os alunos falavam em outras áreas sobre alguma coisa, fosse ele

um conteúdo de português, de estudo do meio ou de matemática, que acabava por dar origem a experiências de jogo dramático. Estas experiências levavam a que os alunos conseguissem escrever sobre aquilo que viram, ouviram, sentiram e do qual foram parte integrante. De facto é bastante mais fácil falar ou escrever sobre um tema que presenciamos do que sobre um tema vasto do qual nada ou pouco sabemos. Tal como refere Baldwin and John (2012), existem muitos problemas com os quais a criança se depara na escrita que o drama acaba por ajudar a resolver, sejam eles problemas de falta de ideias para começar a escrever, começar a escrever mas passado relativamente pouco tempo já não ter ideias para escrever não conseguindo sustentar a sua escrita, necessitam por vezes de algum apoio e incentivo para escrever, estão muitas vezes tão preocupados em fazer a estrutura correta de cada género textual que acabam por se perder daquilo que é realmente essencial que é o conteúdo, tendo muitas vezes receio de escrever com medo de errar tanto na estrutura como na pontuação e gramática (isso será feito posteriormente...) e depois serem corrigidos pelo professor. O drama não “encara” a escrita desta forma, mas sim está preocupado com o conteúdo da escrita, com o trabalho que é feito em grupo de forma colaborativa e que ajuda depois ao registo escrito, sem qualquer tipo de punição ou correção devido a erros na estrutura, na pontuação ou na gramática, pois a punição leva a que os alunos não escrevam e não reflitam. Nas produções escritas agora analisadas é visível a capacidade criativa de cada aluno, sendo que uns conseguem mais facilmente transpor essa criatividade para a escrita do que outros. Os vários géneros textuais escritos pelos alunos estavam relacionados com alguma situação concreta ou com algum contexto imaginário, onde cada criança acaba por expressar aqueles que são os seus desejos e necessidades, tornando-se desta forma a escrita prazerosa e não apenas uma obrigação porque o professor o impôs. O facto de terem sido escolhidos vários géneros de escrita foi também pensado para que os alunos pudessem evoluir em vários níveis de escrita e não apenas num.

# CONCLUSÕES

## 1. Conclusões do Estudo

A investigação apresentada teve como questão de partida *Qual o contributo da Expressão Dramática para a criação de contextos de escrita criativa?* sendo que para este estudo foram elaborados alguns objetivos específicos de investigação:

- a) Planificar e implementar atividades integrando a Expressão Dramática de forma interligada com as outras áreas curriculares;
- b) Compreender o papel da Expressão Dramática no que concerne à aquisição e compreensão de conteúdos das diversas áreas curriculares;
- c) Implementar diversos jogos exploratórios e dramáticos que proporcionassem ambientes ficcionais contextualizadores de escrita para as crianças;
- d) Perceber como experiências relacionadas com a Expressão Dramática podem levar à escrita criativa por parte das crianças criando contextos que levassem à escrita de diversos géneros textuais.

Quanto à questão de investigação será importante começar por salientar que, de acordo com o investigado, a Expressão Dramática quando aliada às restantes áreas curriculares, permite aos alunos uma aprendizagem mais dinâmica, onde os alunos se encontram envolvidos com os conteúdos trabalhados, o que facilita a aprendizagem dos mesmos. O mesmo acontece com a escrita, pois os alunos ao vivenciarem todas as experiências desenvolvidas ficam mais entregues às mesmas e devido a esta vivência facilmente encontram a inspiração, os conteúdos, para a escrita criativa de vários géneros textuais.

De acordo com o quadro apresentado no enquadramento teórico: “How drama help address some common problems with writing” devemos apoiar as crianças quando estas se sentem sem confiança e sem ideias para começar, o que aconteceu no início da construção, por exemplo, do guião da entrevista, cabendo-nos a nós, segundo Baldwin and John “Supporting the generation of ideas collaboratively that are then shared and belong to the group.” (2012, p. 15)

Ao longo das nove experiências desenvolvidas foram sendo abordados conteúdos de várias áreas curriculares que foram interligados com a Expressão Dramática e que

deram origem a diversas situações de Escrita Criativa de vários géneros textuais. Estas experiências foram acontecendo e de experiência a experiência os alunos foram-se mostrando cada vez mais motivados e recetivos às mesmas. De acordo com Lopes (2011) na sala devem ser proporcionadas experiências onde as várias áreas curriculares se encontram interligadas e não como áreas distintas que se trabalham separadamente, pois os alunos inicialmente tinham uma conceção de Expressão Dramática como uma área em que nada se aprendia e apenas se brincava. Contudo, com o acesso a jogos exploratórios e a jogos dramáticos os alunos foram perdendo essa conceção e acabaram por perceber que aprenderam muita coisas e que tal como eles próprios referiram *da forma mais fácil*. Os alunos de experiência para experiência foram mobilizando conteúdos e apercebendo-se disso mesmo, sendo que conteúdos que pareciam tão complexos e com dimensões assustadoras, que eram lecionados num período de tempo muito curto, foram-se transformando em experiências prazerosas onde a aprendizagem dos mesmos era facilitada pela integração dos alunos nesses mesmos conteúdos, sendo que em ficção, em personagem, foram surgindo melhores rendimentos escolares nas várias áreas trabalhadas, sendo que segundo Lopes (2011, p. 58) esta aprendizagem surge “da experiência da qual eles foram autores”.

Quanto à escrita os alunos inicialmente sentiam-se muito inseguros e inibidos a escrever, sendo que através da escrita que surgiu do jogo dramático os alunos que eram avessos ao risco de escrever, acabaram por “Encouraging a risk taking in the drama that can be written at the time and returned to later for redrafting in groups or as a class.” (Baldwin and John, 2012, p.15)

Foram diversas as oportunidades de escrita criativa em diferentes géneros textuais, onde existiu trabalho de grupo aliado a uma partilha e troca de ideias, tanto nos momentos de jogo dramático como nos próprios momentos de escrita, o que levava a que os alunos se apoiassem, tendo nós aqui uma escrita apoiada na memória dos alunos daquela que foi a atividade de jogo dramático onde a ficção leva à escrita (Baldwin and John, 2012, p.15). De acordo com a Organização Curricular e Programas para o 1.º Ciclo do Ensino Básico (2004, p. 154) os alunos devem “Experimentar diferentes tipos de escrita, com intenções comunicativas diversificadas, requeridos pela organização da vida escolar e pela concretização de projetos em curso”. Estas referem ainda que os alunos devem “Escrever, individualmente e em grupo, a partir de motivações lúdicas (completar

histórias, criar histórias a partir de gravuras desordenadas ou em sequência, banda desenhada, jogos de palavras).” É bastante importante que os alunos para além da atividade ativa, que ocorre no jogo dramático, também tenham momentos de reflexão e quietude para escreverem, o que leva também ao retorno à calma. (Baldwin and John, 2012).

O projeto de Teatro de Sombras foi o colmatar das várias experiências desenvolvidas anteriormente sendo que num mesmo projeto se encontravam incluídas várias áreas curriculares, a Expressão Dramática, onde os alunos fizeram a improvisação de histórias através do Teatro de Sombras, a Expressão Plástica com a construção de bonecos de sombras e cenários do teatro, o Estudo do Meio em que os factos históricos deram origem às histórias inicialmente escritas e depois apresentadas, estando aqui consequentemente presente a área de Português, através da escrita criativa.

Desta forma, as atividades de jogo exploratório e de jogo dramático facilitaram tanto a aprendizagem ativa e lúdica com entrega total dos alunos, como também facilitou o melhoramento das relações estabelecidas entre os alunos, que inicialmente tinham muita dificuldade em trabalhar em grupo e que com o avançar das várias experiências se foi dissipando sendo que existiu uma grande melhoria na relação entre alunos-alunos e alunos-professor.

Como conclusão do estudo, será importante frisar que através da Expressão Dramática os alunos aprenderam diversos conteúdos de diferentes áreas, bem como produziram escrita criativa de diferentes géneros textuais com alguma facilidade uma vez que eram as situações vivenciadas na ficção que levavam ao conteúdo dessas produções escritas e à aprendizagem significativa.

## **2. Limitações da investigação e recomendações**

Ao longo de toda esta investigação existiram diversos fatores limitadores da mesma, desde a minha falta de experiência enquanto investigadora, uma vez que esta representa a primeira investigação por mim realizada ao longo de todo o meu percurso académico, à falta de tempo para implementação da mesma, bem como limitações relacionadas com a população amostra.

Durante este processo de investigação certamente existiram erros, descuidos, factos não observados e não registados que seriam fundamentais para a veracidade das conclusões do estudo, situações que por vezes me terão passado despercebidas pela falta de experiência neste campo.

Também a população amostra e o tempo que era bastante reduzido, dificultaram a recolha de alguns dados que seriam também imprescindíveis, pois o grupo era muito heterogéneo, com alunos bastante problemáticos e desestabilizadores dos colegas de turma, levando a que muitas vezes existissem conflitos e confusão na sala que não permitiam um bom trabalho tanto por parte da investigadora como dos próprios alunos. Quanto ao tempo, este foi uma luta constante uma vez que apenas tínhamos poucas horas para aplicar este tipo de experiências, o que levou a que quando os resultados começavam a aparecer se tenha “interrompido” esta investigação por conclusão desta prática pedagógica.

Quanto às recomendações, penso que seria interessante implementar esta mesma investigação num contexto distinto, e sem limitações em termos temporais, de maneira a se verificar o verdadeiro contributo da Expressão Dramática para a criação de contextos de Escrita Criativa.

## CONCLUSÃO DO RELATÓRIO

O presente Relatório de Mestrado reflete todo o trabalho desenvolvido ao longo de várias Práticas Pedagógicas em contextos distintos, tanto enquanto educadora e professora estagiária, como também investigadora, tendo sido todas estas práticas essenciais para o meu crescimento e formação enquanto futura profissional de educação mas também enquanto pessoa.

Ao longo destas quatro Práticas Pedagógicas estive em constante formação, desenvolvi diversas competências, aperfeiçoei outras, tornei-me mais reflexiva em relação ao meu desempenho e a tudo o que estava envolvido nestas práticas.

As reflexões semanais permitiam-me ter consciência de tudo o que acontecia, aspetos positivos e aspetos negativos que me levavam ao melhoramento da minha atuação semana após semana, tendo em conta os meus objetivos mas principalmente levando em consideração o grupo de crianças com que estava e aquelas que eram as suas motivações e os seus interesses, tentando sempre que tudo fosse realizado em função destas.

Quanto a este relatório agora apresentado, posso concluir que apesar das inúmeras horas aqui envolvidas para elaboração do mesmo, este permitiu-me consolidar tudo o que foi este ano e meio de mestrado e de prática pedagógica, tudo o que vivenciei e que ao transformar em palavras escritas pude recordar e reviver, como se de um diário se tratasse, onde coloco todas as minhas angústias, medos, receios, dificuldades e aprendizagens.

Este relatório contempla duas dimensões, a dimensão reflexiva e a dimensão investigativa. Quanto à dimensão reflexiva esta retrata em traços um pouco gerais todo o trabalho que foi sendo desenvolvido, o dia-a-dia de cada prática pedagógica, com um aprofundamento das conceções que temos, fundamentadas muitas vezes com autores que nos mostram o lado verdadeiro daquilo em que acreditamos.

Já no que diz respeito à dimensão investigativa, esta foi aquela que mais me desafiou e acerca da qual surgiram as maiores dúvidas tanto no momento de implementação da investigação como também no momento de análise e conclusões dos dados recolhidos. Esta foi uma dimensão que me era totalmente desconhecida e que acabou por dificultar o trabalho desenvolvido, no entanto, através desta consegui perceber o papel do jogo

dramático no desenvolvimento e aprendizagem dos alunos, onde as várias áreas curriculares podem estar integradas, na ficção mas com dados reais.

Termina aqui mais um percurso da minha formação, mais uma história que fica relatada e claro as páginas em branco ansiando um novo capítulo desta minha formação profissional e pessoal que tanto tem para desvendar...

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aguilar, L. (2001). *Expressão e Educação Dramática: Guia Pedagógico Para o 1º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Albuquerque, F. (2000). *A hora do conto*. Lisboa: Editorial Teorema.

Almeida, C. (2001). Conceções e práticas artísticas. In Ferreira, S. (Org), *O ensino das artes - Construindo caminhos*. São Paulo – Brasil: Papirus Editora.

Baldwin, J. & John, R. (2012). *Inspiring writing through Drama*. London: Bloomsbury Publishing PLC.

Booth, D., Neelands, J. (1998). *Writing in Role – Classroom projects connecting writing and Drama*. Canadá: Acknowledgments.

Coelho, S. (2006). *Educação e Imaginário: outras redes de sentido*. Tese de Doutoramento. Universidade do Minho – Instituto de Educação e Psicologia

Coutinho, C. (2011). *Metodologia de investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.

Diário da República (2011). *Decreto- lei Creche - Diário da República, 1.ª série — N.º 167* <http://www.dre.pt/pdf1s/2011/08/16700/0433804343.pdf> consultado em 16-02-14 às 22h58.

Diário da República (1979). *Decreto-Lei de Jardim de Infância – Diário da República – N.º 542/79* <http://dre.pt/pdf1sdip/1979/12/30012/03010307.pdf> consultado em 16-02-2014 às 23h37.

Farmer, D. (2011). *Learning through Drama in the Primary Years*. [www.dramaresource.com](http://www.dramaresource.com)

Ferland, F. (2006). *O desenvolvimento da criança no dia-a-dia: Do berço até à escola primária*. Lisboa: Climepsi Editores.

Ferreira, A. (2010). *Arte, Escola e Inclusão – Atividades artísticas para trabalhar com diferentes grupos*. São Paulo – Brasil: Editora Vozes.

Ferreira, M. (1998). *Metodologia de Investigação. Guia para Auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

- Fortin, M. (2003). *O processo de investigação – Da conceção à realização*. Loures: Lusociência.
- Freicho, M. (2011). *Metodologia Científica - Fundamentos Métodos e Técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Gauthier, H. (2000). *Fazer teatro desde os 5 anos*. Coimbra: ESEC/ Livraria Minerva Editora
- Holt, J. (2001). *Como aprendem as crianças*. Lisboa: Editorial Presença
- Kowalski, I. (2005) ... *e a Expressão Dramática*. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Educação de Leiria.
- Landier, J. C. e Barret, G. (1994). *Expressão Dramática e Teatro*, Lisboa, ASA
- Lopes, M. S. P. (2011). *O Saber Dramático: A Construção e a Reflexão*, Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lourenço, A. e Paiva, M. (2010). *A motivação escolar e o processo de aprendizagem*. <http://cienciasecognicao.tempsite.ws/revista/index.php/cec/article/view/313/195> consultado em 02-12-2013 pelas 19h53.
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Porto Editora.
- Ministério da Educação. (2011). *Circular n.º4: Avaliação em Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento.
- Ministério da Educação (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico: competências essenciais*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- Ministério da Educação. (s.d.). *Educação de Infância* <http://www.dgidec.min-edu.pt/educacaoinfancia/> consultado em 18-03-14 às 18h27
- Ministério da Educação (2012). *Metas Curriculares de Português Ensino Básico – 1.º, 2.º e 3.º Ciclos*. Lisboa: Departamento da Educação Básica
- Ministério da Educação (2004). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1.º Ciclo*. Lisboa: Departamento da Educação Básica

- Ministério da Educação. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação
- Nery, J. (1993). *Na Casa da Língua Moram as Palavras*. Porto: Edições ASA
- Portugal G. (1998). *Crianças, famílias e creches – uma abordagem ecológica da adaptação do bebé à creche*. Porto: Porto Editora.
- Post, J. & Hohmann, M. (2007). *Educação de Bebés em Infantários: Cuidados e Primeiras aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Santos, A. (2008). *Mediações Arteducacionais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Santos, C. (2010). *O dia-a-dia no Jardim de Infância - Importância atribuída pelos educadores de infância aos momentos de rotina*. Coimbra: Universidade de Coimbra - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Simões, Alcino (1996). *Formação de Professores: Planificações*. <http://www.prof2000.pt/USERS/folhalcino/formar/outros/planifica.htm> consultado em 19-02-2014 pelas 21h37.
- Sousa, A. B. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação: Bases Psicopedagógicas, Vol. I*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, A. (2009). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Viana, T. & Trazacappa, M. (2001). *Teatro na Educação: Reinventando Mundos*. In Ferreira, S. (Org.), *O ensino das artes - Construindo caminhos*. São Paulo – Brasil: Papyrus Editora.
- Vieira, R. (1998). *Entre a Escola e o Lar: O curriculum e os saberes da infância*. Lisboa: Fim de Século.
- Vygotski, L. (2009). *A imaginação e a Arte na Infância*. Lisboa: Relógio D' Água Editores.



# **ANEXOS**



# **Anexo I – Reflexão 1 de Creche**

## **Reflexão crítica e fundamentada**

**De 25 de Setembro a 04 de Outubro de 2012**

No dia 25 de Setembro de 2012 dei início à minha prática pedagógica em contexto de creche. Nesse dia estive numa das salas de 1 ano, onde dei início à minha observação. No segundo dia fui informada que, por lapso da direção, esta não seria a sala onde iria realizar todo o meu estágio em creche mas sim numa das salas de 2 anos.

A primeira semana de prática seria de observação e a segunda, de observação e participação nas propostas educativas da sala, no entanto desde o primeiro momento que participei nas propostas educativas e rotina diária das crianças.

Em relação ao primeiro dia este correu muito bem, apesar de cansativo, fui muito bem recebida pelo diretor pedagógico, educadoras, auxiliares e crianças. O acolhimento na sala foi muito bom, as crianças vieram ter comigo, interagi com elas nas suas brincadeiras e na sua rotina. Nesta sala todas as crianças utilizavam fralda, sendo feita a muda da mesma sempre que necessário, nesses momentos de muda de fralda as crianças sorriram para mim, eu conversava com elas e estas ficavam muito felizes quando eu lhes dizia que agora já estavam limpas. Na hora da refeição existiam algumas crianças que já começavam a comer sozinhas e outras que ainda precisavam que lhes dessemos a comida. Essa tarefa foi fácil com algumas crianças mas difícil com outras, pois este foi o primeiro dia de contacto que tiveram comigo e para elas eu ainda era uma pessoa estranha no seu espaço. Também aqui, algumas crianças já conseguiam andar bem e outras ainda gatinhavam, dado que a idade média para a marcha é aos 12 meses, uma criança que inicia a marcha entre os 10 e os 14 meses continua a estar dentro da norma (Francine Ferland, 2006).

A partir do segundo dia dei então início à minha intervenção na sala de 2 anos, onde irei permanecer durante as 5 semanas. Nesse dia o primeiro contacto foi excelente, fiquei fascinada com as crianças, com as diferenças que pude verificar da sala de 1 ano para a de 2 anos. Aqui o espaço já estava organizado de uma forma completamente diferente, existiam áreas e as brincadeiras eram mais centradas em cada área. As crianças incluíram-me nas mesmas, explicaram-me tudo o que estavam a fazer, como brincar na área da casinha, fazendo comida e dando-me para eu comer, perguntavam-me o que eu queria e todas as outras coisas típicas de se fazer neste espaço.

Também aqui, neste primeiro contacto, as crianças perguntaram-me o meu nome, o que eu estava ali a fazer, se ia ficar muitos dias com eles e se teríamos muito tempo para brincar. A receção foi muito calorosa, houve crianças que vieram ter comigo logo com perguntas, e outras que preferiram ficar a observar tentando descobrir quem eu era. Foi então nesta sala, e com este grupo de crianças, que iniciei a minha observação mais atenta, disfrutando plenamente cada dia que tenho passado na presença destas, vivenciando novas experiências e gozando-as inteiramente com elas. É muito interessante observar a velocidade a que as crianças desta idade se desenvolvem, e as diferenças existentes entre elas. Na sala existem crianças mais novas que tendem a observar mais o que os amigos fazem do que a envolver-se na atividade destes, arranjando brincadeiras mais individuais, enquanto que a maioria das crianças têm brincadeiras mais coletivas, imitam-se umas às outras, partilham objetos, criam jogos e diversões. Nesta idade a curiosidade é o maior estímulo para as suas atividades e aprendizagens. As crianças aprendem por elas próprias, mas também através do estímulo que nós lhes damos, dos objetos que estão colocados ao seu dispor na sala e das atividades que lhes são proporcionadas, nunca sendo na sala tirado o desafio da iniciativa própria.

Crianças, educadora, auxiliar e estagiárias trabalham em conjunto por forma a promover o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Na sala é-lhes dado espaço para poderem explorar e aprenderem por si com os momentos de brincadeira livre, tanto no interior como no exterior.

A cada nova aprendizagem que a criança faz, esta é felicitada. Na sala existe uma criança com NEE, que é tratada tanto pelos adultos responsáveis como pelos outros meninos como uma criança igual a todas. Apesar de esta ter algumas limitações motoras, não deixa de brincar, fazer as atividades e tudo tal como todas as outras, e as crianças da sala incluem-na nas suas brincadeiras. “Uma criança que precise de

cuidados especiais tem as mesmas necessidades emocionais das outras crianças; os cuidados de que precisa têm a ver principalmente com a estimulação.” (Dr. Richard C. Woolfson. 2002. p.36).

Também na sala são muitos os momentos de relação afetuosa entre adultos e crianças, e isso é um ponto fulcral para estas aprenderem e se desenvolverem.

Ao longo destas duas semanas, mais propriamente destes 7 dias de observação e intervenção, foram muitas as experiências que vivenciei, participei e observei. Também foram muitos os momentos de afeto que com as crianças partilhei. Apesar de muitas coisas por que já passei, muitas mais são as coisas que ainda terei para vivenciar, ensinar e aprender. Novos desafios irei enfrentar, muitas coisas novas irão existir para relatar. A “história” continua...

## Anexo II – Reflexão 1 de Jardim-de-Infância

### Reflexão crítica e fundamentada De 29 a 31 de Outubro de 2012

No dia 29 de Outubro de 2012 dei início à minha Prática Pedagógica em contexto de Jardim-de-Infância.

Foi na sala dos três anos que iniciei a semana de observação.

Quando fui para esta sala, ia já com algumas expetativas em relação à Prática Pedagógica neste contexto mas também com alguns receios.

O objetivo com que fui para esta observação foi o de seguir o desenvolvimento destas crianças dia após dia, tentando encontrar características próprias desta idade. Observando diretamente tentei ir compreendendo as fases que cada criança atravessa para futuramente, aquando da realização de atividades com as crianças, tentar fazer algo que de facto seja significativo para estas. Ao longo destes dias apreciei as suas capacidades e tentei antever o que se seguiria.

Observando e interagindo em simultâneo tentei estabelecer laços afetivos com as crianças de forma adequada, tendo expetativas realistas, pois com umas crianças a aproximação é mais fácil do que com outras. Posteriormente tentarei oferecer às crianças atividades apropriadas, e destas tirando ao mesmo tempo prazer aquando da partilha de vivências do seu dia-a-dia.

Mas não só as brincadeiras e atividades das crianças observei. Também observei as atividades diárias das crianças, ou seja, as suas rotinas diárias que seguem, tal como as outras, uma sequência de desenvolvimento e recorrem a competências de vários âmbitos. Durante estes três dias não só observei como estive também envolvida em tudo o que acontecia ao longo do dia.

*“Seguindo no dia-a-dia a criança que desperta para os que a rodeiam, que adquire novas competências e que exprime a sua individualidade, o adulto torna-se a testemunha privilegiada dessa aventura extraordinária de um ser humano em desenvolvimento.”*

(Ferland, 2006, p.27)

Para além do grupo de crianças, também levava algumas expetativas em relação ao espaço da sala. Como estaria dividido? O que existiria lá dentro? Quais as diferenças da sala de dois anos para a sala de três anos?

Foram várias as diferenças que encontrei. A sala, tal como a de dois anos, estava dividida por áreas, mas esta onde agora me encontro a estagiar, tem mais áreas, é uma sala bastante mais preenchida em termos espaciais. As crianças já possuem ao seu dispor materiais para fazerem atividades de expressão plástica de forma autónoma, por exemplo, nesta área, existem folhas de desenho disponíveis e também canetas de feltro que as crianças podem utilizar livremente.

As crianças aqui já se centram mais na atividade que pretendem fazer, e sabem onde a devem fazer, ou seja, a título de exemplo temos os blocos da área das construções que não saem da mesma. Quando uma criança quer brincar com determinado objeto, sabe o sitio onde está esse mesmo e que pode brincar com ele ali, o que não se verificava na sala dos dois anos. Aqui as crianças já possuem uma noção espacial e de organização mais vincada.

Quanto aos meus receios, estes também eram alguns.

No primeiro dia, que fui para esta sala, já sabia que o número de crianças existentes na mesma era de vinte e sete. Tal número deixou-me assustada e um pouco reticente. Não seriam demasiadas crianças para uma sala? Como conseguiriam Educadora e Auxiliar gerir tudo o que envolve estas crianças? Como iria

ser recebida pelas crianças? Que atividades conseguirei desenvolver com um grupo destas dimensões? Iria conseguir dar a mesma atenção a todas?

Pois bem, o grupo de facto é bastante grande e a sala torna-se um pouco pequena para todas. Quanto à gestão de tudo o que engloba estas crianças, esta é muito bem conseguida. Educadora e Auxiliar entreajudam-se, dividem tarefas e organizam-se entre si sempre com o propósito de conseguir dar o máximo de atenção a todas as crianças e as suas necessidades.

Já a receção por parte das crianças foi bastante boa. Durante estes dias consegui interagir com estas nas suas brincadeiras e nas suas rotinas, mas claro que existem algumas crianças que ficam um pouco mais apreensivas do que outras, à presença de um estranho no seu espaço.

Em relação ao tempo que disponibilizo com as crianças é igual com todas, não existe qualquer preferência por nenhuma criança, e como Educadora ou Auxiliar, a meu ver, isso nunca deve acontecer.

Em relação às atividades a desenvolver o receio mantém-se. Ainda não consegui encontrar nenhuma estratégia em concreto a utilizar para que as coisas resultem da melhor forma e sempre em prol dos interesses e motivações das crianças, bem como atendendo sempre ao seu desenvolvimento e aprendizagem. Contudo, penso que isso virá com o tempo e com a experiência.

Uma das mais poderosas competências práticas do dia-a-dia do trabalho com crianças, é observá-las e escutá-las. Durante esta semana tentei realizar observações significativas de forma a conhecer melhor cada criança e assim assegurar que as planificações que farei irão ao encontro dos interesses e necessidades destas.

Quanto à metodologia/estratégias por mim utilizadas ao longo destes três dias foi tentar desvendar as necessidades/interesses de cada criança, as suas personalidades, temperamentos, em que estados do desenvolvimento se encontram, pontos fortes, características próprias de cada uma e também a forma como se relacionam com o grupo de pares e com os adultos responsáveis.

Através destas observações que irei fazendo, planearei experiências significativas que ajudem a criança a se desenvolver em todos os sentidos, sendo estas mesmas propostas algo que irá sempre ao encontro dos interesses das crianças.

*“... a infância tem as suas virtudes.*

*Serve para construirmos as bases dos nossos sonhos e das nossas vidas.*

*É nesta memória que virás procurar as tuas forças,*

*perscrutar as tuas cóleras, manter as tuas paixões ,*

*e muitas vezes repelir as fronteiras dos teus medos e dos teus limites.”*

Marc Lévy

## **Anexo III – Reflexão 3 de Jardim-de-Infância**

### **Reflexão crítica e fundamentada De 12 a 15 de Novembro de 2012**

No dia 12 de Novembro de 2012 iniciei a minha 3ª semana de Prática Pedagógica em contexto de Jardim-de-Infância. Ao longo desta semana apoiei a Educadora Cooperante nas suas atuações relativamente às rotinas diárias das crianças, bem como nas restantes atividades.

Também foi durante esta semana, mais propriamente nos dias 13 e 15 de Novembro de 2012, que concretizei propostas educativas elaboradas por mim e pela minha colega de estágio.

Após uma conversa na semana anterior com a Educadora da sala, esta falou-nos no Dia Nacional do Pijama (20 de Novembro) e que a EDP propunha a realização de atividades com as crianças antes do dia 20 de Novembro, por forma a sensibilizá-las para o facto de nem todas as crianças viverem com os seus pais e também para que estas percebessem qual o motivo de virem vestidas de pijama nesse dia para o Jardim de Infância.

Nos materiais deixados pela EDP existia um livro cujo nome era “Todos de Pijama” e ainda umas maquetes para recortar e colar com as crianças, que davam origem a uma casa mealheiro, a “Casa do Pijama”.

Posto isto, decidimos, em conjunto com a Educadora Cooperante, trabalhar esta história e fazer as “Casas do Pijama” com as crianças. Esta foi a atividade que desenvolvemos no dia 13 de Novembro. Também decidimos em conjunto, para a proposta de dia 15 de Novembro, construir uma boneca com um pijama que as crianças iriam decorar nesse dia (o pijama) e esse boneco passaria a ser como que uma mascote da sala, um boneco com que as crianças, um por dia, podiam dormir na hora da sesta.

Para a planificação do dia 13 de Novembro, fizemos um resumo da história original, focando os aspetos mais importantes, tentando reduzi-la ao máximo para que as crianças a conseguissem compreender, pois a história original era muito extensa e complexa para crianças de 3 anos. Uma história para crianças de 3 anos não deve ter mais de 100 palavras e esta tinha um número de palavras imenso de texto corrido. Visto isto, e como era impossível reduzir o texto a 100 palavras decidimos dramatizar a história com a ajuda de cenários e de fantoches feitos de cartão e assim foi. Penso que a forma como decidimos planificar esta atividade foi bem pensada, em termos estratégicos, pois conseguimos cativar a atenção das crianças e transmitir-lhes as ideias principais da história. Quanto à minha atuação nesta proposta penso que teve aspetos positivos, tais como, conseguir cativar a atenção das crianças com recurso aos materiais disponíveis e também colocando bem a vós. Após a dramatização da história, quando estava a tentar transmitir algumas ideias sobre o que era o Dia Nacional do Pijama não o terei conseguido na totalidade, pois a Educadora viu necessidade de intervir e de passar informação às crianças que eu não consegui transmitir. Nessa altura eu senti que era de facto inexperiente e que necessito de experimentar mais situações destas e aprender com as minhas falhas e com a observação do que foi dito pela Educadora. Nesta situação específica, eu senti-me um pouco perdida, sem saber bem o que dizer pois tive medo de transmitir ideias às crianças que elas não entendessem, será que crianças com 3 anos de idade conseguem entender que existem crianças que vivem em casas de acolhimento, sem os seus pais?!

Quanto à construção das “Casas do Pijama” enviadas pela EDP essa também era uma atividade um pouco complexa de realizar com este grupo de crianças pois envolvia o corte preciso com tesoura, que estas crianças ainda não conseguem fazer pois ainda agora deram início a esta técnica. Depois também envolvia a dobragem precisa de pequenas partes da maquete, que as crianças também ainda não conseguem fazer, ou seja, a única coisa que de facto elas conseguiriam fazer, e que foi o que fizeram, era colocar a cola e com a nossa ajuda montar a caixa. Penso que esta atividade em si, não era proveitosa para as crianças, mas foi algo que nos foi imposto (estagiárias e Educadora) pela EDP para fazer com as crianças, mas a meu ver esta atividade faria sentido para crianças mais velhas e não para crianças tão pequenas. De qualquer das formas, tendo em conta os entraves que esta atividade nos colocava, nós optamos por fazermos nós o corte e a dobragem das maquetes.

Em relação à planificação do dia 15 de Novembro, nós anteriormente com tecido fizemos uma boneca que era a Milu, a personagem da história que vivia na casa de acolhimento, depois também em tecido branco fizemos uma camisola e umas calças de pijama e levamos para a sala. Por forma a cativar a atenção das crianças e a criar suspense e mistério, a boneca e o pijama foram dentro de um saco para que

as crianças não soubessem o que estaria ali dentro. Sentados em grande grupo, na manta, as crianças começaram a questionar o que estava dentro do saco. Partindo disto questionamo-los sobre o que achavam que era. Aos poucos a boneca foi aparecendo. Tirei uma perna da boneca e as crianças começaram a dizer “É um chouriço” ou “Uma almofada”. Será? Então saiu outra perna da boneca e as crianças imediatamente disseram “É um coelho”. Posto isto, foi aparecendo as restantes partes constituintes da boneca, até que esta saiu lá de dentro. Esta estratégia utilizada por mim teve um efeito muito positivo pois cativei as crianças e ao mesmo tempo pude observar as suas diversas reações. Mas faltava algo à boneca, ela estava despida. Não haveria mais nada no saco? As crianças questionaram isto mesmo. De dentro dele saiu então as duas peças do pijama e explicamos a atividade, o que iríamos fazer a seguir, que era pintar o pijama, as crianças adoraram a ideia e adoraram pintar o pijama, contudo como o espaço era pequeno não podemos deixar que a criança explorasse ao máximo, pois depois as restantes crianças não teriam essa mesma oportunidade. A finalidade desta boneca, de dormirem com ela, agradou muito às crianças e ainda nesse mesmo dia uma criança já pode dormir com a Milu e ouviu-se um comentário vindo desta “Hoje este é o meu bebé!”, um comentário que a mim me deixou muito feliz. A ordem pela qual as crianças dormirão com a Milu será por ordem alfabética. Irá ser construído posteriormente ao dia 20 de Novembro, um quadro que dirá “Quem dorme hoje com a Milu?”, por baixo desta frase estarão colocadas fotografias das crianças com a Milu, e uma seta que andarà de menino em menino à medida que os dias vão passando e todos os dias, de manhã, no tapete, iremos ver “Quem dorme com a Milu?”.

Foi uma semana bastante boa e penso que o meu receio de como desenvolver as propostas com este número de crianças se desvaneceu um pouco.

## **Anexo IV – Reflexão 4 de Jardim-de-Infância**

### **Reflexão crítica e fundamentada De 19 a 22 de Novembro de 2012**

No dia 19 de Novembro de 2012 iniciei a minha 4ª semana de Prática Pedagógica em contexto de Jardim-de-Infância. Ao longo desta semana apoiei a Educadora Cooperante nas suas atuações relativamente às rotinas diárias das crianças, bem como nas restantes atividades.

Também foi durante esta semana, mais propriamente nos dias 20 e 22 de Novembro de 2012, que concretizei propostas educativas elaboradas por mim e pela minha colega de estágio. Esta já seria uma semana em que apenas uma de nós iria realizar as propostas com as crianças, contudo tal não nos foi possível devido a, no dia 20 se comemorar o Dia Nacional do Pijama, no qual o Jardim do Fraldinhas participou.

Em relação à atividade do dia 20 de Novembro, cujo tema era Festa do Pijama, posso dizer que as diversas atividades feitas ao longo do dia correram bastante bem, existindo no entanto uma atividade que não correu como eu idealizei.

A primeira coisa que fizemos com as crianças, nesse dia, foi vestirmos também nós o pijama e pintarmos as nossas caras, de palhaço. Colocamos dois catres na sala e fingimos que estávamos a dormir. Quando as crianças entraram na sala o meu coração disparou de nervosismo e de excitação. Tinha vontade de rir por ouvir o burburinho das crianças mas não podia. Enquanto mantive os olhos fechados só pensava, como é que as crianças estão? Estarão a olhar para nós? Irão reconhecer-nos? De repente abri os olhos, fiz palhaçadas com o corpo e lá estavam as crianças todas, como que em cima umas das outras, debruçadas a olhar para nós. Ao abrir os olhos ouvi um grito, “Palhaços!”, exclamaram as crianças. A partir desse momento tudo me saiu espontaneamente, os movimentos, aquilo que dizia. Fiquei fascinada e impressionada comigo mesma, nunca pensei ter tanto jeito para fazer de palhaço e para improvisar. Na realidade estava cheia de medo de não saber o que dizer nem o que fazer, mas tudo correu da melhor forma e os sorrisos das crianças, as gargalhadas, tudo isso me dizia isso mesmo, elas estavam a gostar.

Depois passamos para o jogo seguinte, a “Dança do Pijama”, as crianças divertiram-se imenso, saltaram, dançaram com os seus bonecos, e algumas até fizeram algumas palhaçadas engraçadas. Quando reparei que as crianças já estavam, algumas delas, cansadas decidi que iríamos fazer a última parte do jogo. Quando a música parasse todos sentávamos no tapete e comíamos bolacha, e assim foi. Contudo, quando as crianças estavam a comer a bolacha chegaram mais crianças, como acontece normalmente no dia-a-dia. Eram apenas cerca de três ou quatro crianças, e eu fiquei triste porque estas não tinham assistido ao número de palhaçada nem tinham feito a “Dança do Pijama”, então pensei, porque não fazermos novamente mais um pouco da “Dança do Pijama”, e propus isso mesmo às crianças, contudo, estas estavam cansadas, já tinham gasto muita energia e não quiseram fazer novamente. E agora o que faço? Pensei eu. A meu ver não poderia obrigar as crianças a fazer novamente, então passamos à próxima atividade, a “Pintura do pijama com pantufas”, mas continuei triste por dentro, por não proporcionar esses momentos a essas crianças.

A “Pintura do pijama com pantufas” não correu como eu tinha idealizado. As crianças queriam todas fazer ao mesmo tempo, depois as pantufas que trouxeram de casa eram novas e não velhas como tínhamos pedido aos pais, o que nos deixou meio reticentes, não queríamos estragar as pantufas. Acabamos por colocar uma pantufa em cada prato de tinta, em cada cor, e depois a criança escolhia a cor que queria e carimbava a pantufa. Por erro nosso, que pensamos que o espaço se poderia tornar pequeno para as crianças todas, não deixamos as crianças desfrutarem da atividade e do momento. Quando vi o pijama terminado fiquei um pouco desiludida pois afinal ainda havia tanto espaço para preencher, e tinha ficado tão bonito se tivesse sido todo pintado, mesmo que umas pinturas ficassem por cima das outras. Isto serviu-me para aprender com este nosso erro e para futuramente fazer as coisas de uma forma totalmente diferente.

Durante o dia ainda tivemos outras coisas que correram bem, mas que não foram ao encontro do que tínhamos planificado.

Inicialmente planejamos que iríamos tirar fotografias com a Milu antes do lanche mas, como as crianças tinham dança, após o lanche, decidimos tirar antes do almoço.

Também o objetivo do lanche ser diferente e as crianças comerem um bolo em formato de pijama, que iríamos mostrar no tapete e conversar um pouco com as crianças, também não pode acontecer pois, na hora do lanche já iriam existir dois bolos de aniversário, e com o nosso seriam três. Então optamos por mostrar o bolo do pijama às crianças no refeitório, à hora do almoço, e depois partimos o bolo e distribuímos pelas crianças. Penso que o que aconteceu aqui foram aspectos bons e que nos mostram que a planificação é flexível e que temos de facto que arranjar estratégias para que as coisas corram da melhor forma possível.

Em relação à proposta educativa do dia 22 de Novembro de 2012, penso que esta correu bastante bem, contudo foi um pouco demorada. Quando estávamos a chegar ao fim da atividade, as crianças já se mostravam um pouco saturadas. Contudo, nunca pensei que estas conseguissem estar tanto tempo concentradas e empenhadas, o que acabou até por acontecer, talvez por estarem constantemente a aparecer elementos novos e coisas novas para fazerem, experimentarem e aprenderem.

Em relação a esta atividade nunca pensamos, ao planificar, que esta se estendesse por tanto tempo, e isso para mim foi algo que me ajudou a pensar em como devo fazer futuramente, em outras situações.

Durante a tarde foram recolhidos, junto de algumas crianças, registos do que tínhamos estado a fazer, e foi bastante interessante perceber o que as crianças tinham sentido e apreendido daquela nova experiência.

A semana foi bastante boa, deu para ficar feliz com algumas coisas, na sua grande maioria, e também para aprender, enquanto futura educadora, com alguns pequenos erros que cometemos e que nos fazem pensar porque aconteceu assim e não de outra forma, como posso melhorar. Este estágio, a meu ver, serve para isto mesmo, para experimentar, acertar, errar e aprender com os meus erros, e desta forma, mesmo não conseguindo nunca que eles se dissipem, conseguir que cada vez sejam menos frequentes. Todos nós erramos e ninguém é perfeito, estamos sempre, todos os dias, a aprender, e mesmo um dia quando já tiver muitos anos de experiência sei que irei estar na mesma a errar e a aprender.

## **Anexo V – Reflexão 10 de 1.º Ciclo I**

### **Reflexão crítica e fundamentada**

**De 13 a 15 de Maio de 2013**

A presente reflexão refere-se à minha semana de intervenção no âmbito da Prática Pedagógica em 1º ciclo do Ensino Básico, que decorreu durante os dias 13, 14 e 15 de Maio de 2013.

Para a presente semana foi por mim realizada uma planificação onde constam todas as áreas e conteúdos a ser trabalhados, ao longo destes dias. Para trabalhar estes conteúdos defini alguns objectivos, atividades e estratégias.

Esta foi para mim, sem dúvida, a semana que correu melhor e em que mais me senti realizada.

Ao longo destes dias existiram conteúdos que estiveram sempre presentes e que foram trabalhados durante toda a minha intervenção, tais como o dinheiro e as sílabas.

No dia 13 de Maio comecei por fazer uma breve contextualização histórica sobre a origem e evolução do dinheiro. Para isso recorri a imagens acompanhadas de uma breve explicação. Para que os alunos pudessem ter contacto com esta realidade levei um saco com uma moeda e uma nota de cada, para cada aluno, este era claro dinheiro falso, mas que ajudava perfeitamente a que tivessem a noção de como é o nosso dinheiro atual. Os alunos adoraram poder mexer no dinheiro e observa-lo, ouvindo-se comentários como: “Estou rico.”, “Com este dinheiro todo vou ao Hawai.”, “Podemos ficar com este dinheiro para nós?” “Tenho cinco notas iguais a esta no meu mealheiro.”, foi fantástico e muito bom de ver a inocência destes alunos, que ainda não têm a verdadeira noção do valor do dinheiro, nem de quanto custa uma viagem ao Hawai.

Após o intervalo do dia 13, as mesas da sala saíram do seu habitual lugar e assim permaneceram até ao final do dia. Os alunos e eu sentámo-nos no chão e foi aí que trabalhamos. Em grande grupo foi feita a leitura e análise de um poema, depois foi recordado o que eram monossílabos e dissílabos, e com os sons do nosso corpo, descobrimos quais as palavras do poema que eram monossilábicas ou dissilábicas. Esta atividade correu muito bem, os alunos estiveram muito empenhados, todos os sons à nossa volta se dissiparam e apenas se ouviam os sons do corpo coordenados. Para finalizar este dia, os alunos reuniram-se em grande grupo e fizemos algumas experiências com ar, os alunos adoraram as experiências todas, mas principalmente a do avião a jato, em que um avião de papel, com um balão colado na parte inferior, levantou voo. Este mesmo conteúdo envolveu ainda a área de expressão plástica pois, os alunos fizeram um moinho de papel.

Relativamente a este dia os comentários foram bastante positivos mas posso destacar um comentário, que penso traduzir o que de facto aconteceu neste dia que foi: “Eu reparei que eu aprendi da forma mais fácil” e “Aprendi brincando.” São estes comentários que nos mostram de facto se o nosso trabalho teve ou não sucesso.

Através destas atividades pude verificar como as expressões se articulam perfeitamente com todas as restantes áreas, e isso não só aconteceu neste dia como também ao longo de toda a semana. Todas estas atividades foram trabalhadas sempre em grupo.

O dia de terça-feira, começou com as sílabas, dando-se assim continuidade ao trabalho realizado no dia anterior, desta forma, os alunos através de um texto relembrou os trissílabos e os polissílabos, estes empenharam-se na tarefa proposta e procuraram de forma entusiasmada palavras trissilábicas e polissilábicas, palavras essas que fui registando no quando. No final verificamos se estas estavam corretas ou não, batendo com o corpo o número de sílabas. A leitura deste texto foi feita em coro, estando os alunos divididos em 4 grupos. Para isso num momento inicial os alunos treinaram a leitura e só quando se sentiram preparados é que apresentaram a sua leitura à turma.

Mais uma vez, neste dia, a sala tomou uma nova forma, as mesas saíram do lugar e a sala passou a ser um supermercado com vendedores, clientes e como os alunos diziam “o caixa”. O objetivo desta atividade era que todos alunos fossem vendedores e clientes e realizassem compra e venda de produtos e fizessem

contas, percebendo quanto custavam os produtos e se tinham ou não dinheiro para os comprar. Quando preparei esta atividade criei um esquema, para que todos os alunos fossem clientes, vendedores e estivessem na caixa, mas o tempo foi muito pouco e passou depressa. Desta forma apenas consegui que todos os alunos fossem clientes e realizassem contagens com dinheiro. Em relação à caixa, só alguns alunos é que tiveram essa oportunidade, tendo os restantes ficado a questionar-me quando é que seriam na caixa. Para mim isso deixou-me triste pois tive que lhes dizer que não ia poder ser porque não havia tempo. Sei que os alunos gostaram desta atividade, a que eles deram o nome de “Jogo do Supermercado”, pois perguntaram-me quando íamos repetir, o que significa que foi uma boa experiência. Esta atividade envolvia ainda o jogo dramático, em que através de um tema, escrito num papel, os alunos teriam que inventar/improvisar uma história que se tinha passado no supermercado. Esta foi a atividade que correu menos bem. Os alunos, na sua grande maioria, não fizeram o que era pretendido e para além disso estavam bastante intimidados, acabando por falar muito baixo quando estavam a representar, não se conseguindo perceber o que estava a acontecer. Dos três grupos constituídos, apenas um dos grupos fez o que de facto tinha sido pedido. Penso que a atividade poderia ter corrido melhor se estes tivessem algo mais concreto para trabalharem. Outro aspeto que penso ter condicionado esta atividade é o facto de os alunos não estarem muito habituados a este tipo de experiências. Segundo Isabel Kowalski, (2005, p.49):

O jogo dramático é concretizado em grupo tendo cada pessoa a responsabilidade de interpretar personagens que fazem parte da representação de situações, improvisando. Os “actores” vão construindo a ação, interagindo uns com os outros, definindo factos em estreita ligação com o conflito que poderá estar, ou não, previamente definido. Integrando a informação que possuem, usam elementos da linguagem teatral para expressar e comunicar o modo de ver e imaginar as personagens que interpretam, as suas razões, as suas maneiras de pensar, sentir e reagir.

Sobre o jogo dramático, Isabel Kowalski, (2005, p.49) diz ainda que:

Quando os participantes se dividem em pequenos grupos, todos com a responsabilidade de representar a situação problemática proposta, os “espetadores” não conhecem as soluções que irão ser postas em cena, as soluções criadas pelos outros grupos, o que valoriza o elemento surpresa, assim como a cumplicidade. Cada grupo actua não só com a intenção de ser entendido, mas também de apresentar soluções inesperadas.

Em relação ao dia 15 de Maio de 2013, este já foi um dia um pouco mais calmo. Inicialmente os alunos estiveram a resolver um conjunto de problemas que envolviam dinheiro, ao mesmo tempo que eu lhes ia tirando dúvidas. Já em português, lemos um texto, a que os alunos acharam bastante piada, o texto chamava-se “Adjetivite” e ao longo destes existiam muitos adjetivos escritos, sendo este o conteúdo que ia trabalhar com eles nesse dia. Penso que escolhi bem o texto pois desta forma os alunos depressa se aperceberam da presença de adjetivos e o que eram adjetivos. A juntar a esta atividade os alunos tiveram que dizer um adjetivo próprio de cada um deles, e foi muito interessante ver a sinceridade destes quando escolheram um adjetivo que os caracterizasse, tais como, irritante, chato, bom, mau, louro, olhos castanhos, amigo...

Esta foi uma semana diferente, e ver os alunos tão envolvidos nas atividades propostas, fez com que me sentisse muito bem e apesar do cansaço que é cada vez maior, e que faz com que muitas vezes não esteja por inteiro nas atividades, ajudou-me bastante e fez-me sentir bem e feliz.

## Anexo VI – Reflexão 4 de 1.º Ciclo I

### Reflexão Crítica e Fundamentada

Dias 02 e 03 de Abril de 2013

Durante os dias 02 e 03 de Abril decorreu a minha 4ª semana de intervenção em contexto de 1º Ciclo, mais precisamente com uma turma de 2º ano de escolaridade.

Estes foram os primeiros dias em que estive a atuar como Professora, trabalhando conteúdos correspondentes às diferentes áreas.

A nossa atuação, enquanto Professoras baseia-se num plano pré-estabelecido, mas que muitas vezes não é seguido na sua íntegra, servindo apenas como uma linha de orientação, um fio condutor, susceptível de ser alterado a qualquer momento, de acordo com necessidades, interesses, dúvidas dos alunos em questão. Desta forma, é fundamental que este seja um plano adequado e flexível. Mas isto não significa de modo algum que se perca o fio condutor que existe numa planificação. Esta deve permitir ao Professor inserir novos elementos, mudar de rumo, se o exigirem as necessidades e/ou interesses do momento. *“É de necessário salientar que o facto de se elaborar um plano é tão importante quanto é importante ser-se capaz de o pôr de lado. Uma aula deve “acontecer”, ser viva e dinâmica, onde a trama complexa de inter-relações humanas, a diversidade de interesses e características dos alunos não pretende ser um decalque do que está no papel.”*

(Fonte: <http://www.prof2000.pt/USERS/folhalcino/formar/outros/planifica.htm>)

O plano por mim estabelecido para esta semana, serviu-me disso mesmo, de fio condutor, mas que eu senti necessidade de alterar, de acordo com o desenrolar das aulas, sendo preciso, por vezes, não seguir o “caminho” pré-estabelecido, enveredando por exemplos e caminhos diferentes dos pretendidos. Também algumas sugestões, por parte da orientadora cooperante, fizeram com que introduzisse alterações a esse mesmo plano, por ser de facto mais proveitoso para a aquisição de conteúdos por parte dos alunos. Ainda durante esta semana, existiu um contratempo, em relação aos materiais preparados para a aula de Matemática, a ficha de consolidação de conhecimentos, que também levou a uma outra alteração ao planificado, daí que a planificação seja flexível e passível a mudanças.

As alterações por mim introduzidas, nestes dois dias foram: “Registo de duas frases no quadro que envolva o grau dos nomes.” Este foi um dos pontos por mim alterados, em que senti necessidade de não só registar estas duas frases, como também outras frases, para que os alunos adquirissem e revissem melhor os seus conhecimentos. Contudo, nesta situação teria aprofundado mais e teria explicado às crianças, não só o que é o grau, grau normal, aumentativo e diminutivo, como também lhes teria explicado que existem palavras que quando colocadas no grau aumentativo ou diminutivo, seguem uma regra diferente de formação, não sendo a terminação em ...ão ou ...inho, o que senti que tinha faltado, reparando que num dos exercícios da ficha de consolidação de conhecimentos, existiam casos desta exceção à regra, como por exemplo: boca, que no grau aumentativo seria bocarra. Ainda relativamente a este ponto, fiquei bastante surpreendida por os alunos, na sua grande maioria, terem acertado na resposta.

Um outro aspeto, em que também não segui o planificado foi na forma como lecionei o conteúdo de Português no dia 03 de Abril de 2013. O que constava no meu plano era “Inicialmente será colocada a imagem de um Pescador no quadro. Depois serão mostradas algumas palavras como mar e barco que estão relacionadas com pescador, para além dessas, outras serão mostradas, que causem alguma confusão como mangueira por exemplo, destas teriam que me dizer as que se relacionam com pescador. Depois explicarei o que é uma família de palavras e juntos, utilizando a mesma estratégia, descobriremos a família de palavras de mar e barco, à medida que vamos dizendo as palavras vão sendo afixadas no quadro. Quanto à área vocabular, também irei explicar o conceito recorrendo a exemplos. Por fim, estará então construído no quadro um esquema explicativo destes dois conteúdos. Para terminar os alunos farão uma pequena ficha de consolidação de conhecimentos e respectiva correcção.”. Em relação a este conteúdo, foi-me feita uma outra sugestão, diferente do planificado, pela Professora Cooperante. Esta alteração levou-me a encetar um diálogo com os alunos, para que fossem estes a chegar às palavras que eu tinha, como que a contar uma história, em que esta ia sendo construída e afixada no quadro. No final foi explicado o que era uma família de palavras, a área vocabular e respectivas diferenças. Como estes são

dois conteúdos que se tornam um pouco confusos para as crianças, senti também necessidade de lhes dar novos exemplos.

Ainda neste mesmo dia existiu um contratempo em que, devido à avaria da fotocopiadora, fiquei sem materiais para a aula de matemática, o que me deixou um pouco nervosa, pois não estava à espera desta situação. Com recurso a exemplos que constavam na ficha de consolidação de conhecimentos, trabalhei todos os conteúdos oralmente, com toda a turma, resolvemos problemas e exercícios, desenvolvendo o cálculo mental. *“A importância do cálculo mental torna-se evidente no dia-a-dia de cada um, quanto mais não seja, se pretendemos fazer compras ou efectuar as mais diversificadas relações entre grandezas e/ou equivalências que dispensam, por comodidade, o cálculo escrito. O próprio domínio do algoritmo é tanto mais fácil quanto maior for a capacidade de cálculo mental.”*

(Fonte: [http://educamat.ese.ipcb.pt/0607/images/PDF/Mater\\_1C/calculo\\_mental.pdf](http://educamat.ese.ipcb.pt/0607/images/PDF/Mater_1C/calculo_mental.pdf))

Esta aula, tornou-se bastante mais interessante pois acabou por ser uma aula de grupo em que todos participavam e pensavam juntos.

Em relação à área das expressões também, no decorrer dos Jogos de Apresentação, fui introduzindo novas vertentes, diferentes do planificado, e que correram bastante bem, tais como, dizerem o seu nome ou o nome do colega com um tom de voz normal, mais fino, mais grosso, experimentando assim maneiras diferentes de produzir sons utilizando a própria voz existindo um feedback bastante positivo por parte das crianças. Também em relação ao jogo de apresentação das profissões, não só mimaram a profissão que querem exercer futuramente como outras, o que acabou por os envolver e tornar a actividade interessante e desinibidora.

Segundo as Orientações Curriculares e Programas Ensino Básico – 1º Ciclo, *“As actividades de exploração do corpo, da voz, do espaço, de objectos, são momentos de enriquecimento das experiências que as crianças, espontaneamente, fazem nos seus jogos.*

*A exploração de situações imaginárias, a partir de temas sugeridos pelos alunos ou propostos pelo professor, dará oportunidade a que a criança, pela vivência de diferentes papéis, se reconheça melhor e entenda melhor o outro.*

*Os jogos dramáticos permitirão que os alunos desenvolvam progressivamente as possibilidades expressivas do corpo — unindo a intencionalidade do gesto e/ou a palavra, à expressão, de um sentimento, ideia ou emoção. Nos jogos dramáticos as crianças desenvolvem acções ligadas a uma história ou a uma personagem que as colocam perante problemas a resolver: problemas de observação, de equilíbrio, de controlo emocional, de afirmação individual, de integração no grupo, de desenvolvimento de uma ideia, de progressão na Acção (...).”*

*“A variedade e a riqueza de sugestões, a nível do imaginário, devem ser características das situações propostas para explorar as possibilidades expressivas do corpo.*

*Através de jogos de imaginação, todos do agrado das crianças, deverão ser vivenciadas diferentes formas e atitudes corporais assim como maneiras pessoais de desenvolver um movimento.”*

A área em que os alunos demonstraram mais dificuldade foi no Português, conseguir distinguir família de palavras de área vocabular, solicitando que voltasse a explicar. Já a actividade em que verifiquei menos dificuldade foi na construção da tabuada da multiplicação por 6 pois, rapidamente, perceberam a forma como esta se formava e que existiam resultados, da mesma tabuada, que estavam contidos nas tabuadas já trabalhadas.

O domínio de intervenção, onde senti mais dificuldades foi na área da Língua Portuguesa, ao trabalhar o grau dos nomes por ser uma matéria em que exigia conhecimentos aprofundados.

A área onde senti menos dificuldade foi na Matemática, pois esta é onde me sinto segura tornando-se mais fácil exprimir ideias, transmitir conhecimentos e informações aos alunos.

Em relação a todos os conteúdos que trabalhei senti necessidade de os aprofundar melhor. Apesar de serem conhecimentos que tinha, penso ser fundamental rever matéria, conceitos, arranjar termos adequados e formas de explicar, que sejam coerentes e fáceis para a sua compreensão. Para mim, é imprescindível fazer sempre uma revisão para que não cometa, nem exista, nenhuma lacuna nas ideias que transmito aos alunos.

Senti que fiz progressos na minha atuação, embora um pouco insegura mas à medida que ia trabalhando os vários conteúdos percebia que havia receptividade por parte dos alunos.

Um aspeto que preciso de melhorar é a forma como coloco a minha voz e como me expresso corporalmente.

Sinto-me bem neste papel de Professora, e penso que isso é fundamental. Mas também me sinto muito bem neste papel de aluna em que ainda tanto tenho para aprender.

## **Anexo VII – Reflexão 12 de 1.º Ciclo I**

### **Reflexão crítica e fundamentada**

**De 27 a 29 de Maio de 2013**

A presente reflexão refere-se à semana de intervenção da minha colega de estágio, onde assumi o papel de observadora, sendo esta reflexão realizada no âmbito da Prática Pedagógica II em 1º Ciclo do Ensino Básico, prática essa que decorreu durante os dias 27, 28 e 29 de Maio de 2013.

Para a presente semana foi elaborada, pela minha colega de prática, uma planificação diária, através da qual me focarei para refletir sobre o trabalho e atividades desenvolvidas.

Em relação à área de Português, o conteúdo abordado esta semana foi a planificação de textos partindo de um esquema, inicialmente construído pelos alunos, acerca dos animais. Penso que estas atividades correram bem, tendo os alunos percebido a atividade e construído um esquema interessante, bem como diversos textos também estes interessantes. Em relação a esta área, quando foi construído o esquema, achei que este seria demasiado complexo, pois existia muita informação que os alunos teriam que utilizar, e tive algumas dúvidas se iriam conseguir construir um texto com toda aquela informação, mas na realidade os alunos conseguiram bastante bem.

Quanto à área de Matemática, durante estes dois dias foram trabalhados, com os alunos, dois diagramas, o de Venn e o de Carrol. Para trabalhar estes conteúdos a minha colega começou por desenvolver atividades com os alunos e só no final é que lhes disse qual o nome que se dava a estes diagramas que construíram. Esse aspeto foi bastante positivo pois, os alunos conseguiram mais facilmente perceber o que tinham estado a fazer e como se organizava a informação neste tipo de diagramas. Para estas atividades todos os alunos estiveram envolvidos, tendo cada um a oportunidade de participar nas mesmas, indo ao quadro e ajudando a construí-los. Ainda num terceiro momento os alunos puderam consolidar conhecimentos através de uma ficha de trabalho, tendo estes exercícios sido fundamentais para os alunos verificarem se o que tinham ou não percebido podendo ao mesmo tempo tirar dúvidas.

Em relação ao tirar dúvidas, este é um aspeto que tenho verificado empenho por parte da Joana pois, sempre que os alunos estão a resolver exercícios, ela coloca-se junto dos alunos com mais dificuldades e explica-lhe os mesmos, não descuidando contudo os outros alunos e sempre que algum tem alguma dúvida esta está disponível para lhe explicar.

Quanto ao Estudo do Meio o conteúdo a ser trabalhado era a utilização de alguns materiais do nosso dia-a-dia, com os quais devemos ter alguns cuidados na forma como os manuseamos para não os partirmos nem se magoarmos. Para isso foram focados alguns objetos e cuidados na utilização dos mesmos. A abordagem a este conteúdo foi um pouco “pobre”, penso que se poderia ter dado a volta a esta temática e ter trabalhado aqui a Expressão Dramática transversalmente ao Estudo do Meio. Utilizando os materiais disponíveis, os alunos poderiam ter criado situações em que simulavam que estavam a utilizar esses objetos e os partiam ou se magoavam, ou quando iam para o utilizar de uma forma errada chegava alguém que o alertava para a forma correta de como o deveria utilizar, ou até mesmo podiam dar outras características imaginárias a esses objetos, ou seja, dar outra dinâmica a este conteúdo e não ser só um debitar de matéria com consolidação através de uma ficha de trabalho no dia seguinte, que foi o que acabou por acontecer. Segundo Jean Claude Landier e Gisèle Barret, (1994, p.25):

Ainda que as utilizações de objectos permitam uma infinidade de jogos, podem-se identificar algumas práticas frequentes e alguns encadeamentos lógicos, simples, progressivos.

Quer se trate de objetos individuais (...) ou de objetos coletivos (...) pode-se começar por manipular o objeto, por desloca-lo e examiná-lo, explorá-lo.

(...)

Depois, pode-se dar outra finalidade ao objeto, mesmo mantendo-lhe a forma, adaptar o objecto interpretando um papel relacionado com a sua transformação, personalizar o objecto (...)

Desta forma, e tendo nós durante estes dias que ensaiar os alunos, para a festa de final de ano, teria sido trabalhada aqui a Expressão Dramática.

Na Expressão Dramática, esta apenas teve lugar durante um dia da semana em que, juntamente com Português, os alunos realizaram um jogo de sílabas, semelhante ao que eu já havia trabalhado com eles anteriormente, mas desta vez batendo as sílabas com os sons do corpo mas com ritmos diferentes. Os alunos gostaram muito e estiveram bastante empenhados. Este tipo de atividades foca a atenção dos alunos, ajuda-os a perceberem melhor os conteúdos trabalhados e de uma forma simples, tal como um aluno me disse uma vez “Eu aprendi da forma mais fácil, brincando.”

A Expressão Dramática tem esta característica fabulosa que é permitir-nos trabalhar todas as áreas transversalmente e ajudando os alunos a adquirirem mais rapidamente os conteúdos, de uma forma estimulante e cativante, do que simplesmente ouvirem debitar matéria e realizarem fichas de consolidação de conhecimentos.

Segundo, Maria Lopes, tem que existir uma “ (...) ruptura com uma lógica curricular disciplinar e a um conceito de escola que não se limita ao espaço restrito da sala de aula.” (2001, p.137)

Ainda segundo esta mesma autora, “(...) as expressões artísticas são, não só facilitadoras de projetos que transcendem as fronteiras entre disciplinas, mas também proporcionadoras de momentos de partilha com a comunidade (...)” (2001, p.137)

Maria Lopes, citando I. Kowalski, diz-nos que “Se identificarmos os elementos da linguagem teatral e, adoptando o esquema organizativo de I. Kowalski (2005:18), os relacionarmos com outras áreas do conhecimento, facilmente veremos os pontos de ligação entre as diferentes áreas do saber para o Ensino Básico (...)” (2001, p.139).

## **Anexo VIII – Reflexão 1 de 1.º Ciclo II**

### **Reflexão 1.ª, 2.ª e 3.ª Semana de Prática Pedagógica 1.º Ciclo do Ensino Básico II Dias 24 e 30 de Setembro de 2013 e 01, 07 e 08 de Outubro de 2013**

A presente reflexão refere-se à 1.ª, 2.ª e 3.ª semana de Prática Pedagógica II, 1º Ciclo do Ensino Básico, sendo realizada no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada, tendo esta decorrido com uma turma de 4º ano na E.B. 1 de Marrazes, onde irei permanecer algumas semanas.

Ao longo da 1.ª semana, tive a oportunidade de vivenciar experiências no âmbito das metodologias de ensino e de aprendizagem utilizadas neste contexto.

Esta semana, à semelhança dos semestres anteriores, e também da 2.ª semana, destinava-se à observação e recolha de dados com a finalidade de caracterizar a escola, o meio em que está inserida, bem como o grupo de crianças.

Durante este primeiro dia de observação tentei conhecer um pouco os alunos, qual o seu nome, idades, o nível em que cada um se encontra em termos curriculares, bem como o meio familiar em que vivem. Para isso, num primeiro momento, a Professora Cooperante, juntamente com os alunos, fizeram a sua apresentação.

Também neste mesmo dia a Professora Cooperante falou-nos um pouco sobre a escola, tendo-nos feito uma visita guiada às instalações da mesma.

Inicialmente estava na expectativa de qual seria o ano em que iria realizar esta nova prática, com quantos alunos e qual seria a escola. Desta forma, no dia 23 de Setembro de 2013 foram-me dados a conhecer todos esses dados e fiquei bastante contente e tranquilizada pois, tinha algum receio de ficar longe de casa.

Quanto ao grupo de crianças e Professora Cooperante, existe sempre um receio de como será, como iria ser recebida, mas tudo correu bem, os alunos e professora foram bastante simpáticos e acolhedores.

Em relação à turma sei que se trata de uma turma desafiadora pois, existem alunos que estão num grau bastante elevado e outros que nem tanto. Para isso terei que ser bastante criativa e arranjar metodologias e estratégias de ensino adequadas para que nada seja deixado ao acaso.

Também a existência de crianças com NEE me assusta um pouco visto nunca ter tido a oportunidade de trabalhar com essas crianças. Para mim este será um grande desafio e sei que irei adorar trabalhar com estas crianças.

A Professora Cooperante colocou-se sempre à nossa disposição para a questionarmos sobre tudo o que necessitássemos, tendo sido relativamente fácil colocar-lhe questões e recolher os dados de que necessitávamos.

Durante este dia tentei também observar a forma como decorriam as aulas, percebendo como funcionam e os métodos e estratégias utilizados.

A primeira semana de prática foi muito reduzida, com apenas um dia, mas o qual tentei aproveitar ao máximo e recolher o maior número possível de informação de que necessito para caracterizar a escola, a sala, o meio e as crianças.

Quanto à escola, meio e sala penso ter recolhido durante este dia, toda a informação necessária contudo, apenas consegui recolher mais dados acerca dos alunos nas duas semanas seguintes.

Em relação à 2.ª e 3.ª semana, estas tinham como finalidade continuar a fazer observação e recolha de dados, bem como cooperar com a professora titular da turma.

Ao longo destes dias tentei focar-me mais nos alunos e no relacionamento com os mesmos e com os outros intervenientes.

Segundo Estrela, a observação desempenha “ (...) um papel fulcral em toda a metodologia experimental (...) ” “ (...) o campo e as unidades da observação dependerão dos projectos (...) ” que nós temos, neste caso, a caracterização do meio, da escola, da sala, dos alunos bem como da própria prática pedagógica em si. (1994,p.29)

Sinto que ao longo destes dias tentei recolher alguns dados e informações, mas com a noção de que muitos ficaram por recolher e que existiram certamente muitos aspetos relevantes, a que não dei a devida atenção.

Ainda segundo Estrela, a “Observação espontânea, não requerendo treino prévio do observador, deixa o estagiário entregue a si próprio: às suas projecções, aos seus fantasmas, aos seus quadros conceptuais mais ou menos limitados e limitadores.” (op. cit.: 57)

Em relação aos alunos pude constatar que existem bastantes discrepâncias no nível do conhecimento que estes possuem. Existem alunos com um excelente raciocínio e que facilmente conseguem “dar resposta” ao que é pretendido e que estão bastante atentos e concentrados em relação ao que se passa em sala de aula participando de uma forma bastante empenhada e certos do que estão a dizer, mostrando-se confiantes.

Contudo, também o inverso se pode verificar. Existem alunos que não participam nas aulas tentando por vezes passar despercebidos para que nenhuma questão lhes seja colocada.

É notável a diferença de interesse e motivação entre os vários alunos, o que faz com que a turma seja muito heterogénea contudo, cada aluno é um aluno com as suas capacidades, dificuldades e ritmo. Segundo as Organizações Curriculares e Programas do 1º ciclo do Ensino Básico “O ritmo de aprendizagem dos alunos e a avaliação contínua dos níveis de progressão serão os indicadores e os reguladores do processo de aprendizagem (2004, p. 136)

A aprendizagem só existe se existir motivação por parte dos alunos. Segundo Tavares, “A motivação é, pois, um factor determinante no processo de aprendizagem, e, sem que o educando esteja motivado, sem que ele esteja disposto a realizar esforços para receber conhecimentos, o trabalho escolar não poderá ser positivo. Bruno Ciari diz ainda que “A motivação (...) deve ser, primeiro que tudo, dos alunos. Não se pode tomar abstractamente uma classe, preparar um plano anual com uma série de investigações e de explorações, prescindindo dos interesses e das motivações que nos alunos virão a manifestar-se. (1979, p. 67)

Na sala de aula os alunos com mais dificuldades estão todos juntos o que permite ao professor proporcionar aos alunos um apoio mais individual enquanto os restantes alunos vão realizando outras actividades.

Estas diferenças de grau de desenvolvimento dos alunos poderão dever-se ao facto de alguns desses alunos ter algum tipo de NEE pois, existem alunos com dislexia, problemas de visão e ainda problemas de concentração. Também ainda alguns outros alunos, que não estão sinalizados com NEE, já foram encaminhados para os psicólogos por forma a se conseguir perceber melhor o que se passa e assim poderem ser ajudados de uma forma mais eficiente.

Nós, enquanto futuras professoras devemos tentar “ (...) compreender as razões que levam uma criança a se desempenhar pior em determinada tarefa cognitiva que as crianças normais, devemos conhecer de maneira clara o que está envolvido na realização satisfatória da tarefa em questão, e então usar esta compreensão para analisar onde está o problema das crianças com dificuldades de aprendizagem.” (Dockrell & McShanr, 2000, p. 17)

A turma, na sua grande maioria, gosta de participar nas aulas, dando a sua opinião, o seu ponto de vista. Por vezes, acabam por colocar questões que parecem nada ter que ver com o que se está a trabalhar mas que quando explicado pelo aluno pode levar a que estas questões sejam aproveitadas para colocar os alunos a refletir sobre determinado assunto. Enquanto professores deveremos saber aproveitar tudo o que os alunos nos dizem para despertar nestes o querer saber mais e mais.

Também durante estes dias tive a oportunidade de colaborar com a professora cooperante na correção de alguns trabalhos de casa de matemática e português.

Em relação à matemática pude verificar que existe uma grande discrepância entre os alunos, repetindo-se o mesmo na área de português onde os alunos dão alguns erros ortográficos e tem dificuldades na leitura. Segundo as Metas Curriculares de Português do 4º ano de escolaridade, os alunos devem ser capazes de “Ler corretamente um máximo de 95 palavras por minuto de uma lista de palavras de um texto, apresentados quase aleatoriamente.” Estas referem ainda que, os alunos devem ser capazes de “Ler um

texto com articulação e entoação corretas e uma velocidade de leitura de, no mínimo, 125 palavras por minuto.” (2012, p. 31)

Quanto à área de estudo do meio, tivemos a oportunidade de fazer a correção das fichas de verificação de conhecimentos. Nestas, deparamo-nos com a confirmação do que havíamos observado ao longo destes dias pois, tivemos alunos com excelentes notas, outros medianos e alguns muito fracos, onde se pode verificar talvez alguma falta de estudo, de atenção nas aulas e de compreensão dos mesmos.

Para além desta cooperação tivemos ainda a oportunidade de trabalhar com os alunos os múltiplos de um número natural, a pedido da professora, resolvendo em grande grupo, com os alunos, alguns exercícios sobre este conteúdo. Quando a professora nos questionou se queríamos ser nós a trabalhar este conteúdo senti-me um pouco nervosa mas bastante contente por me ser dada esta oportunidade pois, não tinha nada planificado nem preparado, tendo que improvisar.

Apesar de ter achado que correu bem senti algumas dificuldades pois, como a turma é muito heterogénea tive uma grande preocupação em que todos os alunos participassem na resolução dos exercícios, o que mais uma vez fez com que verificasse as várias dificuldades de alguns alunos.

Durante esta aula, os alunos que já adquiriram determinados conteúdos e competências estiveram sempre a participar e a querer dar a resposta e as explicações para tudo, falando, muitas das vezes, todos ao mesmo tempo, sendo bastante complicado gerir os 17 alunos da turma.

Já os alunos com mais dificuldades tentaram o tempo todo passar o que ia sendo escrito no quadro para o caderno mas acabando por não ouvirem a explicação e as estratégias utilizadas. Para contrariar essa tendência, tentei ouvir os alunos que queriam participar mas antes tentei levar a que os alunos com mais dificuldades também pensassem e chegassem a uma resposta, percebendo o conteúdo que estava a ser trabalhado e as estratégias que podiam utilizar fazendo simultaneamente com que perdessem a preocupação em passar tudo para o caderno. Para que isso acontecesse expliquei-lhes que preferia que estivessem com atenção e percebessem tudo e que no final lhes daria algum tempo para registarem.

A aula levou algum tempo e apenas foi realizada parte da ficha, mas penso ser importante que todos os alunos percebam o que se está a trabalhar e se ajudem uns aos outros.

Ainda durante estes dias, e para ajudar na caracterização dos alunos, decidimos elaborar um questionário individual onde os alunos falaram um pouco sobre si, o que nos vai permitir fazer uma caracterização mais completa e fidedigna, dos alunos.

Ainda no horário das expressões, e tendo em conta que esta ainda não era a nossa semana de intervenção mas apenas de cooperação pedimos à professora da turma para fazer um jogo sobre a entrevista de forma a introduzirmos o conteúdo que irá ser trabalhado na próxima semana na área de estudo do meio – passado do meio local – com o objetivo de os alunos recolherem alguns dados, junto dos seus familiares ou vizinhos, sobre o passado do meio local próximo. Para esta atividade os alunos inicialmente formaram grupos de dois e colocaram duas questões ao seu colega e de seguida partilharam essa informação com a restante turma. Quando finalizamos o jogo explicamos aos alunos qual a intenção da realização daquela atividade.

Todos juntos elaboramos as questões, que os alunos registaram numa folha previamente preparada, e que levaram para casa para recolherem os dados necessários e que serão trabalhados na próxima semana. Decidimos fazer este jogo e este questionário em grupo pois consideramos que “ (...) é preciso partir daquilo que «ferve nas ideias» dos próprios alunos. (Ciari, 1979, p. 67) e que se deve “ (...) valorizar ao máximo toda e qualquer descoberta das crianças, por pequena que seja.” (op. cit.: 108)

“(…) o trabalho em equipa tem uma influência benéfica sobre aqueles cuja sociabilização oferece maiores dificuldades.” Este pode e deve ser utilizado “(...) como método pedagógico activo que é (...)” permitindo ao aluno que se “(...) exprima livremente e portanto, com autenticidade.” (Salgado, p. 29)

A atividade no geral correu bem mas foi bastante complicado e cansativo pois, os alunos estavam muito entusiasmados, existindo muita confusão e barulho na sala, sendo para nós difícil perceber de onde vinha o barulho, dificultando assim a concentração dos alunos no trabalho que se estava a desenvolver pois, muitas vezes os alunos acham que as atividades de expressão dramática não passam de brincadeiras e que não estão a aprender nada aquando da realização destes jogos e que apenas aprendem nas restantes áreas do conhecimento.

Estes foram para mim dias muito bons e que me permitiram interagir com todos os intervenientes desta prática e conhecer melhor os alunos.

Sei que esta vai ser uma prática bastante trabalhosa e que será difícil, nos primeiros tempos, fazer com que os alunos percebam qual o meu papel naquela sala de aula.

## **Anexo IX – Reflexão 5 de 1.º Ciclo II**

### **Reflexão 5.ª Semana de Prática Pedagógica 1.º Ciclo do Ensino Básico II Dias 21 e 22 de Outubro de 2013**

A presente reflexão refere-se à 5.ª semana de Prática Pedagógica II, 1º Ciclo do Ensino Básico, sendo realizada no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada, tendo esta decorrido com uma turma de 4º ano na E.B. 1 de Marrazes.

Nesta semana assumiu o papel de aluna atuante.

Esta intervenção teve a duração de dois dias, tendo estes sido os dias 21 e 22 de Outubro de 2013.

Após a minha atuação e atendendo à planificação realizada, a presente reflexão servirá para enumerar algumas situações sobre alguns aspetos decorrentes destes dias.

Ao longo destes dois dias foram vários os conteúdos trabalhados. Para isso elaborei uma planificação onde tentei que todos os conteúdos estivessem interligados para que existisse um fio condutor para que tudo tivesse sentido. Para tornar isso possível recorri à área de Expressão Dramática pois “[...] reconhece-se como pressuposto basilar que a natureza interdisciplinar da linguagem teatral, como espaço de cruzamento de várias linguagens, é facilitadora da compreensão das relações existentes entre vários domínios do conhecimento.” (Lopes, 2011, p.13)

Num primeiro momento, a área trabalhada foi a Matemática, onde o conteúdo abordado foi as regularidades existentes no calendário. Para isso, de forma a não me focar apenas no manual, optei por reproduzir, em papel de cenário, dois calendários e trabalhar em grande grupo, onde foi possível discutirem-se diferentes ideias e perspetivas dos diversos alunos. Ainda como estratégia decidi criar um jogo com algumas regras em que, existiam duas equipas na turma e, sempre que eu levantava o braço esquerdo era a ala esquerda da sala que teria que responder, se não soubesse passava a palavra à outra equipa que estava à direita, e vice-versa. Desta maneira, todos os alunos estiveram bastante atentos e empenhados, trabalhando em grupo e participando. Esta estratégia permitiu-me assim suscitar maior interesse nos alunos, bem como conseguir que estes adquirissem os conteúdos pretendidos de uma forma mais proveitosa para todos.

Num segundo momento, quando trabalhamos a área de Português, o que tinha planificado era que em grande grupo iríamos descobrir o que eram palavras simples, palavras complexas e suas regras de formação, através do preenchimento de um esquema que preparei previamente. Esta parte da aula decorreu como planificado e à medida que íamos preenchendo o esquema fui sempre explicando algumas dúvidas que foram surgindo. Contudo, o que estava planificado de seguida já tinha sido feito pelos alunos. Desta forma, e como sugestão da professora cooperante, os alunos acabaram por fazer uma cópia do esquema para o seu caderno diário, para poderem utilizá-lo futuramente como recurso.

Durante o período da tarde, e dando seguimento ao que foi feito, foram realizadas algumas atividades de expressões, envolvendo a Expressão Musical, a Expressão Plástica e a Expressão Dramática, bem como os conteúdos trabalhados em Matemática e em Português.

No início, o que foi feito com os alunos, foram alguns jogos exploratórios. Aqui, com as palavras complexas e os dias do calendário, os alunos construíram uma pauta musical. Esta atividade correu muito bem, os alunos empenharam-se e mostraram-se entusiasmados contudo, no momento em que se reuniram em grupos começou a existir alguma excitação na sala, com muitas conversas paralelas, que nada tinham que ver com o que se estava a fazer.

Toda esta agitação penso ser normal pois, os alunos passam muito tempo do seu dia colados a uma cadeira e a uma mesa, acabando por extravasar as suas vontades quando quebram aquele que é o padrão normal de uma sala de aula em qualquer escola.

“A culpa é das cadeiras ... Ir à escola é estar sentado numa cadeira. É estar sentado em fila, com uma pequena mesa à frente. É estar sentado de costas para os colegas e a olhar para as costas de alguém.” (op. Cit.: 13)

Para mim foi bastante complicado gerir toda a confusão que se instalou na sala. Algumas vezes tentei chamá-los à razão impondo a minha voz, e outras vezes apenas fiquei em silêncio à espera de poder intervir. Quando finalmente me consegui fazer ouvir voltei a repetir o que era para fazer, pois alguns alunos não tinham estado atentos, partindo das sugestões dos alunos de como gostavam de dizer determinada palavra (tom de voz baixo, normal, alto) bem como que som gostariam de fazer com o corpo. Com esta paragem captei novamente a atenção de todos os alunos, conseguindo que todos participassem e realizassem a atividade de uma forma coordenada e sequencializada.

Partindo dos movimentos, dos sons, das palavras e dos números, passamos para a Expressão Plástica, onde cada aluno, de forma individual, atribuíram um determinado símbolo a cada palavra e assim criaram a sua própria pauta musical.

Até este momento, e apesar da confusão, que por vezes se instalou na sala, penso que correu tudo bem contudo, quando seguimos para a etapa seguinte, que eram os jogos dramáticos, a agitação aumentou e conseqüentemente o barulho e a confusão também, o que provocou a existência de alguns conflitos entre alunos.

Como estratégia, para minimizar a agitação dentro do espaço sala de aula, optei por solicitar aos alunos que se levantassem grupo a grupo e fossem criando uma roda no chão, tendo resultado bem.

Quando todos estávamos em roda, começou a formar-se um conflito entre alguns alunos pois, estes não queriam estar perto de um dos alunos da turma, tendo sido para mim um pouco difícil fazer com que os alunos parassem de excluir o seu colega.

Quando os ânimos se acalmaram expliquei aos alunos a atividade e partindo das problemáticas que lhes levei para resolver, os alunos, em grupos, reuniram-se ficando dois grupos num espaço e dois noutra de forma a poderem trabalhar melhor. Os alunos reuniram-se e foi-lhes estipulado um prazo para decidirem o que iriam apresentar aos colegas mas, os alunos demoraram muito mais tempo do que aquele que lhes foi dado e apesar de serem muitas vezes alertados para isso não cumpriram na mesma.

Esta foi uma das maiores dificuldades com que me deparei pois, o tempo que tinha era muito pouco e torna-se complicado conseguir que tudo corra como planeado.

Sinto que, por vezes, os conteúdos e as atividades que planifico são demasiadas para o tempo reduzido que tenho para trabalhar. Para mim não faz sentido que tudo seja trabalhado a um ritmo acelerado com a preocupação de cumprir a planificação.

Penso que o mais importante é que as atividades sejam proveitosas para os alunos e é fundamental que se dê o tempo e espaço suficiente aos alunos, de que eles necessitam.

A atividade de dia 21 não fez qualquer sentido pois, estive constantemente a ir contra aquilo que acho correto apenas porque o tempo era pouco e as atividades tinham que ser realizadas.

Mas que sentido tem estar constantemente a alertar os alunos, quebrando o seu raciocínio, para o facto de já não haver tempo, e que é necessário avançar?

Que sentido faz os alunos prepararem uma coisa para apresentar aos colegas e que depois não podem apresentar na totalidade porque não há tempo?

O que aconteceu nesse dia foi isso mesmo. Os alunos tiveram que combinar tudo num instante, muitos nem chegaram a terminar, depois foram apresentar e não tiveram tempo para terminar, tudo isto ao mesmo tempo que os alunos, que estavam a assistir, acertavam alguns pormenores bem como outros discutiam porque ainda não tinham entrado em concordância no que iriam fazer. Nesta altura penso que seria necessário ter tido oportunidade de parar o que estava a ser feito, refletir-mos em conjunto e depois prosseguirmos então com a atividade.

Teria sido mais proveitoso para todos se isso tivesse sido feito mesmo que naquele dia só alguns grupos apresentassem e os outros apresentassem noutra dia e então no final iríamos poder fazer uma reflexão conjunta de todas as apresentações, contrapondo os diferentes pontos de vista, sendo então tudo realizado com lógica e com tempo pois, à semelhança do que se passou comigo, duvido que os alunos tenham conseguido perceber o que os colegas apresentaram e lhe tenham dado a devida importância.

Neste dia senti-me triste, desiludida e frustrada pois, para além de ter que ir contra os meus princípios e tudo aquilo que referi anteriormente, ainda tive que resolver alguns conflitos que se criaram entre elementos de alguns grupos, normais destas idades, e que merecem a devida atenção, ao mesmo tempo que lutava contra o relógio e uma planificação a cumprir.

Em relação ao dia 22, este já foi um dia bastante diferente, onde os alunos estiveram bastante mais empenhados, participando e querendo saber mais.

No período da manhã, na área de Estudo do Meio, os alunos ficaram fascinados com o documentário a que assistiram bem como com o Globo Terrestre, o Mapa-Mundo e com o Mapa da Europa.

Neste dia optei por dar tempo aos alunos para que pudessem observar os vários objetos/materiais disponíveis, pedindo para que estes, em pequenos grupos, se levantassem e fossem para junto de mim e descobrissem onde se localizava a Península Ibérica, indo-se depois sentar e dando assim lugar a outros colegas. É claro que a atividade levou mais tempo mas desta forma teve muito mais sentido do que se apenas sentados no lugar lhes fosse por mim indicado onde se localizava. É verdade que também não cumpro com o que tinha planificado e os alunos acabaram por não realizar a ficha do caderno de fichas mas, o que para mim importa é que os alunos tenham tirado proveito desta atividade.

Já no período da tarde exploramos um texto sobre os animais em vias de extinção, o que também correu muito bem, todos os alunos participaram, empenharam-se na tarefa que estávamos a desenvolver e tudo fez sentido para eles.

De seguida, todos os alunos tiveram a oportunidade de resolver as questões de interpretação do texto de forma individual. Mais uma vez, o tempo que tinham para responder às questões não foi suficiente para alguns alunos. Sei que deveria ter avançado para que conseguisse cumprir com a planificação mas penso que não é justo, nem correto, que alguns alunos resolvam e os restantes se limitem a registar as respostas no livro quando estas são corrigidas.

Devido a isso, o que tinha planificado, que seria os alunos escreverem um texto “colocando-se na pele” de um animal em vias de extinção, acabou por não ser possível de fazer em tempo de aula, tendo os alunos levado esse mesmo trabalho para fazerem em casa. Estas produções escritas servem para mostrar como é possível que os alunos se expressem através da escrita. “O estímulo para a escrita pode vir do hábito, que as crianças devem adquirir logo nos primeiros dias de escola, de contar ao professor e aos colegas as experiências que para eles têm valor e que merecem ser socializadas.” (Ciari, 1979, p. 217)

Penso que o balanço semanal foi positivo mas com alguns acontecimentos que me deixaram um pouco desanimada e desiludida com o desenrolar que estes dias tiveram.

Espero nas próximas semanas, em que esteja a atuar, conseguir gerir e planificar melhor o meu trabalho para que tudo seja mais significativo e proveitoso para mim mas principalmente para os alunos pois, é destes que as atividades devem surgir e é para os ajudar na busca das suas respostas que ali estou.

Segundo a metodologia da aprendizagem científica o professor deve começar “ [...] pelos sintomas de interesse que as crianças manifestam, passando pela selecção desses interesses (que deve ser feita pelo professor com base numa visão em perspectiva), até à elaboração do projecto de pesquisa e à sua realização.” (op. Cit.: 155)

A motivação “ [...] deve ser primeiro que tudo, dos alunos. Não se pode tomar abstractamente uma classe, preparar um plano anual com uma série de investigações e de explorações, prescindindo dos interesses e das motivações que nos alunos virão a manifestar-se.” (op. Cit.: 67)

## **Anexo X – Reflexão 9 de 1.º Ciclo II**

### **Reflexão 9.ª Semana de Prática Pedagógica 1.º Ciclo do Ensino Básico II Dias 18 e 19 de Novembro de 2013**

A presente reflexão refere-se à 9.ª semana de Prática Pedagógica II, 1º Ciclo do Ensino Básico, sendo realizada no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada, tendo esta decorrido com uma turma de 4º ano na E.B. 1 de Marrazes.

Nesta semana assumiu o papel de aluna atuante.

Esta intervenção teve a duração de dois dias, tendo estes sido os dias 18 e 19 de Novembro de 2013.

Após a minha atuação e atendendo à planificação realizada, a presente reflexão servirá para enumerar algumas situações sobre alguns aspetos decorrentes destes dias.

Ao longo destes dois dias foram vários os conteúdos trabalhados. Para isso elaborei uma planificação onde tentei que alguns conteúdos estivessem interligados para que existisse um fio condutor para que tudo fizesse sentido.

A planificação é então a transformação que eu e todos os professores fazemos ao currículo, ou seja, “O currículo, tal como é publicado, é transformado e adaptado pelo processo de planificação através de acrescentos, supressões, e interpretações e pelas decisões do professor sobre o ritmo, sequências e ênfase.” (Barata, s.d., s.p.)

A semana começou com a área de Matemática, com o conteúdo “Cálculo em Cadeia”.

De forma individual os alunos começaram por resolver as atividades propostas no manual de Matemática, tendo-se demonstrado bastante empenhados em resolver e em perceber.

Diversas vezes solicitaram que lhes explicasse o que era o cálculo em cadeia, tendo eu tentado apenas dar-lhes pistas e não a resposta aos exercícios para que os alunos desenvolvessem o seu raciocínio e aplicassem as suas estratégias pois, só desta forma poderiam encontrar as suas respostas e os seus métodos que de seguida iriam apresentar à turma.

Esta atividade correu muito bem, os alunos encontraram estratégias de resolução diversas, algumas que nem eu mesma havia descoberto tendo sido então bastante interessante ver os alunos a partilharem e a explicarem o que descobriram/fizeram.

Partindo destas mesmas explicações os alunos conseguiram perceber por si só o que era o cálculo em cadeia.

Inicialmente havia planificado que os alunos resolveriam tudo e só depois iríamos corrigir mas, como reparei que o tempo estava a passar optei por aproveitar que os alunos já tinham pelo menos encontrado uma estratégia para os dois primeiros exercícios começamos então por fazer a resolução destes, com a apresentação e discussão das diversas formas de resolução, o que facilitou aos alunos a conclusão dos restantes exercícios.

Já na terça-feira os alunos concluíram os exercícios do caderno de fichas onde pude apoiá-los nas suas dúvidas tendo feito esta atividade com o apoio da professora que faz coadjuvação neste dia. Então corrigimos mais alguns exercícios onde todos os alunos, sem saírem do seu lugar, foram dizendo cada um a resolução de um exercício e qual a estratégia que utilizou. Desta maneira, questionando aluno a aluno fomos percebendo quais as dúvidas de cada um em relação a este conteúdo até que estas se dissiparam por completo.

Quanto à área de Português, esta semana trabalhamos um texto dramático, “O Adamastor” tendo sido este o alicerce para diversas atividades.

Para isso, optei por questionar inicialmente os alunos se sabiam quem era o Adamastor e se já tinham ouvido falar deste.

Na realidade os alunos nunca tinham ouvido falar neste mas tentaram, partindo deste nome, dizer quem ele era e qual o seu aspeto. A imaginação começou a fluir e apesar de muitos terem estado distantes da verdadeira conceção de Adamastor outros começaram a aproximar-se da realidade. Neste momento achei pertinente fazer a leitura do texto tendo desta forma conseguido clarificar a ideia aos alunos de quem era este ser.

Partindo desta leitura, pedi aos alunos que numa folha branca desenhassem “O Adamastor” tal como o imaginavam tendo sido diversos os resultados pois, enquanto uns desenharam seres abstratos outros associaram-no a um ser humano, onde foi possível então observar diferentes níveis de criatividade e de imaginação bem como as diferentes percepções que têm de monstros míticos.

Apesar de não planificado, em conversa com os restantes intervenientes da minha prática, achamos que seria interessante que os alunos utilizassem estes desenhos para a atividade que iríamos realizar durante a tarde em Expressões e partindo destes construíam um boneco de sombras que seria um único monstro.

Utilizando o Teatro de Sombras iniciei a aula de expressões onde um boneco de sombras começou por dar a aula por mim, pedindo aos alunos que se sentassem e estivessem em silêncio e de seguida explicando-lhes o que iríamos fazer.

De trás do pano passei para a frente, e com os alunos sentados em roda, propus-lhe um mini-projeto em Teatro de Sombras e estes mostraram-se fascinados com isso colocando logo várias questões e querendo começar logo a fazer tudo.

Assim parti então para a explicação de como se construíam os bonecos de sombras e como se faz Teatro de Sombras. Os alunos ficaram entusiasmados e rapidamente quiseram ir para os seus lugares construir os seus próprios bonecos para posteriormente poderem ir para trás do pano branco.

Esta atividade foi bastante interessante de observar pois, em relação aos monstros os alunos teriam que fazer um só monstro através de uma composição dos vários desenhos existentes no seu grupo o que causou muitas dúvidas e dificuldades, então optei por ir explicando grupo a grupo o que deveriam fazer. Os alunos perceberam e rapidamente puseram a atividade em prática tendo resultado em monstros muito originais e que deram um efeito visual muito interessante quando colocados atrás do pano sobre a incidência do foco de luz.

Quanto aos restantes bonecos de sombras pude verificar que os alunos talvez inicialmente não se tenham apercebido que os pormenores não se veem mas apenas os contornos e que tudo o que se pretender destacar terá que ser recortado e se quisermos que algo se destaque pela cor temos que colocar papel celofane. Apesar de tudo isto lhes ser explicado oralmente inicialmente, antes de porem em prática, os alunos não haviam percebido, só após desenharem e experimentarem é que se aperceberam dessas dimensões. O que acabou por acontecer foi que os bonecos, na sua maioria, eram pequenos e com pormenores de tamanho muito reduzido o que dificulta o recorte dos mesmos bem como a colocação do papel celofane.

Desta forma, esses pormenores foram recortados por mim mas, com tudo isto, os alunos perceberam que se quiserem fazer determinadas coisas terão que ter bonecos de sombras maiores e que tudo o que quiserem destacar vão ter que fazer recortes e o que quiserem que apareça com cor terão que colocar papel celofane podendo utilizar várias cores no mesmo boneco.

O resultado foram então bonecos de sombras muito giros e que os alunos puderam ir colocando atrás do pano para ver o resultado.

Como neste dia os alunos não cumpriram algumas regras estabelecidas, tais como, falar com vozes de sala de aula e não de recreio, não andar de pé de grupo em grupo, não discutir nos grupos mas sim cooperarem entre si, decidi que nesse dia os alunos não iam ter a oportunidade de improvisar uma pequena história em teatro de sombras, como havíamos combinado, então os alunos mostraram-se muito tristes e revoltados e eu fiquei bastante triste e com vontade de os deixar fazer, contudo não o fiz pois, os alunos necessitam de perceber que quando se estabelecem regras estas são para cumprir e que se não o fizerem existem consequências.

Fiquei bastante admirada com o “poder” que um lençol, um foco de luz e um cenário podem ter nos alunos pois, a reação destes foi fascinante e o empenho nesta atividade foi enorme, tendo sido este para mim o ponto forte da semana.

O Teatro de Sombras é então “um gênero do Teatro de Animação e consiste em criar imagens projetadas através de silhuetas, objetos ou sombras do próprio corpo.” Neste caso específico, os alunos fizeram-no utilizando objetos, mais especificamente, bonecos de sombras. (Teatro de Sombras, 2012)

Esta atividade teve então continuação no dia seguinte em que, no início da tarde antes de iniciarmos a leitura do texto do Adamastor os alunos, grupo a grupo puderam ir para trás do pano e improvisar uma pequena história/situação. A escolha da ordem de apresentação foi feita através de um pequeno “jogo” em que cada grupo tinha que escolher um número de entre os números que eu lhes dizia.

A atividade correu muito bem e serviu para aprofundar mais algumas ideias sobre o teatro de sombras pois, reparei que alguns dos alunos tiveram a tendência de se encostar ao pano pois, pensavam que se não o fizessem a sua personagem não se iria ver, outros colocaram as pessoas como se estivessem a voar então, após todos apresentarem foquei algumas situações e expliquei como deveriam fazer aprendendo assim os alunos por experimentação e pelos seus erros.

De seguida, aproveitando que estávamos todos no chão, os alunos fizeram a leitura do texto “O Adamastor” em grupo ficando cada um responsável por uma personagem, esta leitura correu muito bem podendo verificar que existiu a preocupação de fazer diferentes tons de voz e de dar mais ou menos entoação à fala.

Sei que desta forma as atividades levam um pouco mais de tempo e que existe um programa a cumprir mas para mim isso não é o mais importante pois, o currículo é bastante extenso e segundo Marques (s.d) «O currículo não deve incluir um número exagerado de disciplinas. Em vez da preocupação em “dar o programa todo”, é preferível aprofundar os assuntos mais importantes.» (s.p.)

Durante esta atividade os alunos demonstraram alguma dificuldade em permanecer sentados contudo, pediram-me se podíamos jogar ao “Telefone Avariado” e como ainda faltava algum tempo de aula eu permiti que o fizéssemos tendo também participado do mesmo contudo, este teria de ser feito com palavras do texto que estávamos a analisar e os alunos concordaram. Este jogo fez com que os alunos passassem do estado de excitação em que estavam para um estado de maior acalmia o que permitiu trabalharmos de uma forma mais proveitosa na resolução das perguntas de interpretação do texto. Mais uma vez conseguimos aqui perceber que a Expressão Dramática “ [...] reconhece-se como pressuposto basilar que a natureza interdisciplinar da linguagem teatral, como espaço de cruzamento de várias linguagens, é facilitadora da compreensão das relações existentes entre vários domínios do conhecimento.” (Lopes, 2011, p.13)

Decidi deixar fazer esta atividade por achar então que esta seria proveitosa e também porque a motivação “ [...] deve ser primeiro que tudo, dos alunos. Não se pode tomar abstractamente uma classe, preparar um plano anual com uma série de investigações e de explorações, prescindindo dos interesses e das motivações que nos alunos virão a manifestar-se.” (Ciari, 1979, p. 61)

Por último, em relação ao Estudo do Meio pedi aos alunos que realizassem uma pesquisa em casa, anterior ao período de aula sobre o conteúdo que iríamos trabalhar, o que resultou muito bem pois, os alunos reuniram-se em grupos, partilharam as suas pesquisas e depois apresentaram à restante turma onde fui fazendo um esquema no quadro com as informações mais importantes. Esta estratégia de aula correu muito bem e os alunos aprenderam uns com os outros e com o seu trabalho, de forma autónoma.

Posso considerar que esta foi uma semana muito boa, para mim a melhor desta Prática Pedagógica II.

Sinto que tenho evoluído na minha prestação e na forma como reflito sobre as coisas, notando cada vez mais o quanto é importante um professor ser um professor reflexivo e pesquisador pois, é importante que consiga refletir para a minha prática e sobre a minha prática, planeando e pensando cada vez mais como posso organizar as minhas aulas pois, “o professor não é, hoje em dia, um mero transmissor de conhecimento, mas também não é apenas uma pessoa que trabalha no interior de uma sala de aula.” (Nóvoa, 2001, p.3).

## **Anexo XI – Diário de bordo dia 07 de outubro de 2013**

### **3.ª Semana – Dias 07 e 08 de Outubro de 2013**

#### **07 de Outubro de 2013**

Hoje, no horário das expressões e tendo em conta que este ainda não era um dia correspondente à nossa intervenção mas apenas de cooperação, pedimos à professora titular de turma para realizar um jogo exploratório com os alunos sobre a entrevista de forma a introduzirmos o conteúdo que irá ser trabalhado na próxima semana em estudo do meio – passado do meio local – com o objetivo de os alunos recolherem alguns dados, junto dos seus familiares ou vizinhos, sobre este mesmo conteúdo.

Desta forma, para esta atividade comecei por explicar aos alunos que iríamos fazer um jogo sobre a entrevista mas que este teria duas partes.

A primeira parte do jogo consistia em utilizar o espaço da sala sendo que teriam de ter muito cuidado para não se magoarem nem nas mesas nem nas cadeiras. Pedi então aos alunos que deixassem as suas coisas nas mesas e fossem para junto de mim e se colocassem em roda, o que foi muito complicado devido à excitação em que os alunos ficaram.

Quando todos finalmente estavam em roda expliquei o que iríamos fazer sendo que inicialmente andaram pela sala de forma livre, em todas as direções e ao som das minhas palmas teriam que parar e ouvir as novas indicações.

Como era espectável os alunos ao invés de aproveitarem o espaço todo que tinham, começaram a andar apenas num pequeno espaço e dando encontrões uns aos outros.

Estagiária – “Têm que andar pela sala, ocupando todo o espaço de forma a não tocarem nos colegas.”

Os alunos ouviram o som das palmas e rapidamente pararam.

De seguida saltaram a pés juntos, sendo que já foram ocupando o espaço que tinham não estando todos concentrados no mesmo espaço.

“Agora vão andar com passadas largas”. Os alunos adoraram e existiam muitas risadas e concentração no que estavam a fazer de forma a fazerem tudo corretamente e sem tocar nos colegas. Quando voltaram a ouvir as minhas palmas ficaram em estátua, o que foi interessante de ver, pois isso não lhes havia sido pedido.

“Agora vão correr mas muito devagarinho.” Os alunos aqui fizeram uma ótima gestão do espaço já se notando aqui algumas aprendizagens a ser adquiridas.

O som da palma voltou a ouvir-se e agora teria que andar normalmente e ao som da palma iriam juntar-se ao colega que estivesse mais próximo. Os alunos rapidamente deixaram de aproveitar todo o espaço que tinham e a andar todos muito juntos para ficarem com o colega que pretendiam. Aqui tive que intervir e dizer que não queria que ninguém andasse à procura de ninguém, pois isso não era o pretendido. Os alunos separaram-se e após todos e encontrarem separados bati então as palmas e desta forma estes agruparam-se dois a dois mas verificando-se contudo que os grupos que diariamente se viam se mantiveram na sua grande maioria.

Nesta fase tiveram então que se manter em estátua com o seu par.

Foi aqui que troquei então com a minha colega e passamos para a segunda parte do jogo.

Agora teriam então que fazer duas perguntas ao seu colega de coisas que quisessem saber sobre eles tendo de memorizar as respostas. Os alunos assim fizeram durante um curto espaço de tempo fizeram as questões e memorizaram também as respostas dadas pelos colegas.

Pouco a pouco foram-se sentando no chão até todos estarem sentados e em roda, esta foi uma roda um pouco difícil de conseguir até porque o espaço existente na sala era um pouco reduzido.

As perguntas que os alunos fizeram foram as seguintes:

A - “És estúpido?”

B - “Não.”

A - “Costumas ser palerma?”

B- “Não.”

B - “Já vistes fezes de vaca?”

A - “Não”

Aqui foi realizada uma intervenção para que os alunos não achassem que estávamos a brincar.

C - “Eu perguntei-lhe a idade dela e onde é que ela vivia! Ela disse que vivia aqui nos Marrazes e que tinha nove anos.”

D - “Eu perguntei-lhe como se chamava o irmão dela que é Isac e onde é que ela estudava que é aqui.”

E - “Eu perguntei-lhe o que ela fazia nos tempos livres e ela disse que gostava de brincar ao Monopólio. Depois eu perguntei-lhe se ela gostava de estudar e ela disse que sim.”

F - “Eu perguntei-lhe o que é que ela queria ser quando fosse grande e ela disse que era professora. Depois perguntei-lhe se ela gostava de escrever e ela disse que sim.”

G - “A eu perguntei-lhe onde é que ele vive e ele disse que vive aqui nos Marrazes.”

H - “Não! Eu disse na Marinha Grande!”

G - “Ah pois na Marinha grande!”

G - “E perguntei-lhe o que ele mais gosta de fazer.”

Estagiária - “E o que é que ele gosta mais de fazer?”

G - “Jogar playstation.”

H - “Ele vive no bairro e gosta de jogar legos”

Estagiária - “O que é que sabes sobre o teu colega?”

I - “Hummm não me lembro”

Outros alunos - “Tens a memória curta!”

Estagiária - “Lembras-te o que o teu colega te perguntou?”

J - “Perguntou o que eu gostava de fazer e eu disse que era dançar Jazz e ele perguntou-me qual era a minha comida preferida e a não preferida e a preferida é chocolate e odeio tomate. E ele gosta de ver televisão nos tempos livres e o animal preferido é o leão.”

K - “Perguntei à B. se ela gostava de acrobacias e ela disse que sim e também perguntei se ela gostava destas sapatilhas e ela também disse que sim.”

L - “Eu perguntei se ela tinha problemas de visão e ela disse que não e depois perguntei-lhe qual era a cor preferida dela e ela disse que era roxo.”

Estagiária “Muito bem. Então e tu J.?”

M - “Ele disse que o prato favorito dele era carne com massa. Hummm massa de esparguete com carne picada. E o que ele gosta mais de fazer nos tempos livres é jogar playstation.”

N - “Perguntei qual é o prato favorito que é carne com batatas fritas e o que gostava de fazer nos tempos livres era jogar futebol.”

O - “Eu perguntei como é que ele se chamava e ele disse que era R. J. T. M. e qual era o último nome e ele disse que era M.”

P - “Eu perguntei-lhe qual era o nome todo e ela disse que era T. S. J. S.”

O - “Não é nada!”

Q - “O que é que ele gostava de jogar e ele disse que era skate 3.”

Esta atividade apesar de ter corrido bem levou a que existisse muita confusão na sala, sendo que os alunos conversavam todos ao mesmo tempo e não respeitavam os colegas na sua vez de falar.

Penso que este tipo de atividades é fundamental para os alunos aprenderem a trabalhar em grupo, a respeitarem-se uns aos outros, servem também para desenvolver a comunicação oral e também a memorização e a concentração.

De seguida pedimos então aos alunos para se sentarem nos lugares e distribuímos uma folha por cada aluno.

Quando todos ficaram em silêncio explicamos o que teriam que fazer.

Estagiária - “O que nós tivemos a fazer no jogo anterior foi uma...?”

Alunos - “Entrevista.”

Partindo disso explicamos aos alunos que o que iriam ter de fazer era criar questões que iriam colocar aos seus familiares ou vizinhos, a pessoa mais idosa que conhecessem, sobre o passado do meio local.

Nesta fase os alunos, em grupo, criaram as questões, sendo que nós fomos, claro, dando-lhes pistas que os levassem ao conteúdo das questões.

Os alunos ficaram muito agitados começando a referir que não tinham a quem perguntar, mas acabando por arranjar cada um uma solução.

Estas questões que os alunos criaram foram as que os mesmos levaram para casa para fazer a entrevista aos seus vizinhos ou familiares.

Termos começado por esta atividade de expressões foi positivo, pois criamos um ambiente entre nós estagiárias e os alunos, levando-nos a conhecer um pouco melhor os alunos antes de partirmos para aquelas que são as nossas semanas de intervenção já com tudo planificado.

Esta atividade não foi planificada mas no entanto foi previamente pensada e preparada.

A colocação de questões de orientação, da nossa parte, ao longo de toda a atividade foram, a meu ver, uma mais-valia porque levou os alunos a pensarem e a interpretarem o que estava a ser pedido por nós e desta forma ajudou-os também a recordar o que tinha sido pedido, aquilo que tinham descoberto sobre os colegas, pois os alunos demonstraram alguma dificuldade em se relembrar das questões que colocaram aos colegas e quais as respostas que tinham obtido.

Verificar o entusiasmo e empenho dos alunos nesta atividade foi bastante gratificante para mim e sei que apesar de toda a confusão instalada na sala os alunos realizaram algumas aprendizagens.

O principal objetivo desta atividade, para além de os alunos fazerem uma recolha de materiais a utilizar na próxima aula, foi também dar uma visão aos alunos daquela que será a nossa metodologia de trabalho, na área de expressões, ao longo das próximas semanas em que vamos estar a intervir.

## Anexo XII – Guião da entrevista criada pelos alunos

Entrevista sobre a vida de meia bal.

Idade: 34

Local onde reside: Leiria

Estado de parentesco: tia

Como e como viveu a sua infância?

Viveu a minha infância em Leiria. Leiria era uma cidade mais calma e segura. Era também mais habitada e por isso as crianças tinham mais espaço para brincar e se divertir.

Como era a escola antigamente?

Lembra-me de estar sempre com uma escola boa onde aprendia - mas a brincar - mas. Algumas vezes eram mais diferentes tal como a mudança de alunos por sala e o método de aprendizagem.

Como era a sua roupa e a sua alimentação?

Quase nada, qualquer coisa, roupas que agora não vestiria - mas. A alimentação era mais rica em fruta e legumes. Não havia tanta coisa que nos fizesse mal.

Que monumentos existiam na sua localidade?

Em Leiria os monumentos mais conhecidos são o castelo e a sé, mas há inúmeras monumentos para conhecer. O meu preferido é a igreja de Nossa Senhora da Encarnação.

Como se deslocava para a escola? E para o trabalho?

Para a escola geralmente ia a pé. Para o trabalho costumava de ir de carro.

## **Anexo XIII – Diário de bordo dias 14 e 15 de outubro de 2013**

### **4.ª Semana – Dias 14 e 15 de Outubro de 2013**

#### **14 de Outubro de 2013**

Neste dia, alguns alunos trouxeram para a sala de aula as entrevistas que fizeram em casa, tal como lhes tinha sido solicitado no horário de expressões da semana anterior.

Passando do jogo em que entrevistaram os seus colegas, passaram para uma entrevista mais contextualizada a familiares ou vizinhos, onde colocaram questões e registaram as respostas.

Aqui inicialmente foi então feito um levantamento da população a quem tinham feito as entrevistas, idade e zona de residência, passando-se depois para a partilha daquilo que descobriram.

Os alunos com esta atividade aperceberam-se de que existiam muitas diferenças relativamente às escolas, à forma como as aulas funcionavam e como os alunos eram tratados, as diferenças existentes em termos de mobiliário existente, as regras de sala de aula, fazendo a comparação entre a escola atual e a escola de antigamente.

Aluno - “Descobri que antigamente as coisas eram diferentes do que agora?”

Estagiária - “Então e que diferenças é que descobriram?”

Aluno - “A minha mãe disse que antigamente as mesas eram de madeira e diferentes destas.”

Estagiária - “Eram diferentes sim. E o que é que era mais diferente sabem?”

Aluno - “Os castigos.” “Havia orelhas de burro.” “As professoras davam reguadas.”

“Antigamente nós só se podíamos levantar uma vez para ir afiar o lápis.”

Para além das escolas os alunos falaram ainda na forma de deslocação das pessoas, os meios de transporte existentes, o vestuário e a comida.

Os alunos desta forma, através das expressões e da entrevista criada por estes conseguiram descobrir coisas maravilhosas sobre o passado do meio local, sendo que desta forma ouve um elo de ligação entre as expressões, a escrita e o estudo do meio.

Foi ainda interessante ver como os alunos tiveram noção das diferenças entre os jogos e brincadeiras de antigamente e os atuais.

Também a forma de comunicação era diferente sendo que os alunos referiram que “Usavam cartas que era para se comunicarem.”

Daqui a minha colega partiu para um jogo exploratório, sentando-se os alunos em roda no chão da sala.

Alunos começaram com a maneira como escreviam, pois eles descobriram que as mesa eram diferentes, de seguida passaram para as brincadeiras que faziam e os movimentos que se faziam, contudo neste jogo exploratório os alunos continuaram a partilhar aquilo que descobriram e não fizeram os exercícios e os movimentos utilizando o seu corpo, o que fez com que a atividade deste dia e as suas verdadeiras finalidades, acabaram por se perder um pouco. Os alunos poderiam ter simulado os movimentos mesmo que em grupos de três que poderiam ter ido à vez ao centro da roda fazer esse movimento, o que teria tornado esta atividade mais interessante e produtiva.

Por insistência nos movimentos, da parte da minha colega, os alunos acabaram por num determinado momento imitar o movimento de cavar, mas apenas com os braços sem se levantarem e utilizarem todo o seu corpo.

Estas atividades acabaram por andar em redor sempre dos mesmos assuntos acabando o tempo por não ser aproveitado ao máximo.

Foi nesta atividade que os alunos criaram a sua primeira história improvisada, onde estes fizeram os grupos que iremos manter ao longo das próximas semanas.

Os alunos reuniram-se e com alguma agitação existente lá foram criando as suas histórias que de seguida iriam apresentar à turma.

O facto de existirem câmaras de filmar e gravadores na sala fez com que os alunos neste dia estivessem excitados e fizessem muito barulho o que dificultou a compreensão de tudo o que iam combinando entre si.

Esta foi também a primeira vez em que pude visualizar a necessidade que os alunos sentiram em ter uma caneta e uma folha para registarem a história que iriam apresentar, sendo que uns fizeram-no utilizando as palavras e outras recorreram a desenhos.

Nas produções escritas dos alunos é notória a aplicação de conteúdos anteriormente adquiridos em estudo do meio e que estes aproveitam para o jogo dramático, para a história que improvisaram.

As histórias apresentadas retrataram muito a escola, talvez devido a este ser o contexto em que se encontram ou também por ter sido desta que os alunos descobriram mais evidências.

#### 1.ª história

“H – Bom dia.

I – Bom dia.

(Batem à porta)

I – Entre.

R – Ai.

(Batem novamente à porta)

I – Entre.

C – Ai (agarrado a um pé).

I – Agora vou-te meter as orelhas de burro.”

Nesta fase os alunos pegaram na folha onde escreveram a sua história e ficaram em silêncio, colados ao papel, sem perceberem o que haviam escrito na mesma, não mostrando aqui capacidade de improvisação, o que me leva neste dia a concluir que não estão habituados a este tipo de experiências, sendo notória a dificuldade que tem em fazer experiências deste género.

A ideia desta atividade seria os alunos improvisarem e não terem pegado numa folha e escreverem a história, sendo que foi esse pedido que fizemos de seguida, para esquecerem a folha e a colocarem de parte.

“I – Vai vai-te sentar na tua mala, na na tua carteira.

E tu também rápido!

Agora eu vou escrever o sumário para vocês.

(finge escrever no quadro o sumário) ”

Os alunos enquanto a professora se encontrava de costas a escrever o sumário fizeram caretas e movimentos de gozo com o corpo, sendo que aqui acabei por ver espelhado aquilo que são os próprios comportamentos destes alunos e que eles próprios têm noção disso e acabam por o colocar em prática nestas pequenas improvisações.

“I – Eu vi R. A. Tu fizeste caretas para mim.

R – Não fiz.

I – H. o seu colega fez caretas para a professora?

H – Não.

I – Diga a verdade o seu colega fez caretas para a professora?

H – Sim.

I – Você vai levar com a palmatória.

I você também.

(dá um estalo a cada um dos alunos)

I – Agora vão os dois de castigo pá rua.

R. e H. – Ó professora!!”

I para C – Vá como te portas-te bem eu tiro-te as orelhas de burro!

(na porta)

R – Professora podemos entrar?

I – Sai.

I para C – Vá passa o sumário que ainda não passas-te.

R – Professora já podemos?

I – Não.

## 2.ª história

Batem à porta.

D – Podem entrar.

Não se joga à bola dentro da sala de aula.

J – Qual é o sumário stor?

D – É...

Menino P. pode entrar.

D – Sente-se ou leva com as orelhas de burro!

J – Aquilo é um L stor?

D – Enquanto escrevo o sumário vocês podem ir fazer as contas...

J – É aquelas contas stor?

D – Sim. Eu ontem esqueci-me de vos mandar para trabalho de casa.

Alunos fazem barulho durante a aula. J. pega na bola e diz:

J – Stor posso ir lá para fora jogar à bola?

D – Não ainda não tocou para sair.

J – Nunca toca.

D – Já está para ai a inventar. Hoje já vais ficar com as orelhas de burro.

J – O quê?

J – Stor quando é que vamos começar com a aula de caça?

D – Pegue nas orelhas de burro e vá para ali.

J – Hon hin hon (som do burro)

D – Levanta-te, levanta-te.

J. levanta-se e leva uma reguada.

D – Vou ligar ao seu encarregado de educação.

D – Desculpe é o encarregado de educação de uma criança chamada J. P.?

A – Sim.

D – Venha cá se faz favor.

D – O seu filho portou-se muito mal e vai ser expulso da escola.

J – Eu?

D – A ultima aula do dia é de caça a seguir podem sair.”

Foi desta forma que os alunos terminaram a sua história.

Neste grupo verifiquei que os alunos já não levaram folha e acabaram por improvisar a história, colocaram no seu discurso alguns dos conteúdos abordados anteriormente mas apenas dois dos elementos do grupo tiveram falas, sendo que os outros dois não se manifestam ao longo da história, apenas um se percebe que é o encarregado de educação, mas apenas isso e a outra criança não tem qualquer tipo de interação durante a história.

### 3.ª história

“T – Bom dia professora.

Z – Bom dia.

Batem à porta.

Z – Entre.

T 2 – Bom dia.

T 3 – Senta-te ali.

Z – Sua mal-educada não fechaste a porta.

L – Bom dia professora.

Z – Bom dia vai-te assentar.

T 3 – Tens aqui o livro.

T 2 – Obrigada.

T – Vamos ter estudo do meio agora?

Z – Não, vamos ter Matemática.

Abram o livro na página 28.

Eu vou passar aqui umas contas para vocês e vão resolvendo isso.

Alunas – Está bem.

T – Professora pudemos fazer a página 27?

Z – Podem.

T 3 – Levanta-te.

T3 dá com a palmatória a T.

T – Auuu.

T – Professora olha aqui.

T aponta para L que está com as pernas estendidas para cima da cadeira do colega.

Z – Minha menina tire as pernas de cima da cadeira.

Tá de castigo não vai ao intervalo ouviu menina?

L – Posso ir fazer aquela de vezes?

Z – Espere ai menina.

T – Posso ir fazer essa conta?

Z – Tu vais fazer esta conta, tu vais fazer esta e tu vais resolver esta conta.

Passado algum tempo.

Z – Ahh ora bem vocês já tiveram muito tempo para resolver.

L – Espere ai professora.

Z – Está mal resolve lá a conta se faz favor.

Neste dia pude então verificar que os alunos irão necessitar de fazer muitos jogos exploratórios e dramáticos de forma a perderem um pouco a vergonha e os seus medos, desbloquearem o corpo e serem capazes de improvisar mais este tipo de situações.

### **15 de Outubro de 2013**

Tendo em conta que neste dia, na área de português os alunos estiveram a falar sobre a notícia, decidimos aproveitar este conteúdo e os conteúdos trabalhados ao longo destes dias em estudo do meio e em expressões e solicitamos aos alunos que escrevessem uma notícia sobre aquilo que se tinha passado no dia anterior na área das expressões.

Ao ler as mesmas percebo que alguns alunos se aproximaram mais da estrutura de uma notícia do que outros contudo, em todas as notícias é notória a mobilização de conteúdos trabalhados tanto na área de estudo do meio, como de expressões e de português.

## Anexo XIV – Notícias escritas pelos alunos

### § Escola

#### A escola como era antigamente

Das tempos das massas avós as farras iam para a escola descalços.

Na escola antigamente as mesas eram inclinadas, esta notícia foi feita ontem.

As cadeiras eram juntas e chamavam-se bancos.

Das agora ~~fe~~ vemos no museu do Descobrimento para ver como é que é a escola antigamente vemos agora então para ver a escola.

Estas escolas, estas coisas que estão aqui são feitas de madeira, as mesas e até a falmotaria.

#### A quinta dos quatro irmãos

Os irmãos Beabig, Carolina, Jacinto e o Rodrigo Madri-  
na vão apresentar uma peça de teatro chamada: O passa-  
do do Meu Local, o teatro vai se passar na escola E.B. 1 de  
Marragez, no dia 14 de outubro de 2013 às 18:00.

## **Anexo XV – Diário de bordo dia 21 de outubro de 2013**

### **5.ª Semana – Dias 21 e 22 de Outubro de 2013**

#### **21 de Outubro de 2013**

Durante o período da tarde, e dando seguimento ao que foi feito, foram realizadas algumas atividades de expressões, envolvendo a Expressão Musical, a Expressão Plástica e a Expressão Dramática, bem como os conteúdos trabalhados em Matemática e em Português.

No início, o que foi feito com os alunos, foram alguns jogos exploratórios. Aqui, com as palavras complexas e os dias do calendário, os alunos construíram uma pauta musical. Esta atividade correu muito bem, os alunos empenharam-se e mostraram-se entusiasmados contudo, no momento em que se reuniram em grupos começou a existir alguma excitação na sala, com muitas conversas paralelas, que nada tinham que ver com o que se estava a fazer.

Toda esta agitação penso ser normal pois, os alunos passam muito tempo do seu dia colados a uma cadeira e a uma mesa, acabando por extravasar as suas vontades quando quebram aquele que é o padrão normal de uma sala de aula em qualquer escola.

Para mim foi bastante complicado gerir toda a confusão que se instalou na sala. Algumas vezes tentei chamá-los à razão impondo a minha voz, e outras vezes apenas fiquei em silêncio à espera de poder intervir. Quando finalmente me consegui fazer ouvir voltei a repetir o que era para fazer, pois alguns alunos não tinham estado atentos, partindo das sugestões dos alunos de como gostavam de dizer determinada palavra (tom de voz baixo, normal, alto) bem como que sons gostariam de fazer com o corpo. Com esta paragem captei novamente a atenção de todos os alunos, conseguindo que todos participassem e realizassem a atividade de uma forma coordenada e sequencializada.

Partindo dos movimentos, dos sons, das palavras e dos números, passamos para a Expressão Plástica, onde cada aluno, de forma individual, atribuiu um determinado símbolo a cada palavra e assim criaram a sua própria pauta musical.

Até este momento, e apesar da confusão, que por vezes se instalou na sala, penso que correu tudo bem contudo, quando seguimos para a etapa seguinte, que eram os jogos dramáticos, a agitação aumentou e conseqüentemente o barulho e a confusão também, o que provocou a existência de alguns conflitos entre alunos.

Como estratégia, para minimizar a agitação dentro do espaço sala de aula, optei por solicitar aos alunos que se levantassem grupo a grupo e fossem criando uma roda no chão, tendo resultado bem.

Quando todos estávamos em roda, começou a formar-se um conflito entre alguns alunos pois, estes não queriam estar perto de um dos alunos da turma, tendo sido para mim um pouco difícil fazer com que os alunos parassem de excluir o seu colega.

Quando os ânimos se acalmaram expliquei aos alunos a atividade e partindo das problemáticas que lhes levei para resolver, relacionadas com os animais em vias de extinção, tema esse que irá ser trabalhado na área de português no próximo dia, os alunos, em grupos, reuniram-se ficando dois grupos num espaço e dois noutro de forma a poderem trabalhar melhor. Os alunos reuniram-se e foi-lhes estipulado um prazo para decidirem o que iriam apresentar aos colegas mas, os alunos demoraram muito mais tempo do que aquele que lhes foi dado e apesar de serem muitas vezes alertados para isso não cumpriram na mesma.

As problemáticas foram as seguintes:

“Um cozinheiro que trabalhava numa cozinha tinha um grande problema, é que ele gostava de cozinhar carne de um animal que estava quase em vias de extinção. O que fazer?”

“Havia uma senhora muito magra que gostava de usar saias e minissaias feitas com peles de animais, mas o animal que ela gostava estava em vias de extinção. O que fazer?”

A questão do tempo foi uma das maiores dificuldades com que me deparei, pois o tempo que tinha era muito pouco e torna-se complicado conseguir que tudo corra como planeado.

Sinto que, por vezes, os conteúdos e as atividades que planifico são demasiados para o tempo reduzido que tenho para trabalhar. Para mim não faz sentido que tudo seja trabalhado a um ritmo acelerado com a preocupação de cumprir a planificação.

Penso que o mais importante é que as atividades sejam proveitosas para os alunos e é fundamental que se dê tempo e espaço suficiente aos alunos, aquele de que eles realmente necessitam.

A atividade de hoje para mim não fez muito sentido pois, estive constantemente a ir contra aquilo que acho correto apenas porque o tempo era pouco e as atividades tinham que ser realizadas.

Mas que sentido tem estar constantemente a alertar os alunos, quebrando o seu raciocínio, para o facto de já não haver tempo, e que é necessário avançar?

Que sentido faz os alunos prepararem uma coisa para apresentar aos colegas e que depois não podem apresentar na totalidade porque não há tempo?

O que aconteceu hoje foi isso mesmo. Os alunos tiveram que combinar tudo num instante, muitos nem chegaram a terminar, depois foram apresentar e não tiveram tempo para terminar, tudo isto ao mesmo tempo que os alunos, que estavam a assistir, acertavam alguns pormenores bem como outros discutiam porque ainda não tinham entrado em concordância no que iriam fazer. Nesta altura penso que seria necessário ter tido oportunidade de parar o que estava a ser feito, refletir em conjunto e depois prosseguirmos então com a atividade.

Teria sido mais proveitoso para todos se isso tivesse sido feito mesmo que neste dia só alguns grupos apresentassem e os outros apresentassem noutra dia e então no final iríamos poder fazer uma reflexão conjunta de todas as apresentações, contrapondo os diferentes pontos de vista, sendo então tudo realizado com lógica e com tempo pois, à semelhança do que se passou comigo, duvido que os alunos tenham conseguido perceber o que os colegas apresentaram e lhe tenham dado a devida importância.

Hoje senti-me triste, desiludida e frustrada pois, para além de ter que ir contra os meus princípios e tudo aquilo que referi anteriormente, ainda tive que resolver alguns conflitos que se criaram entre elementos de alguns grupos, normais destas idades, e que merecem a devida atenção, ao mesmo tempo que lutava contra o relógio e uma planificação a cumprir.

## **22 de Outubro de 2013**

Tendo em conta o tema dos animais em vias de extinção que temos trabalhado ao longo destes dias, os alunos foram incentivados a escrever um pequeno texto individual tentando dar resposta à questão “Se eu fosse um animal em vias de extinção o que é que eu sentiria? E o que faria?”

Os alunos escreveram os textos e destes surgiram ideias muito interessantes, ao ler os mesmos consigo perceber o quanto os alunos são sensíveis a este tema e ainda consigo ver uma transposição entre aquilo que trabalhamos ontem, nas expressões e aquilo que foi falado hoje na aula de português.

## Anexo XVI – Textos criados pelos alunos sobre os animais em vias de extinção

Se eu fosse um animal em vias de extinção, o que sentiria? E o que faria?

- Por aqui não há muitos burros! disse o Miguel burro.

- Ah? Um humano? Eiiiiiii, humano, não é! exclamou o Miguel.

- Olá, eu chamo-me Miguel, o burro! Disse o Miguel burro.

- Adeus, ammmmmmm a mãe fala com humanos, já estou em vias de extinção, não quero desapreciar! exclamou precipito o burro.

- Não te preocupes, não te faço mal! Eu protejo os burros de caçadores de burros! disse o humano.

- Adeus tanto de ir dormir! disse o burro miguel.

- Adeus, vou proteger outros animais! disse o humano.

- Como, por exemplo Arnaldo, a cobra! disse ele.

**Se eu fosse um animal em vias de extinção, o que sentiria? E o que faria?**

- 1 Se eu fosse um Lince-Ibérico fêmea
- 2 eu sentiria que todos os humanos não
- 3 apertaram de mim e que se eu se que-
- 4 me vissem queriam-me matar. O que eu fazia
- 5 para que eles não me matassem era
- 6 arranjar um abrigo onde ninguém
- 7 me encontra-se para caçar e alimento
- 8 eu via primeiro se não havia humanos por
- 9 perto e caçava o alimento.
- 10 Se me quisessem dar vestinhas eu
- 11 fugia porque podia ser uma ar-
- 12 madilha para me caçarem e eu não
- 13 gosto que me caçem.

**Se eu fosse um animal em vias de extinção, o que sentiria? E o que faria?**

Eu seria um tigre branco e sentiria que era triste e que eu estava em perigo de vida por isso eu lutava para eu proteger a minha espécie.

Fugia para regiões montanhosas onde os caçadores são poucos e onde há mais abundância de comida e água.

O clima é ameno não chove muitas vezes e faz pouco calor.

## Anexo XVII – Diário de bordo dia 28 de outubro de 2013

### 6.ª Semana – Dias 28 e 29 de Outubro de 2013

#### 28 de Outubro de 2013

Hoje a Expressão Dramática correu relativamente bem, os alunos empenharam-se e rapidamente chegaram ao que lhes foi solicitado tendo apresentado à turma as suas histórias que criaram e improvisaram, estas histórias tiveram uma problemática envolvida que os alunos teriam que resolver, em grupo.

Esta atividade teve a seguinte organização:

Partindo dos conteúdos trabalhados nas aulas anteriores, que foram a Península Ibérica e os Primeiros Povos, conteúdos estes da área de estudo do meio e também na área de português, onde foi realizada uma revisão da família de palavras, palavras simples e palavras complexas, onde se utilizaram palavras relacionadas com os primeiros povos e fazendo uma ligação entre os mesmos e a expressão dramática, inicialmente foi feita então, na área das expressões, uma pequena revisão da Península Ibérica. Partindo desta revisão e das palavras trabalhadas anteriormente no Português, como introdução ao tema “os primeiros povos”, os alunos juntaram-se em grupos de 4 elementos, grupos esses que se têm mantido à já algumas semanas. Foi então introduzida uma problemática, que foi igual para todos os grupos: “Havia vários povos que viviam, vestiam-se e comiam de forma diferente. Viviam com as suas famílias numa aldeia, um dia apareceu lá uma pessoa/ povo que nunca tinham visto antes. O que aconteceu?” -“Se fossem os habitantes daquela aldeia o que fariam?”

Posta a temática, os alunos reuniram-se em grupo e decidiram o que ião fazer. Para isso tiveram cerca de 15 minutos. Por último apresentaram a sua dramatização à turma.

Após todos os grupos terem terminado a apresentação foi proposto um desafio aos alunos: “No dia seguinte o chefe do grupo pediu ao seu povo para realizar uma reunião.”

Aqui foi escolhido o chefe daquele povo e em grande grupo ditadas as suas funções. O chefe teve também um ajudante, subchefe.

Aqui foi explicado aos alunos que na realização de uma reunião é escrito um documento, que contém informações importantes sobre a reunião, sendo que neste momento foi escolhido outro aluno para desempenhar esta função.

No decorrer da reunião a minha colega teve um papel de intermediária.

De seguida, foi feita ainda uma outra atividade em que os alunos escreveram uma ata. A escrita da mesma inicialmente foi conduzida pela Joana sendo que depois os alunos, de forma individual, terminaram a mesma.

Neste momento, e apesar de não estar planificado, foi introduzida a Expressão Plástica, em que os alunos fizeram um desenho relacionado com a ata que escreveram.

Neste dia foi muito interessante ver a forma como alguns alunos reagem perante uma situação, pois existiram alunos que queriam ajudar aquela pessoa que surgiu na comunidade, mas outros queriam matá-la. Ainda nestas interações foram notórias as pessoas que gostam de participar e que se envolveram mais e as que se envolveram menos.

Conseguia-se perceber nitidamente neste dia o quanto os alunos estavam envolvidos nesta atividade e como “encarnaram” as personagens que estavam a representar.

Em relação a esta atividade, esta permitiu também aos alunos uma nova aprendizagem, a existência de um documento muito importante que se elabora numa reunião, a Ata, a qual tiveram também a oportunidade de escrever de forma individual.

## Anexo XVIII – Ata escrita pelos alunos

Ata número 1

Aos 28 dias do mês de outubro, do ano de 2013, pelas 16 horas, decorreu na sala 6, a reunião de decisão do que fazer  
com o sujeito.

Com a seguinte ordem de trabalhos: decisão sobre o rumo da personagem que apareceu na aldeia.

A reunião foi presidida pelo/a rei estando todos os 17 alunos presentes.  
alunos

O rei pediu a opinião aos membros daquela comunidade/povo, tendo ficado decidido por maioria

que \*Deviamos o ir a colher, mas antes...  
Nesta reunião o Sr. Daniel é irmão  
do sujeito e não foi só ele que queria  
matar o sujeito, o Sr. Daniel tinha razão  
mas infelizmente o rei decidiu\*

O Daniel avisou que o sujeito era  
um traidor mas o rei não ligou.

Nada mais havendo a tratar, deu-se por encerrada a sessão, da qual se redigiu a presente ata.

O secretário

Ata número 1

Aos 28 dias do mês de outubro, do ano de 2013, pelas 16 horas, decorreu na sala 6, a reunião de decisão do que fazer ao sujeito.

Com a seguinte ordem de trabalhos: decisão sobre o rumo da personagem que apareceu na aldeia.

A reunião foi presidida pelo/a rei estando todos os 17 alunos presentes.  
aldeões.

O rei pediu a opinião aos membros daquela comunidade/povo, tendo ficado decidido por maioria

que: ver se aquele sujeito tinha alguma arma, dar-lhe comida e roupa para que ele não tivesse frio e fome, tendo em conta que o rei disse para todos os aldeões darem a sua opinião.

Nada mais havendo a tratar, deu-se por encerrada a sessão, da qual se redigiu a presente ata.

O secretário

## **Anexo XIX – Diário de bordo dia 05 de novembro de 2013**

**7.ª Semana – Dias 04 e 05 de Novembro de 2013**

**05 de Novembro de 2013**

Neste dia, após a hora de almoço começamos a trabalhar as várias expressões. Inicialmente desencadeou-se um diálogo entre mim e os alunos, onde lhes fui colocando algumas questões e dando pistas sobre o trabalho realizado de manhã.

À medida que os alunos foram dizendo a ordem correta dos acontecimentos que deram origem à Reconquista Cristã e ao Condado Portucalense, fui distribuindo uma folha de linhas por cada grupo bem como, um esquema que ilustrava um dos acontecimentos. Cada grupo ficou então com um dos momentos e sentados em grupo nas mesas que havia preparado durante a hora do almoço.

Procedi então à explicação daquilo que iríamos fazer, tendo os alunos ficado entusiasmados em criar a sua história e escreve-la em banda desenhada e também por poderem colorir as imagens que se encontravam desenhadas nos esquemas. Observei que alguns grupos sentiram necessidade de personalizar as suas imagens desenhando algumas coisas nas mesmas. Tal aconteceu devido ao facto de se dever dar a liberdade aos alunos de serem eles a criar os seus desenhos e não dar-lhes desenhos para colorir que foi o que aconteceu, não sendo isso o mais correto de se fazer.

Todos os alunos conseguiram trabalhar nesta tarefa em grupos, não existindo grandes conflitos e conseguido também cumprir os tempos estipulados bem como as regras estabelecidas.

No final ficou uma história bastante interessante onde pude verificar que os alunos mobilizaram conhecimentos anteriores para escrever a mesma, história essa que os alunos seguidamente apresentaram à turma sob a forma de Jogo Dramático.

Desta vez, e para que os alunos se pudessem caracterizar um pouco, levei para a sala de aula alguns tecidos com os quais os alunos fizeram as mais diversas coisas, tais como, máscaras dos cavaleiros, cintos, mantos, calças, entre outras coisas, e de forma organizada cada grupo apresentou a sua história ficando os restantes a assistir.

Como estratégia, para minimizar a confusão, pedi aos alunos que se fossem sentando no chão, grupo a grupo, tendo de seguida sido distribuídas as tarefas. Uma outra estratégia que utilizei, e que inicialmente correu bem, foi modificar o meu tom de voz para um tom mais baixo e fininho criando um clima diferente na sala.

Os momentos entre a mudança de grupo foram um pouco agitados mas penso ter sido normal pois, existiam quatro crianças de um grupo a retirarem os adereços de si, que tinham utilizado, e existiam ainda outras quatro que se estavam a caracterizar para apresentarem de seguida a sua história.

O momento de reflexão que se seguiu foi um pouco conturbado, os alunos já se encontravam muito saturados e excitados tendo sido complicado conseguir fazer com que voltassem à calma.

Fiquei um pouco embaraçada, sem saber o que fazer pois, o barulho e a agitação era grande.

Talvez o facto de ter começado inicialmente pela Expressão Dramática e só depois a Expressão Plástica, tivesse ajudado a que esta situação não acontecesse pois, o facto de os alunos primeiramente criarem o texto e só depois o representarem fez com que, apesar de ter corrido maioritariamente bem, os alunos se notassem um pouco “colados ao papel” tendo provavelmente resultado melhor se a atividade fosse realizada pela ordem inversa. Esta foi então a principal aprendizagem que realizei neste dia.

Comparando este dia com a minha outra semana de atuação considero que, esta correu bastante melhor e consegui notar que os alunos já estão a mudar um pouco a postura que têm connosco, respeitam-se mais, participam mais e nos momentos oportunos.

Em relação às Expressões noto que já existe alguma evolução na turma contudo, o estágio em que estes alunos se encontram na Expressão Dramática é ainda muito baixo.

No âmbito da escrita cada vez mais os alunos têm criado diferentes tipos de texto e conseguido relacioná-los com as atividades de jogo dramático que desenvolvem, passando para o papel aquilo que realmente improvisaram.

## **Anexo XX – Diário de bordo dia 18 de novembro de 2013**

**9.ª Semana – Dias 18 e 19 de Novembro de 2013**

**18 de Novembro de 2013**

Neste dia, e tendo em conta todas as atividades de jogos exploratórios e de jogos dramáticos que já havíamos feito com os alunos, decidimos, conjuntamente com a nossa professora supervisora, experimentar a implementar um pequeno projeto de teatro de sombras que envolvia os conteúdos trabalhados em estudo do meio, mais precisamente a formação de Portugal.

Este projeto iniciou-se assim partindo da área de Português onde trabalhamos um texto dramático “O Adamastor” tendo sido este o alicerce para diversas atividades.

Para isso, optei por questionar inicialmente os alunos se sabiam quem era o Adamastor e se já tinham ouvido falar deste.

Na realidade os alunos nunca tinham ouvido falar neste mas tentaram, partindo deste nome, dizer quem ele era e qual o seu aspeto. A imaginação começou a fluir e apesar de muitos terem estado distantes da verdadeira conceção de Adamastor outros começaram a aproximar-se da realidade. Neste momento achei pertinente fazer a leitura do texto tendo desta forma conseguido clarificar a ideia aos alunos de quem era este ser.

Partindo desta leitura, pedi aos alunos que numa folha branca desenhassem “O Adamastor” tal como o imaginavam tendo sido diversos os resultados pois, enquanto uns desenharam seres abstratos outros associaram-no a um ser humano, onde foi possível então observar diferentes níveis de criatividade e de imaginação bem como as diferentes percepções que têm de monstros míticos.

Apesar de não planificado, em conversa com os restantes intervenientes da minha prática, achamos que seria interessante que os alunos utilizassem estes desenhos para a atividade que iríamos realizar durante a tarde em Expressões e partindo destes construíssem um boneco de sombras que seria um único monstro.

Utilizando o Teatro de Sombras iniciei a aula de expressões onde um boneco de sombras começou por dar a aula por mim, pedindo aos alunos que se sentassem e estivessem em silêncio e de seguida explicando-lhes o que iríamos fazer.

De trás do pano passei para a frente, e com os alunos sentados em roda, propus-lhe um mini-projeto em Teatro de Sombras e estes mostraram-se fascinados com isso colocando logo várias questões e querendo começar logo a fazer tudo.

Assim parti então para a explicação de como se construíssem os bonecos de sombras e como se faz Teatro de Sombras. Os alunos ficaram entusiasmados e rapidamente quiseram ir para os seus lugares construir os seus próprios bonecos para posteriormente poderem ir para trás do pano branco.

Esta atividade foi bastante interessante de observar pois, em relação aos monstros os alunos teriam que fazer um só monstro através de uma composição dos vários desenhos existentes no seu grupo o que causou muitas dúvidas e dificuldades, então optei por ir explicando grupo a grupo o que deveriam fazer. Os alunos perceberam e rapidamente puseram a atividade em prática tendo resultado em monstros muito originais e que deram um efeito visual muito interessante quando colocados atrás do pano sobre a incidência do foco de luz.

Quanto aos restantes bonecos de sombras pude verificar que os alunos talvez inicialmente não se tenham apercebido que os pormenores não se veem mas apenas os contornos e que tudo o que se pretender destacar terá que ser recortado e se quisermos que algo se destaque pela cor temos que colocar papel celofane. Apesar de tudo isto lhes ser explicado oralmente inicialmente, antes de porem em prática, os alunos não haviam percebido, só após desenharem e experimentarem é que se aperceberam dessas dimensões. O que acabou por acontecer foi que os bonecos, na sua maioria, eram pequenos e com pormenores de tamanho muito reduzido o que dificulta o recorte dos mesmos bem como a colocação do papel celofane.

Desta forma, esses pormenores foram recortados por mim mas, com tudo isto, os alunos perceberam que se quiserem fazer determinadas coisas terão que ter bonecos de sombras maiores e que tudo o que quiserem destacar vão ter que fazer recortes e o que quiserem que apareça com cor terão que colocar papel celofane podendo utilizar várias cores no mesmo boneco.

O resultado foram então bonecos de sombras muito giro e que os alunos puderam ir colocando atrás do pano para ver o resultado.

Fiquei bastante admirada com o “poder” que um lençol, um foco de luz e um cenário podem ter nos alunos pois, a reação destes foi fascinante e o empenho nesta atividade foi enorme e que espero que se prolongue ao longo das várias semanas.

Sinto que nesta atividade foi notória a ligação que a escrita pode ter com as expressões e o quanto os professores devem estar atentos às potencialidades das expressões para trabalhar conteúdos de outras áreas curriculares.

### **19 de Novembro de 2013**

Neste dia, no horário de estudo do meio os alunos realizaram um trabalho de grupo que envolvia uma pesquisa, feita pelos mesmos, sobre a descoberta do caminho marítimo para a Índia e do Brasil, pois no dia anterior na área de português e nas expressões estivemos a falar sobre os mares, os monstros dos mares, os descobrimentos e ainda sobre a naus e as caravelas, tendo sido esta a ponte que se fez para este dia, levando a esta pesquisa que os alunos realizaram, esquematizaram e apresentaram à turma, sendo que foram sendo registadas no quadro as várias descobertas e no final ficamos com um esquema que sistematizava os acontecimentos mais importantes destes descobrimentos.

Ainda neste dia, e tendo em conta as atividades realizadas no dia anterior e as histórias eu os alunos improvisaram, e como no dia anterior já não houve a possibilidade de se fazer este registo, distribui pelos alunos uma pequena folha onde deveriam escrever a história que tinham apresentado no dia anterior através de teatro de sombras, sendo que na maioria dos casos os alunos se lembraram daquilo que haviam feito.

**Anexo XXI – Registo das histórias criadas e improvisadas pelos alunos sobre o “Adamastor”**

**Escreve a história que acabaste de representar**

Acabei de representar uma história que havia um moço um marinheiro sem uma perna e um marinheiro normal, com uma botcha entre uma história que um Adamastor queria matá-los.

**Escreve a história que acabaste de representar**

- Era uma vez um capitão e duas navegadoras, (a Beatriz e a Carolina) que estavam na cidade dos descobrimentos.

- Olá capitão! - disse a Beatriz e a Carolina.

- Podem-me ir buscar os binoculos? - disse o capitão.

- É claro que sim! - disseram as navegadoras.

- Olhem o Adamastor! gritaram todos.

- Vamos lá dar luta! - gritaram de novo.

Eles lutaram até que o Adamastor desapareceu.

## **Anexo XXII – Diário de bordo dias 25 e 26 de novembro de 2013, 02 de dezembro de 2013 e 06 de janeiro de 2014**

### **10.ª Semana – Dias 25 e 26 de Novembro de 2013**

#### **25 de Novembro de 2013**

Durante o horário das Expressões foi sempre por mim e pela minha colega valorizado o trabalho de grupo pois, é muito importante que os alunos percebam que não vivem num mundo isolado mas sim em comunidade, e cabe também à escola, e a nós professores, incentivar os alunos para tal. Contudo, existem alguns alunos que mostram resistência em trabalhar em grupo, acabando por perguntar se não podem fazer as atividades sozinhos, e existem ainda outros que não conseguem trabalhar com alguns colegas, estando constantemente em conflitos e a tentar polos de parte, tal verificou-se esta semana, quando os alunos se encontravam a fazer a criação de uma história para o miniprojecto que estamos a desenvolver sobre a Formação de Portugal e as várias Dinastias, em Teatro de Sombras.

Esta resistência leva-nos a que façamos cada vez mais trabalhos deste género para que exista uma superação de egocentrismo e capacidade de socialização pela qual nós semana após semana temos tentado lutar pois esta será uma mais-valia para estes alunos ao longo da sua vida, pois estes terão de se inserir em diversas comunidades ao longo das suas vidas e terão de saber lidar com isso aprendendo muito em sociedade e não sozinhos.

No momento de criação da história existiu uma grande dificuldade em perceber o que teriam que fazer, que informações deveriam seleccionar, o que na realidade era pretendido. Para isso foi fundamental a ajuda de todos os intervenientes desta nossa prática onde nos fomos revezando pelos vários grupos e explicando-lhes o que deveriam fazer até mesmo exemplificando e desta forma começamos então a ver construir textos bastante interessantes onde a informação essencial foi selecionada.

De seguida, os alunos passaram à construção de bonecos de sombras tendo-se os alunos mostrado bastante empenhados nestas atividades estando envolvidos nas mesmas.

Sinto que tudo está a correr bem e cada vez mais me sinto ansiosa por ver o produto final deste pequeno projeto no qual os alunos, na sua maioria, se estão a mostrar tão empolgados.

### **11.ª Semana – Dias 02 e 03 de Dezembro de 2013**

#### **02 de Dezembro de 2013**

Os alunos neste dia começaram por verificar em que ponto o trabalho dos mesmos se encontrava sendo que grupo a grupo verificou a sua história, as personagens e cenários que envolvia de maneira a terem noção daquilo que ainda teriam que fazer.

Desta forma, os alunos consciencializaram-se sobre todo o trabalho até agora feito e tudo aquilo que ainda existe para fazer.

Neste dia, eu e a minha colega fomos indo grupo a grupo ajudar os alunos naquilo que tinham mais dificuldades, tais como recortar partes pequenas dos bonecos de sombras e também a construção dos cenários, que para alguns grupos foi bastante complicado.

Neste dia, num dos grupos gerou-se um conflito entre dois alunos que não quiseram emprestar os materiais um ao outro o que levou a uma grande discussão, a qual tentei que se resolvesse da melhor forma, tentando fazer com que os alunos percebessem que têm de saber partilhar e que devem entreajudar-se, pois estavam a fazer um trabalho de grupo onde todos deveriam trabalhar para o sucesso do grupo e não como seres individuais. No entanto, ainda no seguimento desta zanga um dos alunos estragou o trabalho do colega o que levou a que o aluno que havia estragado fosse chamado à atenção de forma a perceber que tinha agido de forma muito incorreta.

No geral, a turma apesar de trabalhar de uma forma um pouco barulhenta e desorganizada, sempre trabalharam com empenho naquilo que estavam a fazer.

## **14.<sup>a</sup> Semana – Dias 06 e 07 de Janeiro de 2014**

### **06 de janeiro de 2014**

Neste dia, à semelhança das semanas anteriores os alunos continuaram envolvidos no projeto de teatro de sombras, mas este dia serviu para fazerem os últimos ajustes nos bonecos de sombras e nos cenários, mas também para ensaiarem, grupo a grupo a sua história, pois na próxima semana irão apresentar à turma.

Neste dia, os alunos estavam muito agitados o que dificultou a concentração naquilo que estavam a fazer.

Apercebi-me que os alunos estão muito agarrados aos papéis e que não sabem a história que criaram, o que faz com que não consigam improvisar.

Apesar de tudo, e com toda a confusão existente na sala, os alunos conseguiram terminar os seus bonecos de sombras bem como os cenários, sendo que neste dia conseguiram todos os grupos ir ensaiando, apesar de cada grupo apenas ter tido 20 minutos para o fazer.

Nestes ensaios constatei que existiam alguns grupos que estavam completamente perdidos na sua história, desta forma irei passar os textos a computador, juntamente com a minha colega, de forma a todos ficarem com os mesmos e puderem estudá-los em casa.

Verifiquei também neste dia que os alunos têm bastantes dificuldades em projetar a voz, em conseguir posicionar-se atrás do pano para que os bonecos de sombras se consigam ver nitidamente do outro lado do pano, sendo que muitas vezes os alunos colocavam os bonecos de sombras mas em posições que não se viam. Nestes aspetos penso que o que causa isso é o facto de os alunos não conseguirem ter noção daquilo que passa para o lado contrário do pano, àquele em que eles estão.

## **Anexo XXIII – Histórias finais escritas pelos alunos sobre a Formação de Portugal**

### **Formação de Portugal**

**D. Henrique-** Eu deveria governar o condado portugalense na dependência do reino de Leão e Castela e depois tornar-me independente.

**Narrador-** D. Henrique morreu em 1112, deixando um filho chamado D. Afonso Henriques.

**D. Teresa-** Eu como esposa de D. Henrique fico a governar o condado com a ajuda da nobreza galega.

**Narrador-** Esta situação levou ao descontentamento da nobreza portugalense e do povo.

**D. Afonso Henriques-** Eu de maioridade e apoiado por fidalgos do condado, revoltei-me contra a minha mãe.

**Narrador-** Por fim, em 1143, com a assinatura do tratado de Zamora, o rei de Leão reconheceu a independência do condado, que passou a chamar-se reino de Portugal.

**Narrador-** Em 1179, o Papa através da Bula (documento emitido pelo Papa), Manifestis Probatum, reconheceu Portugal como reino independente e D. Afonso Henriques como rei de Portugal.

### **1.º Dinastia**

D. Afonso Henriques luta contra o rei de Leão.

**D. Afonso Henriques** - vou conseguir a independência do condado.

**Rei de Leão** - não vais não, esse condado é meu!

**Soldado da batalha de Ourique** - À guerra!!!

**Soldado dos muçulmanos** - Está a haver um terramoto.

**Rei de Castela** - O que se está a passar aqui?

**Narrador-** D. Afonso Henriques faleceu em 1185, e o seu sucessor foi o seu filho D. Sancho I

### **2.ª Dinastia**

**D. Fernando-** Estou-me a sentir mal vou morrer.

**Beatriz-** O meu homem morreu, o meu pai.

**Narrador-** O D. Fernando faleceu no ano de 1383 deixando uma filha chamada Beatriz.

**Beatriz-** Se eu me tornar rainha o meu marido será rei de Portugal, e o trono português ficará unido ao de Castela.

**Leonor Teles-** A minha filha vai casar com o rei de Castela.

**Narrador-** Nem toda a população concordava.

**Povo-** A D. Beatriz tem direito ao trono.

**Povo-** Queremos o D. João, Mestre de Avis.

**Beatriz-** Vamos casar.

**Narrador-**D. Beatriz estava casada com D. João de Castela.

**Narrador**-Portugal corria o risco de perder a independência. A D. Leonor Teles defendia o direito da filha ao trono. D. João I foi aclamado rei de Portugal.

**D. João I**- Vamos dar início à batalha. **Narrador**- Deu-se a batalha de Aljubarrota, no dia 14 de agosto de 1385. Nesta batalha estava o D. João I e D. Nuno Álvares Pereira.

**D. João I**- Vencemos aos Castelhanos. Declaro que vai ser construído um mosteiro chamado: mosteiro de Santa Maria da Vitória ou mosteiro da Batalha.

### 3.<sup>a</sup> Dinastia

**Narrador**- Era uma vez um menino que era filho de um rei e o menino chamava-se D. Sebastião, o pai chamava-se D. João III. (cenário: castelo; personagens: D. João III e D. Sebastião)

Quando o pai morreu D. Sebastião era muito pequenino e quem ficou a governar o país foi o Cardeal D. Henrique, seu tio. (D. Sebastião adulto)

Quando morreu Cardeal D. Henrique, como ele não tinha filhos D. Filipe I passou a governar o pai de Espanha e foi assim que Portugal passou a ser independente de Espanha.

Quando D. Filipe I morreu quem o substituiu foi D. Filipe II.

Quando D. Filipe II morreu, D. Filipe III continuou a governar o país.~

**D. Filipe I**- Tenho direito ao trono português porque o meu avô é D. Manuel I. Prometo respeitar as leis os privilégios e os costumes dos portugueses.

**Povo**- Estamos contentes com a coroação de D. Filipe I ao trono português pois podemos obter vantagens.

**Narrador**- Quando D. Filipe I subiu ao trono não fez o que prometeu.

**Narrador**- Fizeram várias tentativas para derrubar o poder Filipino.

**Membros da nobreza**- Nós não vos queremos a governar Portugal, vocês têm de ir para Espanha. Aclamamos o rei D. João IV. Vamos dar início à quarta dinastia.

## **Anexo XXIV – Diário de bordo dia 13 de janeiro de 2014**

### **15.ª Semana – Dias 13 e 14 de Janeiro de 2014**

#### **13 de Janeiro de 2014**

Bem este foi o último dia do projeto que temos vindo a desenvolver, foi um dia muito importante para nós e para as crianças, pois foi o dia da apresentação final aos colegas da turma e também à outra turma de 4º ano de escolaridade.

Nesta fase comecei por verificar se todos os alunos estavam conscientes da ordem pela qual deveriam apresentar a sua história de forma a se organizarem, pois esta foi a altura do ensaio final.

Os alunos estavam um pouco nervosos e alguns até haviam perdido os seus textos, textos esses que eles produziram.

Aqui indiquei-lhes que iriam apresentar pela ordem correta e que os restantes colegas iriam assistir ao ensaio geral.

O primeiro grupo deslocou-se para trás do pano e os restantes ficaram sentados na plateia para assistir.

O barulho na sala era algum mas a conversa era relacionada com aquilo que se estava a passar naquele momento e não sobre assuntos paralelos, como era normal acontecer.

O primeiro grupo demorou imenso tempo até começarem o seu ensaio e foi complicado de os mesmos perceberem que teriam que ensaiar como se aquela já fosse a apresentação final. Senti-me muito ansiosa e tive receio de como tudo iria correr.

Foram dadas indicações aos alunos e estes começaram a apresentar, grupo a grupo todos ensaiaram sendo que uns se notavam mais preparados do que outros. No primeiro grupo foram várias as “falhas” existentes, desde a forma como projetavam a voz, o sítio onde colocavam os bonecos de sombras, o facto de não saberem a história colando-se ao papel ao invés de improvisarem.

De grupo para grupo foi sendo feita uma reflexão sobre o que tinham feito bem e o que tinham feito menos bem, o que necessitavam de melhorar, entre outras observações, o que levou a que de grupo a grupo as coisas fossem melhorando aos poucos.

“Às vezes viam-se as cabeças e falavam baixinho”, “Às vezes não se percebiam as falas porque gaguejavam.”

“Agora percebeu-se um bocadinho melhor!”

Após todos terem feito o ensaio da sua parte da história da formação de Portugal, a turma do lado chegou e os alunos iniciaram a tão esperada apresentação final.

Começamos por contextualizar um pouco todo o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido, para que os outros meninos percebessem e depois demos então início às apresentações.

No final de todas as apresentações apercebi-me que afinal, tendo em conta tudo o que este tipo de projeto envolve e o pouco tempo que os alunos tiveram para construir os bonecos de sombras, os cenários e criar a história, bem como para ensaiarem a mesma, o produto final foi muito interessante, sendo que os alunos da outra turma de 4.º ano e os próprios alunos desta turma fizeram comentários ao mesmo.

“Eu achei que foi giro mas eles enganaram-se ali numa parte e não se percebeu muito bem quando falaram do Dom Sebastião.”

“Acho que foi giro.”

“O que gostei mais de ver foi... foi... tudo!”

“Eu acho que também foi giro e a parte que eu gostei mais de ver foi a batalha de Alcácer Quibir e só não percebi bem foi a última parte.”

Nesta altura os alunos tentaram explicar aos colegas o que não haviam entendido.

Também no final os colegas da turma de 4.º ano partilharam a forma como haviam trabalhado a história da formação de Portugal, o que também possibilita que se tenha noção de que outras formas o mesmo conteúdo pode ser trabalhado.

Para terminar ouvimos ainda um outro comentário que resume um pouco todo o trabalho realizado:

“Eu gostei muito do vosso trabalho, acho que estava muito bom, os cenários, e acho que devem continuar e sei que só este bocadinho deu muito trabalho e estão de parabéns.”

Penso que os alunos conseguiram perceber a grandiosidade deste tipo de atividade tanto a nível de todos os conteúdos que envolve como também todo o trabalho para se conseguir levar a cabo a mesma. Perceberam também que quando estão a fazer teatro de sombras têm que projetar muito bem a voz e que a história tem que ser muito bem contada para que quem está a ver consiga perceber a mesma.

Após os colegas saírem da sala os alunos de forma individual fizeram uma breve reflexão escrita sobre o trabalho que haviam feito durante várias semanas e também a apresentação deste dia, onde refletiram sobre o que correu melhor e pior, o que gostaram mais ou menos, o que aprenderam, entre outras coisas, sendo que as mesmas refletem um pouco o trabalho e esforço de todos.

Ainda no dia seguinte, também de forma individual, e sem consultar nada, os alunos tentaram escrever a sua história, sendo que este registo acaba por ser um bom elemento de avaliação sobre os conteúdos adquiridos ao longo das várias semanas tanto na área do estudo do meio como também das expressões.

Adorei fazer este miniprojecto com os alunos e apesar de alguns dias terem sido difíceis, também foram ao mesmo tempo desafiadores e fizeram com que tivesse noção de realidades existentes em muitas escolas, pois esta foi uma turma com a qual foi por vezes difícil trabalhar mas com a qual também aprendi muito.

## Anexo XXV – Reflexões individuais dos alunos sobre o projeto de Teatro de Sombras

### Teatro de Sombras

#### Projeto “Representar acontecimentos históricos através do teatro de sombras”

Reflete sobre o trabalho que acabaste de apresentar aos teus colegas, tendo em conta todas as aulas onde fomos trabalhando neste projecto até ao dia de hoje.

Para isso deves indicar o que sentiste, o que gostaste mais, o que gostaste menos e o que aprendeste.

O que eu senti foi que não estava simplesmente a fazer um teatro eu estava também a aprender.

O que eu gostei mais foi fazer as personagens e o cenário com o papel de ofício e ajudar os colegas e de estudar.

O que gostei menos foi de apresentar o jogo porque se riram.

O que aprendi foi que há várias dinastias e que houve vários reis e rainhas.

## Teatro de Sombras

### Projeto "Representar acontecimentos históricos através do teatro de sombras"

Reflete sobre o trabalho que acabaste de apresentar aos teus colegas, tendo em conta todas as aulas onde fomos trabalhando neste projecto até ao dia de hoje.

Para isso deves indicar o que sentiste, o que gostaste mais, o que gostaste menos e o que aprendeste.

Trabalhei muito nas primeiras aulas,  
particpei muito mas no grupo às  
vezes houve discussões.

Fui vários personagens: D. Teresa,  
Navegador e 2 guerreiros portugueses.  
gostei tanto deste trabalho.

- No meu grupo está: eu, o João, o Sérgio  
e o Pedro.

- Quando desenhamos a história diverte-me  
bastante.

- O que mais gostei foi representar,

## Teatro de Sombras

### Projeto "Representar acontecimentos históricos através do teatro de sombras"

Reflete sobre o trabalho que acabaste de apresentar aos teus colegas, tendo em conta todas as aulas onde fomos trabalhando neste projecto até ao dia de hoje.

Para isso deves indicar o que sentiste, o que gostaste mais, o que gostaste menos e o que aprendeste.

Eu aprendi que o trabalho em grupo é mais difícil do que parece mas gostei de trabalhar com as estagiárias e também gostei de trabalhar em grupo.

Fazer os bonecos de sombra e fazer o cenário e para fazer o trabalho. O material que usei foi cartões e papel selofan.

Todia ter melhorado os meus bonecos para as sombras que ia apresentar e o cenário foi bom só que para mi estava um bocado amarrado mas de resto estava bom.

O que mais gostei foi de estar a apresentar porque acho que quando estamos a apresentar começa-mos a ficar nervosos. Gostei de aprender a fazer bonecos de sombra e um cenário.

Eu senti-me feliz por tido uma experiência nova para mim.

## Teatro de Sombras

### Projeto “Representar acontecimentos históricos através do teatro de sombras”

Reflete sobre o trabalho que acabaste de apresentar aos teus colegas, tendo em conta todas as aulas onde fomos trabalhando neste projecto até ao dia de hoje.

Para isso deves indicar o que sentiste, o que gostaste mais, o que gostaste menos e o que aprendeste.

Eu senti que estava naqueles tempos e feliz por ter umas estagiárias que pensaram num projeto que para os alunos é divertido.

O que mais gostei foi melhorar os conhecimentos e através do teatro de sombras aprender mais coisas sobre a história de Portugal.

O que eu gostei menos não foi nada.  
Eu aprendi muitas coisas interessantes, fiz bonecos de sombras muito fises.

## Teatro de Sombras

### Projeto “Representar acontecimentos históricos através do teatro de sombras”

Reflete sobre o trabalho que acabaste de apresentar aos teus colegas, tendo em conta todas as aulas onde fomos trabalhando neste projecto até ao dia de hoje.

Para isso deves indicar o que sentiste, o que gostaste mais, o que gostaste menos e o que aprendeste.

Eu sentimo muito contente porque aprendi a fazer bonecos de sombras chinesas, e a formar a história de Portugal.

Eu também gostei mais de formar bonecos de sombras com papel selofane a ajudar os meus colegas.

Eu aprendi a fazer bonecos de sombras, aprendi a ler, a valer escrever, a ouvir e gostei muito de participar em diversas atividades. Eu gostei muito das esta-  
gias porque sobre a tabela do com-  
partamento e quem tive-se verde, resplia  
bonbons ou outras coisas e antes não  
faziamos a tabela dos compartimentos e não  
recebiamos nada.

## Teatro de Sombras

### Projeto “Representar acontecimentos históricos através do teatro de sombras”

Reflete sobre o trabalho que acabaste de apresentar aos teus colegas, tendo em conta todas as aulas onde fomos trabalhando neste projecto até ao dia de hoje.

Para isso deves indicar o que sentiste, o que gostaste mais, o que gostaste menos e o que aprendeste.

Eu adorei fazer os bonecos do teatro de sombras, os cenários com ajuda das estagiárias. O papel de ator ajudou para colorir os bonecos. Senti-me bem em quanto estava a representar, o que mais gostei foi fazer os bonecos e representar.

Melhorei e colaborei no grupo. Se tivesse mais tempo melhoraria muito o meu boneco, a peça de teatro e o cenário, foi uma experiência que nunca terei.

## Teatro de Sombras

### Projeto “Representar acontecimentos históricos através do teatro de sombras”

Reflete sobre o trabalho que acabaste de apresentar aos teus colegas, tendo em conta todas as aulas onde fomos trabalhando neste projecto até ao dia de hoje.

Para isso deves indicar o que sentiste, o que gostaste mais, o que gostaste menos e o que aprendeste.

Eu senti alegria, amor e amizade.  
Eu gostei mais de tudo porque as coisas  
são muito especiais para mim. Eu aprendi  
a história de Portugal, aprendi a fazer  
lanetas de sombras.